



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Caminhos de voz e participação: perspetiva dos jovens acerca do papel da Escola na promoção da participação social

Mafalda Alves Carneiro

Mestrado em Sociologia

Orientador:

Prof. Dr. Alexandre Calado, Professor Auxiliar Convidado
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

Departamento de Sociologia

Caminhos de voz e participação: perspetiva dos jovens acerca do papel da Escola na promoção da participação social

Mafalda Alves Carneiro

Mestrado em Sociologia

Orientador:

Prof. Dr. Alexandre Calado, Professor Auxiliar Convidado
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

“Education is for improving the lives of others and for leaving your community and world better than you found it”, Marian Wright Edelman

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos aqueles que me apoiaram ao longo de toda esta jornada pessoal e académica e que tornaram possível a elaboração desta dissertação. Primeiramente, agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Alexandre Calado, pela sua orientação e constante apoio e, acima de tudo, por sempre ter acreditado neste trabalho mesmo em momentos em que eu própria duvidava e questionava o seu potencial.

Agradeço também a todos os docentes e colegas, do ISCTE e não só, que me incentivaram e apoiaram neste percurso académico, proporcionando apoios e conhecimentos essenciais para a realização desta dissertação.

Não posso deixar de mencionar os meus amigos, Rita, Filipa, Anabela e muitos mais a quem agradeço pela amizade e companhia ao longo deste percurso. Pessoas que, por vezes, mesmo sem o saberem, me ajudaram bastante a continuar a minha caminhada e a acreditar no futuro sem medos em cada passo.

E, por fim, agradeço à minha família que esteve sempre ao meu lado ao longo deste percurso com motivação, amor e orgulho em todas as instâncias. Aos meus pais e irmãos, o meu mais profundo agradecimento. Vocês são a minha maior fonte de motivação.

A todos vocês, o meu maior e sincero agradecimento.

Resumo

A participação social traduz-se no exercício da cidadania por parte dos cidadãos, através de ações individuais e coletivas orientadas para a melhoria da vida enquanto sociedade. Neste contexto, a escola tem um papel fundamental no incentivo e na criação de condições para que os jovens participem, dando-lhes voz e responsabilidade, tanto na sala de aula como em ambiente escolar. A presente investigação tem como objetivo compreender as perspectivas dos jovens sobre o papel da Escola na promoção da participação social, explorando vertentes como as experiências escolares, educação para a cidadania e visões da juventude sobre o futuro. Para tal, recorre-se a uma abordagem qualitativa com base em 17 entrevistas realizadas a jovens, complementadas por entrevistas exploratórias, revisão de literatura de estudos anteriores e análise documental da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC). Os resultados mostram que, embora os jovens vejam a Escola enquanto espaço democrático que deve criar uma relação de proximidade entre o ensino e as vivências, as suas experiências escolares revelam a perceção de um desfasamento entre esse ideal e a realidade atual do ensino. Isto sugere a necessidade urgente de se repensar o que se pretende da instituição no fomento da cidadania e participação da juventude.

Palavras-chave: Participação social; cidadania; Escola; jovens

Abstract

Social participation means citizens exercising their citizenship through individual and collective actions aimed to improve life as a society. In this context, School plays a fundamental role in encouraging and creating conditions for young people to participate, by giving them a voice and responsibility, both in the classroom and in the school environment. This research aims to understand young people's perspectives on the role of School in promoting social participation, by exploring aspects such as school experiences, education for citizenship and young people's visions of the future. In order to achieve this, a qualitative approach was used, based on 17 interviews with young people, in addition to exploratory interviews, a literature review of previous studies and a documentary analysis of the National Strategy for Citizenship Education (ENEC). The results show that, although young people see School as a democratic space that should create a close link between education and life experiences, their school journeys reveal a perceived gap between this ideal and the current reality of education. This suggests an urgent need to rethink what is intended of this institution in promoting citizenship and youth participation.

Keywords: Social participation; citizenship; School; young people

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract	vii
Introdução.....	1
Capítulo 1. Revisão de literatura	3
1.1. Cidadania e participação social	3
1.2. Jovens e participação social.....	5
1.3. Escola e formação em cidadania.....	6
1.4. Estudos atuais sobre a temática	8
Capítulo 2. Metodologia.....	11
2.1. Metodologia de investigação	11
2.2. Caracterização sociodemográfica dos participantes	13
2.3. Princípios éticos e deontológicos.....	15
Capítulo 3. Análise documental	16
3.1. Introdução	16
3.2. Princípios e Objetivos da Educação para a Cidadania.....	17
3.3. Dimensões da Educação para a Cidadania	17
3.4. Implementação da Educação para a Cidadania.....	18
3.5. Conclusões da análise do documento	19
Capítulo 4. Análise de resultados	21
4. 1. Cidadania e participação social	21
4. 2. Práticas de participação social	24
4. 3. Escola na promoção da participação social: expetativas e experiências	26
4. 4. Educação para Cidadania.....	31
4. 5. Perspetivas de futuro: oportunidades e barreiras	33
Conclusões	37
Referências Bibliográficas	41
Anexos.....	46

Introdução

Nas últimas décadas, a globalização e as constantes e aceleradas mudanças sociais têm desafiado diversas instituições das sociedades contemporâneas a adaptarem-se às novas realidades e necessidades, que têm vindo a ser amplificadas por elementos como o maior acesso à informação e o aumento do uso das tecnologias. Em particular, uma dessas instituições, a Escola, tem sido confrontada com a necessidade de se reconfigurar na visão pedagógica e social que adota na formação das crianças e jovens no século XXI (Neto-Mendes et al., 2018).

No âmbito deste ciclo de mudanças, a disciplina de Cidadania e Desenvolvimento tem gerado um debate complexo em torno do seu conteúdo e obrigatoriedade no sistema educativo em Portugal. Por um lado, há quem veja a disciplina como essencial para a formação de jovens ativos e críticos, mas, por outro lado, há quem a considere uma mera promotora de projetos ideológicos da política (Pinto et al., 2023). Para além disso, estes debates atuais derivam de uma problemática mais ampla acerca do papel da Escola e dos seus limites, questionando até que ponto é que a educação e a participação social dos jovens são da sua responsabilidade, em conjunto com a comunidade e a família (Dubet et al., 2010).

Contudo, de carácter recorrente, estas discussões acabam por se limitar a questões políticas e burocráticas em torno da Escola através de artigos de opinião de figuras públicas, muitas vezes centradas na inclusão ou não de temas mais controversos como a identidade de género e a sexualidade, em vez de colocarem os jovens no foco das reflexões contemporâneas (Pinto et al., 2023). Ao negligenciar-se a perceção dos jovens, perde-se a oportunidade de entender se a Escola está realmente a cumprir o seu papel social e de que forma o deve fazer, quer através de disciplinas como a Cidadania e Desenvolvimento, quer através do próprio ambiente escolar entre professores, alunos e funcionários.

A presente investigação incide assim sobre as perspetivas dos jovens acerca do papel da Escola, em particular na promoção da participação social e formação para uma cidadania ativa, com o intuito de dar voz às suas vivências. Procurou-se, então, afastar-se das narrativas ideológicas e políticas que têm vindo dominar o debate atual, dando-se primazia às vozes dos principais protagonistas e destinatários do sistema educativo em Portugal, os jovens.

Para tal, a questão de partida da pesquisa é: como é que os jovens percecionam o papel da Escola na promoção da sua participação social? Os objetivos gerais e específicos são: (i) identificar os modos de participação social mais comuns dos jovens, (ii) explorar as opiniões dos jovens sobre o papel da Escola na promoção da participação social, (iii) caracterizar a

percepção dos jovens sobre a educação para a Cidadania na formação social e (iv) investigar as percepções dos jovens sobre as competências sociais do futuro e o papel da Escola em desenvolvê-las.

Adicionalmente, destacam-se dois objetivos de natureza científica e académica: (i) contribuir para a literatura sociológica portuguesa no âmbito dos estudos da juventude e (ii) contribuir para o debate público sobre a formação em cidadania dos jovens e o papel que a Escola deve ter nessa formação.

Ao fim de concretizar os objetivos, a presente investigação utiliza uma abordagem metodológica qualitativa, com destaque às entrevistas semiestruturadas a jovens que se situam entre os 18 e os 26 anos. As técnicas complementares são a análise documental, a revisão de literatura e as entrevistas exploratórias. A escolha da faixa etária dos entrevistados deveu-se ao facto de já se encontrarem fora da escolaridade obrigatória, ao mesmo tempo que mantêm uma proximidade com as suas memórias e experiências passadas em âmbito escolar.

A dissertação está dividida em quatro capítulos tematicamente organizados. No primeiro capítulo, proporciona-se uma concetualização teórica das temáticas e conceitos relacionados com o tema escolhido, assim como a contextualização dos estudos já realizados na área em causa, servindo para enquadrar o objeto em estudo. O segundo capítulo apresenta a metodologia de investigação com a articulação dos objetivos com os métodos utilizados para justificar as escolhas e, ao mesmo tempo, com a apresentação dos perfis dos participantes na pesquisa.

Posteriormente, o terceiro capítulo consiste na análise do documento intitulado de “Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania” (ENEC) com base em três categorias pré-definidas para compreender as orientações já existentes no âmbito escolar. Em articulação com o capítulo identificado anteriormente, o quarto capítulo engloba a exposição e análise dos resultados, com destaque para a análise das entrevistas que se articulam com os objetivos iniciais.

A dissertação é finalizada com uma discussão crítica dos resultados obtidos e com uma síntese das principais conclusões, contributos e limitações a ter em conta para estudos futuros.

CAPÍTULO 1

Revisão de literatura

1.1. Cidadania e participação social

Os conceitos de cidadania e participação social emergem como tópicos centrais nos debates contemporâneos (Santos, 2005). Essa centralidade está vinculada aos fundamentos basilares das democracias liberais, que se sustentam em valores como a coesão, integração social e igualdade de oportunidades (União Europeia, 2012).

Na teoria funcionalista de Parsons (1937), a estabilidade do sistema social de qualquer sociedade depende de mecanismos que suportem a integração dos indivíduos e a legitimação das instituições. Para o autor, a cidadania é vista como sendo um elemento estruturante desse sistema, uma vez que desempenha a função de definição de papéis através de direitos e deveres que são atribuídos a todas as pessoas. Isto torna possível a coesão social e a plenitude da vida dos cidadãos, ou seja, a cidadania é um dos meios que orienta as ações individuais e coletivas para o bem comum e para a ordem social da sociedade (Parsons, 1937).

A partir de uma perspectiva do pós-Segunda Guerra Mundial, o sociólogo britânico T. H. Marshall (1950) associa o desenvolvimento da cidadania à evolução da Modernidade nos três séculos anteriores, que trouxe consigo mudanças sociais, entre elas, a expansão de direitos que anteriormente eram exclusivos a um conjunto limitado de grupos, como a nobreza e o clero. Ou seja, a cidadania está associada a um movimento de igualdade e à consolidação dos direitos e deveres que se moldam consoante mudanças sociais, sendo que esta definição orienta o entendimento moderno do conceito (Marshall, 1950; Janoski & Compion, 2001).

Este conceito é caracterizado pelas componentes civil, política e social que estão relacionadas com a capacidade de os indivíduos participarem ativamente na sociedade de diferentes formas, inclusivamente, através da participação social. Para tal, segundo T. H. Marshall (1950), a cidadania não se limita apenas ao estabelecimento das condições mínimas de vida, pelo que abrange uma garantia de que todos os membros da sociedade conseguem usufruir da herança social partilhada de base nacional. Mas, ao mesmo tempo, reforça que todos têm deveres e responsabilidades em relação ao Estado.

No entanto, com a ascensão e intensificação da globalização, Arjun Appadurai (2013) critica as teorias da modernidade baseadas apenas na vinculação nacional, expandindo o

significado de cidadania para algo que transcende fronteiras físicas e nacionais e que desafia as concepções mais tradicionais, incluindo migrantes, refugiados e outros grupos anteriormente excluídos. Como tal, Appadurai (2013) e Janoski e Compion (2001) oferecem uma visão contemporânea e inclusiva da cidadania e da participação social nas diferentes escalas de ação por meio de mecanismos que devem estar acessíveis a todos os membros da sociedade. Isto é particularmente relevante num mundo marcado pela constante mudança e pela propagação de diferentes fontes de informação, que devem ser exploradas de forma informada e consciente no exercício da cidadania.

Em articulação com esta perspectiva, Stahl (2020) propõe uma redefinição do conceito de cidadania a partir do nível local, que rejeita a ideia de fronteiras rígidas, ao invés defendendo uma concepção mais inclusiva exercida através da participação ativa na sociedade, mesmo sem o reconhecimento jurídico.

Turner (1993) reforça a ideia de que a cidadania deve ir além dos direitos e deveres dos cidadãos, salientando a participação social, que está associada a um papel ativo em questões que impactam as suas vidas e interesses. Neste sentido, apresenta a distinção entre participação social e participação cívica como relevante, devido à expansão do significado do que é a cidadania.

A vertente cívica tende geralmente a limitar-se a ações formais e direcionadas para a política e obrigações dos cidadãos como votar ou filiar em partidos políticos. Por sua vez, a participação social inclui um conjunto mais amplo de atividades e comportamentos que não estão necessariamente ligados a obrigações e deveres cívicos, mas também a ações que beneficiam a comunidade, sendo algumas dessas, voluntariado, associações e manifestações (Zukin et al., 2006; Turner, 1993).

Segundo Zukin et al. (2006), estas atividades incluídas na participação social são tão importantes como as relacionadas com a política, uma vez que vivemos numa sociedade pluralista onde existem pessoas diferentes que podem optar por diversas formas de se envolverem. Bennet (2003) diferencia dois tipos de cidadãos - “dutiful citizen” e “actualizing citizen” - cuja distinção reforça a ideia de que existem diferentes formas de participação que são igualmente significativas na sociedade, apesar de diferentes.

Complementando estas ideias, Santos (2002) enfatiza que a participação social consiste num processo pelo qual os indivíduos se envolvem em ações de tomada de decisões ou em apoios, ou seja, este conceito não se limita a um conjunto de direitos. Segundo o mesmo autor, estas ações não se limitam a formas mais formais como o voto ou a afiliação a partidos, uma vez que incluem novas maneiras promotoras de valores como a inclusão,

justiça e coesão social. Por exemplo, movimentos sociais, orçamentos participativos e fóruns comunitários.

A partir desta perspetiva, Piškur et al. (2013) estabelecem níveis de participação social com os seus respetivos exemplos, que representam uma continuidade de ações que transitam de um caráter passivo para ativo, assim como de envolvimento individual para coletivo. Neste modelo, o nível 1 representa um conjunto de ações abstratas e individuais e o nível 6 consiste num leque de ações concretas, organizadas e em comunidade, por exemplo, participar em associações, manifestações e participar através do voto (Piškur et al., 2013).

Os níveis de participação social apresentados na taxonomia de Piškur são:

- Nível 1 – Realizar atividades para preparar para o contacto social;
- Nível 2 – Estar próximo de outras pessoas;
- Nível 3 – Interagir com outras pessoas sem contacto físico;
- Nível 4 – Realizar uma atividade em conjunto com outros;
- Nível 5 – Ajudar outras pessoas;
- Nível 6 – Contribuir para a comunidade

Todos estes níveis apresentados pelos autores demonstram que este conceito não representa algo homogéneo, pelo que se pode manifestar de diversas formas e complexidades. Ou seja, é um processo dinâmico que responde aos interesses, características e possibilidades de cada um.

1.2. Jovens e participação social

A participação social é, assim, considerada componente-chave na formação e nas vivências de vários grupos populacionais, entre eles, os jovens. Contudo, como Berger e Luckmann (2004) referem, os indivíduos não nascem membros da sociedade, mas sim com a predisposição para tal através das socializações primárias e secundárias pelas quais reconhecem e entendem qual o seu respetivo enquadramento na sociedade. Neste sentido, White (2021) demonstra que estes processos têm início desde cedo com o fomento da responsabilidade. Isto é conseguido através da família e outros contextos de socializações como a escola e a comunidade.

Como tal, para Zlobina et al. (2024), torna-se importante que as crianças e jovens sejam educados para se tornarem cidadãos ativos e críticos, que consigam agir de forma pacífica e

respeitosa, com base em valores e direitos humanos universais. Kiilakoski (2020) destaca a necessidade de se assegurar o direito intransmissível de cada jovem ser incluído e valorizado. Esta exigência existe, uma vez que a participação da juventude pode resultar em reformas institucionais e fortalecer a relação entre a juventude e a democracia.

Adicionalmente, Nancy Fraser (2002) explora a relação entre a globalização e a justiça social com destaque à participação efetiva dos jovens e o seu papel central na sociedade. Segundo a autora, a participação social consiste em um dos meios que permite aos jovens fazerem-se ouvir, de modo a contribuírem para a justiça social no combate às desigualdades. Como tal, todos os indivíduos, inclusivamente os jovens, devem ter apoios e acesso a recursos necessários para conseguirem intervir socialmente de forma efetiva e significativa.

Por sua vez, Russel Dalton (2008) explora ideia de que a forma como os jovens participam na sociedade está a sofrer alterações também, através do crescimento das redes sociais e da participação a partir das mesmas, no sentido em que esta passa a não estar limitada a vertentes convencionais. Segundo o autor, estas mudanças passam pela substituição das formas tradicionais e pelo surgimento de novas formas de participar que tendem a resultar de uma falta de confiança em figuras da política, da procura de justiça social e da tentativa de participar em decisões que afetam as suas vidas.

Apesar destas alterações originarem desafios à democracia, também permitem o fortalecimento desse sistema político.

1.3. Escola e formação em cidadania

Sendo a cidadania um aspeto fundamental das sociedades, coloca-se a questão de como formar os jovens para a cidadania, com foco nas instituições da sociedade. Na atualidade, a investigação sobre a participação social tem relevado um aparente consenso entre investigadores acerca da influência que as instituições têm na formação social dos cidadãos, com proeminência, a Escola (Ribeiro & Menezes, 2015; Rodrigues & Sousa, 2023). Estas discussões são acompanhadas por críticas sobre o papel da Escola, devido ao debate em torno de questões que têm emergido: O que deve ser ensinado aos alunos? Como é que se deve ensinar aos alunos? Como incentivar a participação ativa dos jovens na escola? Qual é o papel da Escola? Qual é o papel da família e da sociedade?

Em particular, torna-se relevante discutir, não só o conteúdo, mas também as metodologias e práticas pedagógicas utilizadas. Neste contexto, Pantoja (2010) e Biesta (2011) apresentam a

escola como um espaço crucial para o desenvolvimento da cidadania, através de um ambiente propício à prática cívica onde os jovens são incentivados a participarem ativamente.

Na mesma linha, Menezes et al. (2022) associam a Escola ao desenvolvimento da cidadania em Portugal, sustentadas em vários documentos oficiais da Educação a referir brevemente: Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, Educação para a Cidadania – linhas orientadoras, e Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC). Estes documentos enumerados mostram de forma clara que o sistema educativo em Portugal deve e tenta promover competências de cidadania, pois são documentos que guiam práticas ao longo dos vários ciclos de escolaridade.

Em conformidade com essas ideias, Pacheco (2000) apresenta a Escola como um mecanismo para alcançar uma sociedade igualitária, através do ensino dos saberes fundamentais dos currículos escolares, sem afastar as suas funções na formação e na construção da cidadania dos jovens. Para tal, é também importante que a Escola seja capaz de encarar a voz dos jovens como legítima, sem que esses se sentiam excluídos nem perdidos (Freire, 2011; Rodrigues & Sousa, 2023).

Os contributos teóricos de Berinsky e Lenz (2010) destacam a Escola enquanto promotora da socialização primária dos jovens, devido à ligação precoce que esta instituição estabelece entre a geração mais jovem e as problemáticas sociais que mais suscitam interesse, através de mecanismos como a participação social. Estes destaques vão ao encontro de outros estudos, como é o caso do livro da autoria da Capucha et al. (2021), que conclui que os jovens mais escolarizados estão mais envolvidos na vida política e social, o que demonstra o papel da Escola na participação social.

Para além disso, a relação entre a escolaridade e os níveis de participação evidencia que a Escola não é apenas um espaço de aprendizagem, mas também de socialização, onde os jovens constroem redes de contactos que influenciam o seu envolvimento ao longo da vida (Berinsky & Lenz, 2010).

Neste sentido, Putnam (1995) sublinha a necessidade de existir uma ligação reforçada entre a participação social dos jovens e a Escola, numa tentativa de contrariar a redução generalizada do capital social. De forma semelhante, Coleman (1988) aborda o impacto que as escolas têm na criação de redes de apoio social aos jovens, sendo fulcrais para a igualdade de oportunidades e para o fortalecimento do capital social pelo que, ao construir essas relações entre todos os agentes educativos, a Escola pode ter uma influência positiva que pode mitigar desigualdades sociais atuais.

Em outros dos seus trabalhos, Robert Putnam (2015) associa as suas ideias à crescente individualização do termo “nós” resultante do declínio da vida cívica. Isto acontece, porque, segundo o mesmo autor, a palavra “nós” é menos entendida ao nível da comunidade, mas sim compreendida no plano individual ou da família. Estes fenómenos devem ser combatidos pela Escola, uma vez que também existem consequências ao nível das desigualdades económicas e sociais que impactam a sua mobilidade social e dificultam o acesso dos jovens a oportunidades de participarem socialmente em plenitude com o exercício da sua cidadania.

Em contraste com a função social prevista em documentos orientadores e em estudos, surgem críticas e dúvidas sobre o papel da Escola na promoção da participação social dos jovens, sendo que uma das várias razões é a discrepância entre os níveis de participação e os níveis de escolaridade. Persson (2012) defende que o crédito atribuído à Escola não é necessariamente causado pela instituição, isto porque os níveis de participação social também se devem a outros fatores estruturais, como a classe social. Estes fatores determinam as possibilidades de cada indivíduo e até mesmo a sua escolaridade, pelo que a Escola deve ser um espaço que fomente competências de cidadania e participação dos jovens, através da articulação com outros agentes educativos, como as famílias e a comunidade.

Caso contrário, corre-se o risco do papel pretendido da instituição não se traduzir em mudanças e ações concretas na formação dos jovens devido ao caráter excessivamente teórico (Salado et al., 2024). Perante este risco, a Escola e a Educação para a Cidadania têm o potencial de fomentar práticas duradouras para fazer frente ao mesmo, pelo que a disciplina deve ser organizada e consistente (Mogarro & Martins, 2010; Reis, 2000).

1.4. Estudos atuais sobre a temática

Nos últimos anos, diversos estudos têm abordado diferentes visões e perspetivas em relação ao papel da Escola na promoção da participação social dos jovens, sendo que o leque de ideias e conclusões resultantes dos mesmos fornecem uma base sólida para a identificação de críticas e lacunas apontadas a esta instituição. Um dos estudos mais atuais é o caso do projeto denominado de “A participação política de jovens vista por dentro: perspetivas de ativistas sobre as formas, as causas, os motivos e o futuro” realizado por Silva et al. (2022), para a Fundação Calouste Gulbenkian.

O estudo realizado por Silva et al. (2022) apresenta uma visão relativa às perceções de um conjunto diversificado de jovens ativistas integrados em *focus groups*, relativamente a diversos tópicos da participação da juventude em Portugal, tais como, as formas e as causas para a falta

de participação. Neste contexto, existe um consenso entre os jovens ativistas no que diz respeito à identificação da Escola como uma das principais causas dos baixos níveis de participação, devido a lacunas como a falta de espaços para debates e de ensino prático sobre os princípios e organizações dos vários partidos políticos (Silva et al., 2022).

Outro estudo recente sobre esta temática é o projeto “Reinventar a cidadania europeia de jovens: as escolas como espaços de educação política”, da autoria de Menezes et al. (2022), que explora o papel da Escola na formação de jovens, enquanto cidadãos de modo a entender se o espaço escolar pode ser ou não ser promotor de uma cidadania ativa e responsável, com base em grupos de discussão de jovens. Um aspeto diferenciador deste estudo é a realização adicional de entrevistas a professores em conjunto com alunos.

Em ambos os casos, as conclusões dos estudos identificam insuficiências da Escola no ensino, que é visto como teórico e distante da realidade prática dos jovens e, consequentemente, dos interesses dos mesmos, tais como, luta contra o racismo e o combate às desigualdades. Como tal, é identificada a necessidade de a instituição se aproximar da realidade dos jovens através da reformulação do seu ensino.

Estes estudos vão ao encontro de críticas de Vieira (2015), que aponta para a desconexão entre a Escola e a realidade, promovendo uma educação vista como superficial e distante dos interesses dos jovens.

Por fim, um terceiro estudo a referir é da autoria de Capucha et al. (2021) “Jovens do Concelho de Sintra: Condições de Vida, Atitudes e Práticas. Câmara Municipal de Sintra” que se foca unicamente na perspetiva de jovens, nas suas condições de vida e práticas, entre elas, a relação com a Escola. A instituição é percecionada como estando demasiado focada no mercado de trabalho e na obtenção de resultados e com a falta de integração com a comunidade. Assim, as conclusões vão ao encontro dos estudos referidos e reforçam a importância de se criarem políticas educativas adaptadas às realidades locais de cada estabelecimento de ensino.

Finalmente, o estudo de Malafaia et al. (2018), inserido no projeto europeu CATCH, financiado pela Comissão Europeia e realizado entre 2015 e 2018, chega também a conclusões próximas dos estudos realizados em Portugal. Uma das conclusões referentes à Escola é que, mais uma vez, a educação cívica é excessivamente teórica e desatualizada (Malafaia et al., 2018).

Assim, de forma sintética, as conclusões dos quatro estudos explicitados apontam para uma opinião dos jovens que entendem a Escola como sendo uma instituição de carácter teórico e, por vezes, desligada da realidade dos jovens relativamente aos seus interesses e à comunidade em que estão inseridos. Para além disso, destacou-se o facto de muitos jovens não reconhecerem a

Escola como um espaço significativo para o exercício da cidadania, sentindo que, muitas vezes, as suas vozes não são valorizadas em determinadas dimensões e que não existe espaço para se expressarem em algumas circunstâncias.

No entanto, uma ideia transversal nos estudos é o reconhecimento do potencial transformador que a Escola pode vir na perspectiva dos jovens apesar das críticas, desde que a instituição promova metodologias inclusivas e cívicas e reformule currículo. Mesmo assim, os estudos anteriores exploram opiniões generalistas dos jovens, pelo que se torna importante aprofundar essas mesmas perspectivas em conjunto com novas informações sobre a disciplina de Cidadania que não é muito explorada, apesar da intensificação do debate público.

CAPÍTULO 2

Metodologia

2.1. Metodologia de investigação

Perante a existência de estudos anteriores e as questões levantadas pelos autores apresentados, a investigação tem como foco captar as perspetivas dos jovens acerca do papel da Escola na promoção da participação social.

Os principais objetivos desta investigação passam por identificar os modos de participação social mais comuns dos jovens, em conjunto com as suas perceções sobre o papel da escola na promoção da participação social e as fragilidades atribuídas à instituição escolar pelos jovens. Para além disso, a investigação pretende analisar as perceções dos jovens sobre a adequação e efeito da educação para a cidadania na formação cívica e social e, ao mesmo tempo, explorar as perceções dos jovens sobre as competências sociais do futuro e o papel da Escola em desenvolvê-las.

Ao fim de alcançar os objetivos definidos, a abordagem metodológica escolhida foi qualitativa exploratória, pela sua capacidade de captar a complexidade da temática, através de traços de abertura e flexibilidade. Segundo Bryman (2012) e Ragin e Amoroso (2011), as abordagens qualitativas são particularmente valiosas quando o objeto de pesquisa passa por entender as experiências e significados que os indivíduos atribuem às suas interações, como é o caso do objeto desta investigação.

Como tal, os métodos de pesquisa escolhidos foram duas entrevistas exploratórias, revisão de literatura dos estudos realizados estudos realizados a nível nacional e internacional sobre o tema, análise documental da ENEC e 17 entrevistas semiestruturadas direcionadas a jovens, sendo que estas representam a fonte primária da recolha de dados.

O recurso à técnica de recolha de informação de entrevistas exploratórias, com base nos guiões disponíveis no Anexo B, permitiu uma primeira vertente de exploração do objeto da investigação em questão. O intuito consistiu em recolher informações basilares e contributos de especialistas que guiem a investigação em causa (Bryman, 2012; Silverman, 2014). Deste modo, esta técnica é vista por este autor como sendo uma maneira enriquecedora de obter *insights* iniciais, que permitem ao investigador explorar algumas questões e identificar ideias-chave a aprofundar. Como tal, as duas entrevistas exploratórias acabaram por auxiliar na construção dos objetivos da investigação. Ambas as entrevistas exploratórias aconteceram no

Iscte no mês de setembro de 2024, tendo sido realizadas a duas investigadoras portuguesas, especialistas nas áreas do associativismo, participação cívica e da sociologia da educação.

Adicionalmente a esta fase inicial da investigação, a segunda técnica metodológica utilizada foi a realização de uma revisão de literatura de estudos anteriormente realizados em Portugal sobre a temática da pesquisa. Esta revisão resultou na identificação de quatro estudos recentes significativos para o tema, três estudos portugueses e um internacional: (i) “A participação política de jovens vista por dentro: perspetivas de ativistas sobre as formas, as causas, os motivos e o futuro”, (ii) “Reinventar a cidadania europeia de jovens: as escolas como espaços de educação política”, (iii) “Jovens do Concelho de Sintra: Condições de Vida, Atitudes e Práticas. Câmara Municipal de Sintra” e (iv) projeto europeu CATCH.

Blaikie (2007) salienta a importância desta técnica para situar a investigação dentro das teorias e estudos empíricos já existentes. O seu uso permite também identificar lacunas no conhecimento e contribuir para um dos objetivos de fundamentar a contribuição desta investigação para a literatura sociológica portuguesa no âmbito dos estudos da juventude.

A terceira técnica de recolha de informação consistiu na análise documental de documentos enquadradores do Ministério da Educação. O documento principal é a ENEC, cuja escolha deveu-se à centralidade e importância para a criação do programa da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento em vigor. A sua análise potenciou uma comparação entre os objetivos orientadores e as perspetivas dos jovens, indo assim ao encontro de um dos objetivos da investigação de contribuir para o debate público sobre a formação em cidadania dos jovens e o papel da Escola.

O propósito da análise documental, segundo Flick (2014) e Bardin (2011), é examinar documentos com o intuito de entender as diretrizes institucionais, pelo que as vantagens desta técnica passam pela capacidade de se obterem dados contextuais para comparar objetivos estabelecidos e a realidade observada. Um aspeto identificado pelos autores é a existência de critérios que suportam a escolha do documento, tendo acontecido nesta investigação. Isto porque a análise serve de base para responder aos objetivos da pesquisa e a apreciação da adequação e efeito da educação para a cidadania pelos jovens entrevistados.

Por fim, a última e principal técnica metodológica foi a realização de entrevistas semiestruturadas, que vão ao encontro de todos os objetivos da pesquisa. A escolha desta técnica deveu-se à sua capacidade de proporcionar um aprofundamento das questões em estudo através da sua flexibilidade e menor rigidez na condução da entrevista (Silverman, 2014). Esta tipologia encontra-se num nível intermédio em que o investigador pode estruturar o seu

pensamento de forma flexível consoante o objeto abordado, as características do entrevistado e o próprio rumo da entrevista (Silverman, 2014; Flick, 2014).

As entrevistas semiestruturadas foram orientadas pela definição de três perfis e segmentos de amostra a ter em conta na seleção dos participantes, visando garantir a diversidade dos participantes relativamente aos percursos académicos e profissionais. Os perfis foram:

- A - Jovens que frequentem o Ensino Superior, somente estudantes;
- B - Jovens trabalhadores-estudantes que estejam a frequentar o Ensino Superior;
- C - Jovens que se encontrem apenas a trabalhar.

Os perfis estabelecidos englobam ainda outras características e variáveis em cada um deles, de forma a promover a diversidade de participantes, sendo que se pretendeu englobar o género, o envolvimento ou não em associações e, por fim, a naturalidade. Contudo, em qualquer um dos casos, existiam características universais que não se podem alterar, sendo essas, a faixa etária (18 aos 26 anos), a localização geográfica (Região de Lisboa) e a finalização da escolaridade obrigatória do 12º ano.

Para a seleção dos entrevistados, foi utilizada uma amostragem propositada mista que inclui, primeiramente, a amostra por critério utilizada para definir os critérios de seleção e, posteriormente, a amostra por conveniência. A identificação e seleção dos entrevistados começou por seguir a amostra por conveniência para o contacto com os participantes a partir do rápido acesso dentro do círculo social da investigadora.

Esta abordagem foi complementada com a estratégia da amostra por bola de neve, permitindo o acesso aos entrevistados através da procura progressiva de pessoas fora do círculo social para a obtenção de novas informações e perspetivas. Em ambos os casos, Emmel (2013) apresenta vantagens para os tipos de amostragem, uma vez que a amostra por convivência está associada ao rápido acesso aos participantes, enquanto a amostra por bola de neve permite contrair os efeitos de rede.

2.2. Caracterização sociodemográfica dos participantes

No total, foram realizadas 17 entrevistas semiestruturadas a jovens cujas idades estavam compreendidas entre os 19 e os 26 anos, inclusive. A amostra deste estudo foi constituída por 12 jovens do género feminino e 5 do género masculino, naturais de países de língua oficial portuguesa, sendo eles Portugal (n=13), Angola (n=2), Guiné-Bissau (n=1) e Cabo Verde (n=1).

As características da amostra anteriormente apresentadas resultaram da procura de diversidade na representatividade e perspetiva da amostra, é evidenciada no Anexo A.

Adicionalmente, de modo a garantir a sua diversidade, procurou-se que os participantes representassem os perfis pré-definidos, sendo que 7 participantes pertenciam ao Perfil A, 4 ao Perfil B e 6 ao Perfil C. Relativamente a um último fator de diversidade de amostra, no total, 8 estavam envolvidos em associações e 9 não tinham qualquer envolvimento associativo. A tabela representa todos os participantes e respetivas características.

Nome Fictício	Nº (E)	Idade	Sexo	Condição no Trabalho	Envolvimento em Associações	Naturalidade	Perfil
Rui	E1	22	Masculino	Estuda	Não	Portuguesa	A
Marta	E2	23	Feminino	Trabalha	Não	Portuguesa	C
Margarida	E3	22	Feminino	Trabalha	Sim	Portuguesa	C
Carla	E4	23	Feminino	Trabalha	Sim	Cabo Verdiana	C
Luís	E5	19	Masculino	Estuda	Não	Portuguesa	A
Ana	E6	25	Feminino	Estuda e Trabalha	Não	Portuguesa	B
Matilde	E7	22	Feminino	Trabalha	Não	Angolana	C
Daniela	E8	24	Feminino	Trabalha	Não	Portuguesa	C
Alice	E9	19	Feminino	Estuda	Sim	Portuguesa	A
João	E10	25	Masculino	Estuda e Trabalha	Sim	Portuguesa	B
Andreia	E11	22	Feminino	Estuda e Trabalha	Sim	Portuguesa	B
Nuno	E12	24	Masculino	Estuda e Trabalha	Sim	Guineense	B
Duarte	E13	23	Masculino	Estuda	Não	Portuguesa	A
Rita	E14	23	Feminino	Estuda	Sim	Portuguesa	A
Joana	E15	22	Feminino	Estuda	Não	Portuguesa	A
Sofia	E16	23	Feminino	Estuda	Sim	Portuguesa	A
Carolina	E17	26	Feminino	Trabalha	Não	Angolana	C

As entrevistas foram realizadas em regime online com o recurso à plataforma Zoom entre os dias 12 de outubro de 2024 e 15 de dezembro de 2024, tendo as suas durações variadas entre os 30 minutos e os 65 minutos, com recurso a um guião de entrevista comum a todas que está disponível no Anexo C. As marcações das entrevistas foram feitas com base a disponibilidade dos entrevistados, pelo que a escolha do regime online deveu-se à maior abertura de participação dos jovens e à familiaridade com a plataforma Zoom.

Os perfis obtidos revelaram-se adequados face aos objetivos da investigação, uma vez que garantem um leque de experiências e características que captaram a diversidade de perspetivas dos jovens e a profundidade na exploração do tema, enriquecendo a sua análise. A realização de 17 entrevistas foi definida com base o princípio da saturação dos pontos de vista, quando se verificou que as novas entrevistas deixaram de fornecer novas informações, garantindo assim a profundidade na exploração pretendida sem redundâncias excessivas.

2.3. Princípios éticos e deontológicos

A investigação foi conduzida com o contínuo cumprimento dos princípios éticos e deontológicos da pesquisa científica. Todos os entrevistados foram informados previamente à realização das entrevistas sobre o contexto e os objetivos da investigação, assim como a natureza voluntária da sua participação.

Para além disso, foi recolhido o consentimento informado dos participantes e a utilização dos dados no âmbito da investigação foi explicitada a cada um. Por fim, foram assegurados o anonimato dos entrevistados e a confidencialidade das suas respostas.

CAPÍTULO 3

Análise documental

3.1. Introdução

No âmbito da metodologia apresentada, a finalidade desta secção é analisar os documentos orientadores relativamente ao ensino da Cidadania e Desenvolvimento nas escolas, com o objetivo de identificar as temáticas e compreender as expectativas e orientações delineadas. Esta análise serve assim de base para uma comparação com as perspetivas dos jovens sobre o papel da Escola, confrontando os objetivos estabelecidos com a realidade vivenciada. Para isso, é necessário perceber o que teoricamente deveria acontecer nas escolas e na disciplina, o que vai permitir contextualizar os discursos dos jovens.

Para tal, inicia-se com uma breve identificação e apresentação da “Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania” (ENEC), assim como a explicitação da sua respetiva contextualização, dada a sua importância no ensino da cidadania. Este constitui-se como o documento de referência que estabelece diretrizes para a integração da educação cívica no currículo escolar.

Adicionalmente, existem documentos importantes de referir pela forma como se articulam, sendo estes: o “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” de 2017, as Linhas Orientadoras de Educação para a Cidadania de 2013, o programa de Cidadania em vigor e os vários referenciais específicos por temática que estão presentes no portal da Direção-Geral de Educação. A articulação entre eles é complementar e interdependente, sendo que o Perfil abrange as competências gerais que os alunos devem adquirir no seu percurso escolar e as Linhas apresentam as práticas e conhecimentos proporcionados pela disciplina especificamente.

A ENEC é um documento orientador do Ministério da Educação, que pretende integrar os direitos e deveres da cidadania na formação dos jovens, sendo a base para o programa atual da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, que é autónoma e obrigatória no 2º e 3º ciclo do ensino básico. No ensino secundário, a adoção desta disciplina pode ser feita de forma autónoma ou com outras disciplinas.

Como tal, o documento deixa também breves referências relativas à importância de a Escola fomentar um ambiente propício à cidadania dentro e fora da sala de aula através de parcerias com a comunidade. Ou seja, este documento não se limita a dar orientações para a

disciplina de cidadania, tem uma abrangência que engloba toda a organização escolar, em oposição a momentos esporádicos e superficiais.

A análise do documento é centrada em três categorias: (i) princípios e objetivos da Educação para a Cidadania, (ii) dimensões da Educação para a Cidadania e (iii) implementação da Educação para a Cidadania. Estas categorias foram escolhidas porque refletem a organização do documento ENEC, permitindo uma análise coerente dos conteúdos e uma melhor compreensão dos mesmos. De seguida, procede-se à análise crítica do documento em causa.

3.2. Princípios e Objetivos da Educação para a Cidadania

A primeira vertente abordada no documento ENEC está associada aos princípios e objetivos da cidadania e de desenvolvimento sustentável. Esta análise realça a necessidade de a Escola estar em concordância com os problemas sociais contemporâneos, algo que é conseguido com a disciplina de Cidadania e Desenvolvimento. Isto pode ser evidenciado ao longo do documento ENEC, no ponto “Cidadania não se aprende simplesmente por processos retóricos, por ensino transmissivo, mas por processos vivenciais” (Ministério da Educação, 2017, p. 5).

A segunda vertente presente na ENEC é referente à necessidade de existir um maior investimento na formação contínua dos docentes no âmbito da Educação para a Cidadania, de modo que estes consigam proporcionar conhecimentos. É de referir que, no âmbito dessa formação, existem alguns manuais de apoio direcionados a professores com ideias de atividades e grelhas de avaliação. Contudo, não foram encontrados manuais para alunos até ao ensino secundário.

Adicionalmente, apresenta outros objetivos igualmente importantes, como é o caso da promoção da inclusão, desenvolvimento de competências pessoais e bem-estar. Por fim, outro objetivo é o envolvimento da Escola com as famílias e a comunidade, ou seja, a cidadania não se trata apenas de um conteúdo, mas de uma capacidade que se pratica em conjunto.

3.3. Dimensões da Educação para a Cidadania

Numa segunda instância, a Estratégia apresenta dimensões a serem abordadas, sendo que essas são orientadas por três eixos centrais: atitude cívica (identidade e autonomia individual, direitos humanos), relacionamento interpessoal e relacionamento social e intercultural.

A partir destes três eixos, organiza as diferentes dimensões da cidadania em três grupos evidenciados no Anexo G. O primeiro grupo engloba temáticas que são obrigatórias para todos

os ciclos de escolaridade, ou seja, são longitudinais e contínuas: (1) Direitos Humanos (civis, económicos, culturais), (2) Igualdade de Género, (3) Interculturalidade, (4) Desenvolvimento Sustentável, (5) Educação Ambiental e (6) Saúde (alimentação, saúde pública).

O segundo grupo inclui as temáticas obrigatórias de abordar em pelo menos dois ciclos do ensino básico: (1) Sexualidade, (2) Média, (3) Instituições e participação democrática, (4) Literacia financeira e educação para o consumo, (5) Segurança rodoviária e (6) Risco.

O terceiro grupo inclui temáticas opcionais, ou seja, a sua aplicação não é carácter obrigatório em qualquer um dos anos ou ciclos de escolaridade. Estas temáticas são: (1) Empreendedorismo, (2) Mundo do Trabalho, (3) Segurança, Defesa e Paz, (4) Bem-estar animal e (5) Voluntariado.

Em qualquer um destes grupos, as temáticas definidas no documento procuram estar em concordância com os outros referenciais que são referidos na Estratégia. Esta concordância implica que as dimensões da disciplina vão para além do conhecimento teórico, uma vez que os jovens devem ser capazes desenvolver outras competências como: espírito crítico, autonomia, comunicação e participação em várias temáticas.

3.4. Implementação da Educação para a Cidadania

Esta categoria de análise deste documento é referente à implementação da Educação para a Cidadania, sendo este concretiza-se em dois níveis: ao nível de cada turma e ao nível global da escola. Em relação ao primeiro nível, é destacado o facto de, no 1o ciclo do ensino básico, a responsabilidade ser do professor titular da turma e do Conselho de Docentes que estão envolvidos na tomada de decisão acerca do funcionamento e temáticas a seguir.

Este funcionamento apresenta alterações no 2o e no 3o ciclo, com a criação da disciplina concreta denominada de “Cidadania e Desenvolvimento”. A disciplina continua a existir ao longo do ensino secundário, com o auxílio de outras disciplinas.

Porém, uma breve análise complementar ao programa desta disciplina permite identificar o seu carácter sintético, no sentido em que esse apresenta os mesmos três grupos de temáticas já apresentados, ausentes de novas informações ou indicações e sem um nível de aprofundamento. Os temas são desenvolvidos em referenciais específicos que são preparados para cada um, por exemplo, o Referencial de Educação Ambiental ou para a Saúde. Estes documentos oferecem orientações mais concretas através de princípios, objetivos e sugestões.

Relativamente à implementação da educação para a cidadania ao nível da escola, o documento orientador reforça a necessidade de existir um ambiente propício a discussões ativas

e livres, que deve incluir projetos realizados na escola com parceria com a comunidade, ONG ou com outras escolas. Ou seja, o documento em análise aparenta referir que o alargamento a outras escolas pode oferecer uma perspectiva de trabalho de rede nas aprendizagens dos alunos. Porém, a Estratégia parece ser pouco desenvolvida neste ponto, uma vez que, apesar de reforçar a importância de se implementar um ambiente de cidadania ativa, este documento não oferece orientações específicas para tal, nem práticas pedagógicas.

Esta ausência continua a verificar-se quando é referida a possibilidade de se criarem parceiras, no sentido em que não existem diretrizes concretas sobre como é que estas devem ser criadas e sustentadas. Ou seja, é dada abertura às escolas de implementarem a educação para a cidadania conforme as suas necessidades, sendo que esta flexibilidade pode ser uma vantagem, mas também uma desvantagem. Os riscos são: criação de percepção de que, por ser menos especificada, é menos importante do que as outras, falta de indicações de que atividades realizar e o seu funcionamento e vastidão de temas e atividades que podem integrar a disciplina.

3.5. Conclusões da análise do documento

Ao longo desta análise documental foram surgindo notas relativas a uma aparente falta de desenvolvimento em alguns aspetos associados às temáticas programadas para a disciplina de Cidadania e Desenvolvimento e às diretrizes direcionadas para a criação de parcerias com a comunidade. Em oposição a estas fragilidades, apresentam-se outras conclusões resultantes da análise que estão relacionadas com potencialidades proporcionadas pelo documento.

Em primeiro lugar, surge a ideia reflexiva de que os três grupos no ensino da cidadania (obrigatórias, obrigatórias parciais e opcionais) parecem ser determinados com base a importância "mais próxima" de temáticas basilares da sociedade que ficam mais distantes ao longo do 2º e 3º grupo, ou seja, fomentam-se primeiro os temas que podem servir de base a outras competências e temas que se pretendem desenvolver mais tarde.

Outra das conclusões passa pelo facto de este documento aparentar ir ao encontro de competências referidas em outros documentos, por exemplo, a capacidade de adaptabilidade face ao constante ciclo de mudanças. Isto pode ser conseguido através de temáticas como o desenvolvimento sustentável e a interculturalidade, previstas na Estratégia.

Para além disso, outra conclusão está relacionada com as temáticas opcionais no ensino da cidadania, uma vez que a sua existência potencia a flexibilidade nas escolas. O que, de certa forma, permite que cada escola personalize os temas às suas respetivas realidades. Contudo, esta flexibilidade implica que cada escola tenha os seus projetos educativos devidamente

construídos com referências e explicitações de quais as opções disponibilizadas. Quando isto não acontece, esta flexibilidade pode consistir num risco, uma vez que algumas escolas podem não estar preparadas e não saber como personalizar.

Por fim, uma última conclusão retirada é a idealização de uma relação de proximidade que é proposta entre o ensino e as vivências dos jovens. Esta potencial relação aparenta estar presente através das várias temáticas que parecem estar relacionadas com o dia a dia mais próximo, podendo talvez resultar em conhecimentos práticos. Ou seja, existe uma tentativa de se promover aprendizagens mais próximas do quotidiano dos jovens.

CAPÍTULO 4

Análise de resultados

No presente capítulo, procede-se à análise dos resultados com base nos objetivos estabelecidos e nos três perfis iniciais (estudantes, trabalhadores-estudantes e trabalhadores), de forma a entender o papel da Escola na promoção da participação social dos jovens. Para tal, o exercício centrar-se-á nas entrevistas aos jovens em articulação com elementos já desenvolvidos ao longo da investigação, entre eles, a literatura científica e análise documental da ENEC.

Apesar da diversidade de perfis considerados nesta investigação, não se verificam diferenças significativas nas perspetivas dos jovens entrevistados independentemente da relação com o trabalho, pelo que existe uma homogeneidade entre os perfis em vários aspetos, entre eles, o reconhecimento da importância de se participar socialmente para colocar em prática a cidadania, apesar dessas participações se concentrarem mais em práticas pontuais e informais, como o voluntariado e as manifestações. Como tal, destaca-se uma visão global de que a Escola pode e deve ser um espaço crucial no fomento das várias formas de participação social, embora a atuação da instituição seja, muitas vezes, vista como insuficiente, limitada a currículos rígidos e distante da realidade dos jovens.

Um dos aspetos mais referidos como potenciais de melhoria é a Educação para a Cidadania, que deve ser mais prática, coerente e relacionada com as vivências e necessidades dos jovens. Contudo, também existe uma perspetiva de que a Escola sozinha não consegue fazer tudo o que é exigido da sociedade contemporânea no ensino, preparação e criação do futuro, sendo que este papel deve ser partilhado com a família e a comunidade.

4. 1. Cidadania e participação social

Para entender as respostas dos jovens sobre o papel da Escola na promoção da participação social dos jovens, torna-se primeiramente necessário entender esse mesmo conceito na sua definição e relação com a cidadania, segundo as perspetivas recolhidas.

Relativamente à sua definição, a cidadania é entendida pelos jovens como a noção de viver numa sociedade onde os indivíduos exercem direitos e deveres que resultam e são assegurados pela vinculação recíproca que rege os comportamentos, escolhas e normas sociais no dia-a-dia de todos. Esse conjunto de direitos e deveres dos cidadãos é conseguido e assegurado através da pertença a um Estado que atribui esses mesmos direitos, idealmente, sem desigualdades entre as pessoas, que devem começar a ser formadas socialmente na Escola. Esta

ideia encaixa-se bastante na perspetiva de T. Marshall (1950) no que diz respeito à vinculação recíproca, composta por direitos e deveres.

Outra visão emergente dos discursos dos jovens perante a cidadania parece aproximar-se da perspetiva educativa proposta na ENEC, que valoriza o carácter prático que a cidadania deve ter através desses direitos e deveres em contextos de vivências concretas de cada jovem. Esta ideia está presente em documentos educativos mais recente.

“A cidadania para mim é um bocadinho o nosso valor como indivíduo na sociedade, aquilo que nós contribuímos para a sociedade, aquilo com o qual nós contribuímos. E também a forma como nós nos relacionamos, aquilo que nós também consumimos, ou seja, que nós recebemos da sociedade. Mas eu diria que a cidadania tem a ver um bocado com aquilo que cada um produz, aquilo que cada um consome e as relações pessoais.” (Daniela, trabalhadora, 24)

Adicionalmente, o conceito está ligado à ideia de um conjunto de pessoas que colaboram entre si para um bem comum na sociedade, por meio de comportamentos e práticas que favorecem a comunidade nacional e internacional. Outras das vertentes associadas são: acesso à cultura, acesso a uma rede de apoio e contribuição dos cidadãos através do trabalho.

Independentemente da condição laboral ou académica, observa-se uma tendência relativamente homogénea nas perspetivas dos jovens quanto a relação entre os conceitos de cidadania e participação social e as suas respetivas definições. A participação social é entendida, portanto, enquanto exercício cívico com base direitos e deveres que se concretizam em ações simples e complexas promotoras de melhorias sociais.

Neste seguimento, as práticas mais citadas pelos entrevistados incluem o envolvimento em associações e o voluntariado, ou seja, aparenta existir uma valorização de formas de participação social menos abstratas, que são as mais comuns entre os jovens.

“Ok, participação social eu diria que é a forma que esses indivíduos, não é? Conseguem contribuir na sociedade, eu acho que a participação pode variar entre várias vertentes, como na saúde, como a educação, como voluntariado, pode ser também a nível judicial, também, pode ser a nível social, falando a nível de discriminação social. E, portanto, como é que se diz agora a própria das palavras? Equidade também, podemos falar a nível de isto. Portanto educação, saúde, voluntariado e é isso, participação social, diria eu.” (Carolina, trabalhadora, 26)

“Acho que individualmente podemos participar ativamente, seja por intermédio de voluntariado ou outras coisas, ou também podemos ter uma participação ativa por intermédio de integração em associações ou associativismo (...) Portanto, participação social para mim é nós tirarmos um tempo para tentarmos nos

desenvolver mais naquilo que nos rodeia, por vezes vai consoante o que nos interessa mais ou não, mas pegar no nosso tempo, investir esforço e tempo naquilo que nós achamos que é urgente na sociedade a ser resolvido ou não, coisas do género.” (Carla, trabalhadora, 23)

Ainda assim, três entrevistados apresentam uma perspetiva diferente, limitando o conceito ao envolvimento político, podendo essa limitação estar relacionada com a falta de envolvimento em associações por parte desses jovens e uma visão mais restrita e formal do conceito.

“Acho que, pronto, a partir da maioria, podemos começar a votar nas eleições, quando há qualquer tipo de participação eleitoral ou possibilidade de participação eleitoral, acho que é essencial, ou seja, uma boa cidadania e uma boa sociedade construída democraticamente. E pronto, acho que passa por aí. Acho que a partir da maioria, lá está, como o próprio nome indica, somos maiores de idade e já temos mais capacidades de pensar pela nossa cabeça e não nos deixamos ser influenciados.” (Luís, estudante, 19)

Emerge também uma tendência transversal aos três perfis de perceber a participação social enquanto algo instrumental e funcional associado a um dever e, por vezes, a um ganho a nível coletivo e individual. Esta instrumentalização é expressa de diferentes formas pelos entrevistados, pelo que muitos relacionam a participação social com a finalidade de se melhorar a sociedade ou a própria pessoa, de acordo com os interesses e ambições de cada jovem. Ou seja, essa participação é vista como um instrumento orientado para se alcançar algo e não necessariamente para a contribuição para a sociedade, o que revela um carácter mais utilitário.

“Tudo o que seja a junção de grupos, não é? Com um objetivo em comum e numa necessidade ou numa vontade política, não é? Porque os movimentos sociais à partida partem de necessidades que não estão a ser suprimidas, não é? E, portanto, leva as pessoas a juntarem-se, a formarem um grupo, têm um objetivo em comum, que foi isso que os ligou. e lutarem então por essa necessidade que não está a ser respondida.” (Ana, trabalhadora-estudante, 25)

As temáticas e representações que mais despertam o interesse dos jovens entrevistados são: Direitos Humanos, mais especificamente, direitos das mulheres e direitos reprodutivos, racismo e direitos raciais, educação, habitação e saúde. Neste caso, identifica-se uma tendência que não está associada aos perfis pré-definidos (estudantes, trabalhadores-estudantes e trabalhadores), mas sim à característica da naturalidade dos entrevistados, uma vez que três dos quatro entrevistados de naturalidade angolana, guineense e cabo-verdeana enfatizam os direitos raciais e o racismo enquanto temáticas de maior interesse a nível social.

Perante esta evidência, existe a possibilidade destas se tratarem de vertentes em que esses jovens em específico sentem maior necessidade e importância de participar devido a experiências pessoais e escolares.

Assim, as percepções dos jovens em relação ao que é a cidadania vão ao encontro do que Marshall (1950) e Turner (1993) defendem, no sentido em que se reforça a ideia de que este conceito abrange tanto os direitos como os deveres de cada pessoa por meio de comportamentos e práticas que beneficiem a sociedade.

Para além disso, todas estas realidades confirmam também os conceitos de “dutiful citizen” e “actualizing citizen”, apresentados por Bennett (2003) que evidenciam a existência de várias formas de cidadania de igual importância, tanto formais como informais. Da mesma forma, também correspondem às ideias de Zukin et al. (2006) sobre uma mudança geracional na participação social dos jovens, que tendem a privilegiar ações mais informais e pontuais. Tal como observado nesta investigação, essas participações são muitas vezes motivadas por causas e interesses, mais do que por um sentido de obrigação cívica, o que revela uma reconfiguração das formas de envolvimento e não necessariamente a sua ausência.

4. 2. Práticas de participação social

Em concordância com as dimensões anteriores, de facto a Escola e a educação para a cidadania têm o potencial de originar e fomentar práticas de participação social duradouras dos jovens, através de parcerias com associações, ONGs e representantes de voluntariados que vão as escolas apresentar projetos e ideias. Isto é importante, uma vez que essas são, de facto, as práticas mais frequentes entre os jovens (envolvimento em associações, voluntariado e manifestações), ou seja, a criação dessas parcerias vai ao encontro os interesses e vivências dos jovens em âmbito escolar.

Porém, em oposição à homogeneidade transversal verificada até ao momento, existem divergências evidentes entre os três perfis (estudantes, trabalhadores-estudantes, trabalhadores) relativamente às práticas dos entrevistados. No caso dos jovens somente estudantes e somente trabalhadores, constata-se uma baixa participação em estruturas formais como partidos e clubes que é justificada com a falta de interesse e com a percepção negativa acerca do panorama político em Portugal. Ou seja, estas justificações remetem mais para a definição de participação cívica, contrastando com as definições de cidadania apresentadas que, segundo Turner (1993), tende a limitar-se a ações formais e obrigações dos cidadãos.

Isto porque, aparenta existir uma falta de identificação com as ideologias dos partidos, algo que também se encontra presente nas justificações na falta de participação em manifestações e protestos devido ao caráter radical e extremista que, por vezes, associam a esses envolvimento. Porém, muitos dos jovens acompanham estas vertentes nas redes sociais.

“Não quero ser filiada de nenhum partido, porque eu sinto que se sou filiada de um partido, tipo, tenho que concordar com tudo ou quase tudo dele, né? Essa discórdia, se calhar, não faz muito sentido. Então, pronto. Por isso nunca me quis envolver, embora goste e também participe e assim (...) Porque eu não me identifico com coisas muito radicais. sou mais moderada, digamos assim. Ao primeiro eu não digo com mudanças muito radicais.” (Rita, estudante, 23)

Quanto ao associativismo destes jovens, existe um equilíbrio entre aqueles que participam e os que não participam, sendo que isto também acontece no caso das associações de estudantes. Um dos fatores que surge como ponto de partida às suas participações é a Igreja através da catequese na escola, que divulga iniciativas através de parcerias ou ligações religiosas nas associações.

“Inicialmente, pronto, na Catequese, aqui na zona onde moro, fizemos algumas campanhas do Banco Alimentar (...) Durante a escola, nós tínhamos o projeto de turma que, pronto, era escolhida uma associação, uma instituição qualquer e depois íamos participar exponencialmente em algumas atividades ou em algumas tarefas com a própria instituição. Neste caso, a que eu me lembro melhor foi a Comunidade de Vida e Paz, que desde o sétimo até o nono ano.” (Rui, estudante, 22)

No caso do perfil de jovens trabalhadores-estudantes, destacam-se os níveis mais altos de participação ativa e diversificada, tanto formal como informal, sendo que esses envolvimento se verificam principalmente no associativismo, associações de estudantes, manifestações em temas atuais como a habitação e voluntariado.

A diversidade de práticas dos trabalhadores-estudantes pode ser resultado da combinação entre experiência prática, motivação por causas concretas e redes de contactos que criaram ao longo da vida. Isto é conseguido através das duas realidades simultâneas vividas na vida académica e profissional com a sua inserção no mercado de trabalho, uma vez que esta dupla vivência talvez possa fomentar a sua capacidade de mobilização e autonomia nas escolhas que fazem e nas oportunidades de participação social.

Para além disso, verifica-se que os jovens deste perfil não limitam as suas práticas de participação a nível nacional, uma vez que todos os entrevistados referem, em várias instâncias,

ações de voluntariado e associações internacionais. Ou seja, existe uma tendência de a própria participação social ser vivenciada pelos jovens como algo que transcende fronteiras físicas e nacionais, sendo que isto permite uma maior abrangência de práticas sociais.

“A AIESEC é a maior organização jovem do mundo. Eu fazia parte de uma organização super local que era assediada no ISEG mas fazia parte dessa grande megaestrutura. E o que acontecia é que havia várias oportunidades de voluntariado (...) eu é que acompanhava o processo para a aceitação ou a não aceitação nas candidaturas e depois acompanhava também todo o processo porque algumas dessas pessoas, muitas dessas pessoas eram pessoas fora da Europa.” (Nuno, trabalhador-estudante, 24)

Assim, apesar das divergências verificadas entre os três perfis, regista-se uma preferência homogénea de se optar por práticas marcadas pela informalidade e pela pontualidade que demonstram um carácter cada vez mais versátil e móvel dos jovens. Ou seja, este grupo populacional tende a optar por práticas mais espontâneas conforme os seus interesses mais imediatos a curto prazo. Isto sugere uma instrumentalização nas formas de participação dos jovens para a optação de ganhos e satisfação de interesses pessoais.

As perspetivas representadas nesta dimensão aparentam ir ao encontro das ideias de Dalton (2008) sobre a emergência de práticas de participação mais personalizadas, informais e orientadas por valores por parte dos próprios jovens. Estes envolvimento tendem a não se limitarem a vertentes convencionais como partidos políticos, mas sim a novas formas de se envolverem na sociedade. Estes novos padrões de participação juvenil apontam para um papel ativo dos jovens nas suas escolhas e nas suas intenções de explorar novas vertentes sociais.

4. 3. Escola na promoção da participação social: expetativas e experiências

Tendo em conta essa menção da Escola enquanto fator e ponto de partida, pretende-se agora analisar as perspetivas dos jovens entrevistados acerca das expetativas e experiências com essa instituição na promoção das participações sociais. Mais uma vez, existe homogeneidade entre os perfis. Independentemente da sua situação académica e profissional, as perspetivas são semelhantes em relação ao reconhecimento do papel da Escola enquanto um espaço democrático, onde os alunos passam grande parte do seu tempo, existindo uma idealização de uma relação de proximidade entre o ensino e as vivências dos jovens.

Isto implica, segundo os discursos dos jovens entrevistados, um compromisso por parte da instituição em assumir este papel ao ir acompanhando as evoluções da sociedade, sem deixar para trás o seu foco na formação dos jovens enquanto futuros cidadãos ativos e críticos.

“É assim, eu acho que a escola, atualmente e até mesmo quando nós éramos mais pequenos, tem um grande peso na vida dos estudantes, na vida das crianças, porque acaba por ser... a maior parte do dia delas estão dentro da escola e acho que a escola, apesar de ter esta importância tão grande nos alunos, nas crianças, eles não têm bem noção disso (...) A escola não tem assim tanta noção da importância que tem e atualmente penso que o que está a acontecer muito é que valorizam muito a nível de tecnologias e de inteligência artificial e esquecem-se um pouco as crianças.” (Sofia, estudante, 23)

Para que a Escola consiga corresponder às expectativas de que é alvo, destaca-se a necessidade da mesma ouvir os jovens e reconhecer que não partem do mesmo contexto social. Isto sugere a importância da instituição se tornar um meio de contextualização acessível onde todos se sintam representados e motivados a participar. Como tal, a Escola é vista como promotora da participação dos jovens num espaço interdisciplinar propício ao desenvolvimento de competências e ao incentivo à participação de cada um, sendo que esse fomento deve acontecer de forma progressiva desde cedo no 1º ciclo para dar luzes e conceitos basilares.

“Nós estamos na escola durante muito tempo da nossa vida, então se houvesse mais esse incentivo, e acredito que haja, dependendo das escolas, em cada jovem saber realmente qual é que é a importância do exercício da cidadania em participar ativamente na sociedade (...) Então acho que a escola teria um papel crucial em apresentar aos jovens a importância aqui da cidadania e dessa participação social, e apresentar também opções, porque se calhar às vezes os jovens até queiram participar, mas não sabem como, não sabem onde.” (Matilde, trabalhadora, 22)

Contudo, surge também uma outra perspetiva de alguns jovens que questionam o papel que a Escola deve ter na promoção da participação social e qual a posição que outras influências externas devem ter. Isto deve-se ao facto de, apesar da instituição escolar estar presente em muita coisa na vida dos jovens, não se pode exigir tudo apenas da mesma.

Ou seja, não se deve definir nem limitar a Escola como única e exclusiva responsável pela formação curricular e social dos jovens com o risco de se sobrecarregar e criticar a instituição por todos os motivos e falhas.

Em concordância com isto, muitos jovens destacam que a promoção da participação social deve ser algo conseguido em conjunto com outros elementos como a família, os amigos e a comunidade, que têm peso nas vivências e hábitos das gerações mais novas.

“Eu sou da opinião que, por um lado, a escola deveria ter um papel em muita coisa, por outro lado, acabamos por sobrecarregar muito a escola e depois a escola não consegue fazer essa função para nada. Tens de chegar a muita coisa, mas não chegas a um lado nenhum (...) Se a escola deveria ter um papel? Acho que seria útil se tivesse um papel, se fosse explicar conceitos mais básicos, o que é o associativismo, o que é que são as sugestões, as petições, o que é que fazem.” (Rita, estudante, 23)

“Eu acho que a escola tem, talvez não seja o primeiro, mas é o espaço onde as crianças passam mais tempo e adolescentes (...) Obviamente a escola tem um papel muito importante, mas acho que tem de começar pela família. A escola podia fomentar isso com algumas ações, como eu disse há pouco. A comunidade também.” (Joana, estudante, 22)

Especificamente sobre os professores, o seu papel é reconhecido pela globalidade dos jovens entrevistados, sendo que estes são vistos como porta-vozes e figuras de referência, sendo, portanto, responsáveis por fomentar a participação e o espírito crítico para que os jovens reflitam e tomem ações conscientes perante vários temas atuais. No entanto, também surge uma realidade mista quanto à forma como os professores são realmente vistos, devido à dificuldade em conciliar as questões éticas e pessoais, dificuldade em se afastar dos currículos e da rigidez tradicional na Escola.

“Eu acho que ainda muitas escolas e muitos professores ainda têm uma visão tradicional da escola, que tem de ser tudo muito exigente, muito rígido, pelo menos eu senti isso na minha escola, então parece que não abrem as mentes para assim dizer. Estão muito a seguir o currículo e os conteúdos e não propriamente se calhar olhar para a frente social. Eles não permitem muita flexibilidade, por exemplo, têm isto programado para uma certa aula e têm.” (Alice, estudante, 19)

Essas dificuldades traduzem-se, por exemplo, em situações complexas em que os professores pretendem fazer algo conforme as necessidades dos seus alunos, mas isso implicaria o afastamento ou a substituição por outros conteúdos obrigatórios, que podem ser menos desenvolvidos. Ou então, nos conflitos que podem surgir de temas que normalmente são difíceis de ser abordados de forma imparcial sem questões éticas envolvidas, como é o caso da política e dos temas relacionados com a sexualidade.

“Como seres humanos também têm defeitos, também têm as suas convicções que possam ser mais ou menos acertadas em determinada matéria. E, por vezes, não é fácil saber conciliar essa questão ética dentro da sala de aula e saber conciliar aquilo que é uma vida pessoal com a vida profissional. E muitos professores conseguem, geralmente, fazer isso, mas nem todos os professores têm essa predisposição (...) pessoas que nos marcaram pela positiva quer pela matéria que davam, que nós nos podíamos identificar mais, quer pela forma como abordavam as matérias.” (João, trabalhador-estudante, 25)

E, exatamente neste âmbito de professores e abordagens que fizeram a diferença, pretende-se também fazer o contraste entre as expectativas dos entrevistados e as suas experiências escolares concretas, uma vez que, embora exista um reconhecimento do papel potencial da Escola, a grande parte dos jovens demonstra não o ter sentido. As justificações dadas para estas perceções mais negativas passam, maioritariamente, por: falta de espaço para debates, utilização de aulas destinadas à cidadania para assuntos burocráticos em oposição a abordagens previstas nos programas da disciplina, falta de tempo e motivação por parte dos alunos e foco excessivo da instituição em cumprir currículos escolares exigidos que colocam pressão também nos professores. Ou seja, existe um contraste entre o papel idealizado da Escola e a realidade que os jovens já vivenciaram.

Relativamente ao incentivo da Escola para que os alunos se mantenham informados e conscientes dos debates contemporâneos, esta vertente é vista como nula ou pontual pela maior parte dos jovens entrevistados. E, para além disso, existem perspetivas comuns relativamente ao funcionamento de associações de estudantes que tendem a ter foco em listas e festas de forma lúdica e não na apresentação de medidas para melhorar.

“Acho que isso foi muito fomentado pela família, foi por aí, porque a escola, acho que da minha perspetiva, da minha experiência, não tive grande influência na escola. grande incentivo da escola. (...) A associação de estudantes para nós era o dia das listas e eu lembro que eu sempre votei, que eu sempre tive muito sentido de voto, mas era muito isso, era o dia das listas, quem é que faz a melhor festa, é o melhor dia (...) Acho que era levado um bocadinho na brincadeira, no secundário.” (Joana, estudante, 22)

Por fim, verifica-se também um consenso entre os jovens entrevistados sobre a existência de clubes na Escola, que são vistos como iniciativas práticas frequentemente oferecidas nas vertentes do teatro, cinema, leitura e dança. Contudo, surgem algumas lacunas, com a grande parte dos entrevistados a referir que esses clubes e outras atividades extracurriculares fora da sala de aula não são muito divulgadas, nem motivadoras para os alunos.

Para além disso, esses clubes tendem a ser limitados apenas à vertente desportiva, promovida pelos professores de educação física, sendo que os novos clubes acabam por durar pouco devido à falta de recursos e organização.

Nos casos de exceção que valorizam o papel da Escola a nível geral, os fatores destacados estão relacionados, primeiramente, com a valorização de saberes práticos e com a colaboração entre a Escola e outros agentes externos como a família, associações, ONGs e a comunidade. Estas experiências positivas vão ao encontro do que é esperado das funções da Escola enquanto promotor da vida democrática para que os jovens consigam estar ativamente envolvidos com diversas entidades sociais.

Para além disso, nestes casos é destacado o bom e prático funcionamento da disciplina de cidadania, que consegue fazer a ligação entre a teoria prevista em programas e as vivências concretas dos alunos através de dinâmicas como debates, visualização de vídeos e palestras com o intuito de motivar e informar.

“No contexto em que estão incluídos, (...) em contacto com todo o tipo de pessoas, com todo o tipo de classes sociais, e acho que é fundamental num plano curricular de uma escola incluída neste contexto ter acesso à cidadania e como devemos comportar e viver em comunidade (...) e acho que a diretora de turma também teve um papel muito importante, que levou-nos a participar uma vez num..é uma ação da Assembleia da República chamada Parlamento Jovem.” (Luís, estudante, 19)

Uma tendência diferenciadora dos perfis encontrada nestes casos excecionais está ligada aos jovens trabalhadores-estudantes. Todos eles reconhecem o papel positivo da Escola nas suas experiências escolares e momentos que se baseiam na atuação dos professores e escolas. Os exemplos de dinâmicas e atividades promotoras de consciência e espírito crítico são: leitura e análise de jornais, apresentações por parte dos alunos sobre temas atuais como os problemas do tabaquismo, debates, hortas da responsabilidade dos jovens na escola e atividades com a comunidade.

Esta perspetiva exclusiva aos trabalhadores-estudantes pode estar relacionada com o facto de estes serem os jovens que apresentam uma maior variedade e quantidade de práticas de participação social entre todos os perfis de entrevistados, pelo que talvez essas boas experiências escolares tenham influenciado os seus padrões de alta participação. Ou seja, existe uma relação entre as duas coisas, uma vez que uma boa experiência pode promover mais participação social, mas mais participação também pode levar a uma maior valorização das vivências escolares do passado.

Como tal, os discursos dos jovens aparentam demonstrar a necessidade de o próprio ambiente escolar fomentar as diversas vertentes de cidadania e participação social no seu todo e não de forma esporádica. Esta ideia está também presente nos documentos educativos, como a ENEC, onde se defende que o papel da Escola deve ter além da sala de aula, contudo, como já foi dito na seção da análise documental do documento, existe uma falta de orientação nesse aspeto.

Assim, as perspetivas gerais sobre o papel da Escola evidenciam um contraste entre as expectativas e as experiências escolares que vai exatamente ao encontro do que Salado et al. (2024) alertam, uma vez que, embora a Escola tenha o potencial para fomentar competências e participação social, esta corre o risco de não corresponder às suas funções ideais e de se manter excessivamente teórica e afastada das vivências dos jovens. Como tal, à semelhança das ideias desses autores, as entrevistas evidenciam que, para além da intenção formal da Escola, é necessário que esta incentive o espírito crítico, promova articulação com outros agentes sociais e educativos e que tenha em conta os diferentes contextos socioeconómicos dos seus alunos.

4. 4. Educação para Cidadania

Paralelamente à identificação de todas estas perspetivas sobre o papel global da Escola na promoção da participação social, torna-se importante analisar um outro aspeto relativo a essa instituição, a disciplina específica de Educação para a Cidadania ou, em alguns casos, ainda denominada de formação cívica.

À semelhança da tendência geral até agora, a maioria dos entrevistados perceciona a sua experiência na disciplina de cidadania como sendo insuficiente e afastada do propósito. Isto porque, quando questionados se a disciplina está em conformidade com as necessidades da sociedade, muitos dos jovens afirmam que não.

“Lado bom e lado mau isso para mim. Abordei temas sobre igualdade de género, racismo e educação sexual. Estes 3 temas foram os que se calhar mais me impactaram (...) Relativamente à parte negativa, muitas das vezes, esta aula, por assim dizer, eu senti que era muito usada do estilo: vamos ver um filme sobre uma coisa qualquer, ou então façam os trabalhos que têm e despachem já isso (...) além disso, relativamente à cidadania, nunca em tempo algum foi abordado questões políticas ou algo do género.” (Andreia, trabalhadora-estudante, 22)

As principais justificações dadas são o uso da disciplina para “aproveitar” o tempo para outros assuntos (trabalhos de casa, assuntos de turma e filmes), falta de organização e

atualização dos temas e falta de formação de docentes para conseguir abordar os temas. Esta falta de organização pode estar relacionada com a ausência de diretrizes concretas e a abertura da disciplina, que podem originar a percepção de que, por ser uma disciplina menos especificada, é menos importante. Consequentemente, essa percepção pode originar desorganização das aulas e desinteresse dos alunos que não se identificam com os conteúdos. Isto pode fazer com que a própria Escola deixe de ser vista como espaço para práticas de cidadania com sentido.

Os temas que os jovens se recordam de abordar de forma pontual são: educação sexual, *bullying*, ambiente, discriminações (racismo, homofobias) e questões europeias (União Europeia, refugiados). E, neste seguimento, os temas que os jovens consideram que devem ser abordados na disciplina são: literacia financeira, questões de género, política, combate à desinformação, imigração e questões raciais.

Estes temas indicados podem e devem ser abordados pelos professores no âmbito da disciplina e também por entidades exteriores à Escola, como associações e ONGs, que podem criar parcerias pontuais ou contínuas com as instituições escolares.

“Criar-se então atividades que os conectem com a comunidade onde estão, não é? Seja um dia irem observar uma equipa que entrega refeições, seja ir observar um refeitório que faça refeições que têm carência económicas e que vão ali, um refeitório comunitário, não é? (...)e a partir daí é muito fácil depois quererem integrar e procurarem, integrarem-se em associações ou organizações com carácter mais formal, não é?” (Ana, trabalhadora-estudante, 25)

“Questões de desigualdade social, acho que no nosso mundo moderno, e principalmente nas zonas mais urbanas, é muito difícil nós sairmos do nosso lugar, sairmos do nosso centro e do nosso meio e prestarmos atenção (...) igualdade de género, é um tema muito falado, mas não sei se é abordado de forma certa. Acho que seria muito interessante também se falasse sobre a igualdade de género. Outras questões como o direito das crianças, questões raciais, a questão do ambiente, sem sombra de dúvidas, acho que todos podemos fazer mais. E acho que seria muito importante também falar sobre participação política.” (Matilde, trabalhadora-estudante, 22)

Os temas mencionados estão relacionados com as temáticas de interesse, experiências de vida e, em alguns casos, ao fator diferenciador de naturalidade. No entanto, muitos jovens realçam a abordagem superficial e não sequencial que é frequente na disciplina de cidadania. Como tal, aparenta existir consenso na necessidade de tornar essas aulas mais práticas e ligadas à comunidade, através da revisão dos objetivos da disciplina e do reconhecimento da importância da mesma para que tenham um impacto positivo e efetivos ao longo do ensino.

Ou seja, a forma como os jovens descrevem as aulas de cidadania e os temas pretendidos que já constam nos referenciais como a ENEC evidencia um contraste entre o potencial previsto da disciplina e a sua concretização na prática. Isto levanta a hipótese de que o problema não está tanto na existência das orientações em si, mas na forma como estas originam, ou não, práticas escolares impactantes nos percursos dos jovens.

As sugestões dos jovens apontam para duas vertentes de melhoria gerais, sendo estas, a reformulação dos programas de cidadania e das estratégias previstas para o ensino da disciplina e a formação contínua dos professores neste âmbito. Ou seja, para a necessidade de a Educação para a Cidadania ser repensada na maneira como se selecionam, abordam e avaliam os temas para tornar os currículos claros e, ao mesmo tempo, flexíveis, que sejam referências para professores com uma formação específica e sólida.

“Por exemplo, na minha escola eu lembro-me de, no relatório depois com as notas e tudo, que eles virem a dizer que: “é de salientar a participação da Alice no projeto de cidadania”, não sei o quê, mas eu nunca fiz nada envolvido nisso. Ou seja, eu sinto que é necessário rever aquilo que são os objetivos que estão estabelecidos para a disciplina de cidadania nas escolas. Promover, por exemplo, mais ações de voluntariados, promover, por exemplo, pessoas especializadas no assunto.” (Alice, estudante, 19)

Paralelamente a estas melhorias relativas ao ensino da cidadania, os entrevistados mencionam também outras disciplinas que devem e podem utilizar o seu carácter interdisciplinar para contribuírem para a promoção da participação. Ou seja, a promoção de valores não se pode limitar apenas a um espaço em todo o âmbito escolar. As disciplinas mais referidas são História, Geografia, Português, Educação Física e Ciências.

Assim, estas perspetivas dos jovens mostram que a Educação para a Cidadania, apesar de reconhecida como disciplina com grande potencial, é frequentemente vista como desorganizada e inconsistente. Algo que também surge nas ideias de Mogarro e Martins (2010) sobre a falta de consenso e de programas estruturados sobre o ensino da cidadania que resultam numa variedade de práticas muitas vezes desorientadas e esporádicas nas escolas.

4. 5. Perspetivas de futuro: oportunidades e barreiras

Depois de se analisar as práticas dos jovens e as perceções dos mesmos sobre o papel da Escola na promoção da participação social, procura-se entender as perspetivas do futuro relativamente às oportunidades e barreiras na sociedade.

Independentemente do perfil a que pertencem, existe uma percepção uniforme quanto ao papel que os jovens devem ter na promoção das mudanças sociais, uma vez que todos os entrevistados, à exceção de um, pensam nos jovens enquanto o futuro de amanhã. Segundo os entrevistados, isto deve-se à sua capacidade de reconhecer o que está errado e ao maior sentimento de vontade de melhorar o mundo de forma proactiva apesar de poucos o fazerem, sugerindo assim uma visão idealizada. Na sua perspetiva, as suas ideologias estão menos formatadas em comparação a outras gerações, o que os permite quer alcançar uma sociedade mais igualitária e justa na atualidade em Portugal.

Para tal, os jovens destacam a necessidade de haver diálogo entre os jovens, os adultos e as instituições que fomentem a participação e o conhecimento dos mais novos.

“Faz sentido ser os jovens, porque os jovens vão ser o futuro de uma sociedade, não é? E nesse sentido, eles é que podem pôr em prática, pelo menos nos seus futuros anos, estas suas ideias. Normalmente os adultos estão mais já centrados na sua vida, no que já fizeram, não é? E, portanto, agora estão mais centrados em viver o que construíram, enquanto os jovens estão, se cá tem uma mente não necessariamente mais aberta, mas como ainda não têm muita coisa definida, ainda têm muito por definir, ainda podem usar a sua vida.” (Duarte, estudante, 23)

O caso de exceção é de uma entrevistada com experiência a trabalhar com crianças que, com base essa mesma experiência profissional, não se demonstra otimista no papel dos jovens no futuro, pois não acredita que esse papel vá ser cumprido. Essa visão negativa está associada à percepção de que os jovens estão demasiado absorvidos nas “bolhas” deles e nas redes sociais para conseguirem ter um papel proactivo na mudança social. Ou seja, que estão mais focados em si mesmos e nas suas realidades, sem grande abertura para outras.

“E tenho uma resposta um bocadinho negativa...porque eu quase que acho impossível eles agora mudarem alguma coisa porque eles só podem mudar daqui uns anos quando se aperceberem a falta que têm ou não. Mas eu sinto que neste momento eles não...porque eles estão absorvidos no mundinho deles e nas redes sociais que eu sinto que...não sei. Que eles não vão mudar, sinto que vai ficar pior (...) tenho pouca esperança.” (Daniela, trabalhadora, 24)

De forma a fazer frente a esta perspetiva menos otimista e alcançar o futuro pretendido, destaca-se a necessidade das novas gerações desenvolverem um leque de competências, sendo as mais destacadas pelos entrevistados: empatia, respeito, trabalho de equipa, argumentação, sentido de responsabilidade e espírito crítico. Essas competências fomentam também a procura

por novas oportunidades por parte dos jovens que identificam várias atividades que pretendem realizar no futuro, uma vez que muitos pretendem começar práticas nunca antes exploradas como afiliação a partidos ou aprofundar os seus envolvimento atuais numa lógica de continuidade.

Este conjunto de competências identificadas remete novamente para a ideia de que o fomento da cidadania e participação social dos jovens deve estar presente em todo o percurso escolar e no ambiente educativo de cada escola no seu dia a dia. Contudo, embora se reconheçam as oportunidades e competências do futuro, os entrevistados, independentemente dos perfis, enumeram diversos obstáculos que, a seu ver, prejudicam a participação. Alguns desses são: a falta de figura de referência familiar e tempo em família, pressões académicas, foco exagerado da Escola em currículos e falta de recursos. Por fim, um último obstáculo passa pela falta de motivação dos jovens e pelo impacto negativo das redes sociais.

Porém, é de referir que dois entrevistados veem isto como algo positivo, uma vez que se criam pessoas ativas e informadas quando a utilização das tecnologias é feita de forma responsável e consciente por parte dos jovens que as usam.

“Se os jovens não veem os pais a tomar uma atitude e a adotar comportamentos que estejam relacionados com competências sociais, se calhar eles próprios também não vão dar tanta importância porque veem aqueles que são mais próximos a também não ligarem tanto. Ou outro motivo também pode ser por exemplo, o facto dos jovens também já terem tantas pressões postas neles próprios seja a entrada na universidade ou as relações que têm com os colegas ou a pressão para terem boas notas pode-lhes escapar um pouco essa parte social.” (Marta, trabalhadora, 23)

Estes obstáculos acabam por ir ao encontro das barreiras que os entrevistados identificam nos seus próprios padrões de participação social, sendo que as principais razões são: falta de tempo, pressões académicas, desconfiança e desconhecimento sobre associações; falta de interesse e conformismo e momentos de transição de vida (entrada no ensino superior e inserção no mercado de trabalho). Ou seja, mesmo sendo jovens de perfis diferentes, as barreiras identificadas acabam por estar em concordância, embora que estejam em fases de vida distintas entre si.

“Eu, muito francamente, nunca tive grande interesse em associações de algum tipo. Não sei bem precisar ou porquê, mas nunca fui algo que me interessasse assim muito. Talvez também porque nunca tive alguém com quem ir (...) Porque não sei bem onde é que conseguiria encaixar uma dessas ações, ou se fosse mesmo ao fim de semana, ou talvez ao final da tarde, ou assim.” (Marta, trabalhadora, 23)

Perante todos estes obstáculos enumerados anteriormente, o tempo positivo passado na Escola é visto como essencial para o incentivo da participação social dos jovens, afastando-se da fixação em currículos escolares em demasia através de temas atuais num ambiente interdisciplinar. Como tal, é mencionada a necessidade de a Escola motivar e ajudar os jovens através de atividades mais práticas, parcerias com entidades externas e de espaços para debates que coloquem os alunos como centro da aprendizagem com os professores.

“Por exemplo, questões que surjam de turma, algum conflito que surja, promover esse olhar para o outro, levar-nos a questionar sobre a existência de diferenças ou não e também a procurar desconstruir essas diferenças que sozinhos podemos criar (...) num espaço seguro ouvirmos várias ideias e perceber o que é que faz sentido e o que é que não faz e a partir daí constrói-se obviamente uma visão crítica, não é? Livros, ter-se um momento para partilhar-se leituras.” (Ana, trabalhadora-estudante, 25)

Assim, é possível verificar que os jovens aparentam ter uma visão idealizada do que o papel da juventude pode e deve ser e de quais as oportunidades querem ter, porém, na identificação das barreiras que sentem, passam a ser mais realistas, baseando-se nas suas próprias experiências concretas. Algo que também acontece nas suas perceções em relação à Escola.

Deste modo, esta análise está alinhada com as ideias de Bauml et al. (2022) que identificam barreiras comuns a esta investigação, entre elas: conformismo e apatia dos jovens, falta de tempo e recursos, medo de rejeição e falta de acesso a informação. Porém, à semelhança de Pantoja (2010), Bauml et al. (2022) destaca que a Escola tem que fazer frente a todos esses obstáculos através de dinâmicas educativas que sejam desafiantes e envolventes, uma vez que os jovens têm desejo e vontade de fazer a diferença e de aproveitar novas oportunidades na sociedade em que estão inseridos.

Conclusões

Assim, esta dissertação teve como principal objetivo responder à questão central: como é que os jovens percebem o papel da Escola na promoção da participação social? Em consequência do objetivo estabelecido, pretendeu-se aprofundar as percepções sobre as dinâmicas entre a instituição escolar e a participação social.

Os principais resultados desta investigação apontam para a compreensão da cidadania enquanto conjunto de direitos e deveres que são colocados em prática através de diversas formas de participação social que variam conforme o seu carácter passivo ou ativo e envolvimento individual ou coletivo. Esta variedade de práticas dos jovens vai ao encontro da taxonomia de níveis de participação apresentada por Piškur et al. (2013). Perante o reconhecimento do que é a participação social, os jovens são apresentados enquanto agentes dos processos de mudanças, porém os resultados demonstram que existem algumas práticas que são menos atrativas e confiáveis apesar de sua importância, como é o caso da afiliação política e dos clubes. Neste contexto, esta investigação permite identificar os modos de participação social mais frequentes dos jovens entrevistados em Portugal, sendo esses o envolvimento em associações, voluntariado e manifestações e protestos.

A predominância de participações em ações informais e pontuais verificada ao longo dos resultados indicam um perfil mais versátil e móvel dos jovens na atualidade que, muitas vezes, optam por práticas de carácter imediato conforme os seus interesses e as suas características mais individualistas. Adicionalmente, outra das conclusões desta investigação revela uma tendência de se instrumentalizar a participação, ou seja, de se envolver em ações com objetivos e ganhos específicos, em oposição a ações de participação social menos comuns entre os jovens, como é o caso dos clubes.

Esta realidade está em conformidade com Benedicto e Morán (2002) que identificam uma preferência por formas de participação mais flexíveis, em contraste com práticas institucionais e continuadas por parte das gerações mais novas. Assim, esses mesmos autores explicam que os jovens tendem a privilegiar a participação em redes informais, projetos ou ações pontuais onde se sentem maior controlo e impacto no que fazem, afastando-se, portanto, de participações formais como associativismo e clubes, sendo que esta ideia também foi encontrada nesta investigação. Estas ideias também podem estar relacionadas com o que Putnam (2015) aborda sobre o capital social, pelo que é possível que estas mudanças nas práticas de participação sejam, por elas mesmas, implicações do declínio do capital social.

Dando resposta à questão inicial de como é que os jovens percecionam o papel da Escola na promoção da sua participação social e à exploração de opiniões, os resultados desta investigação revelam que os entrevistados reconhecem o papel possivelmente relevante da instituição. Contudo, essa perceção é acompanhada pelo reconhecimento de que esse papel nem sempre é cumprido, destacando-se críticas como a rigidez e limitação aos currículos, falta de dinamismo e de aulas práticas e gestão pouco estruturada da disciplina de cidadania.

Estas limitações, à exceção da referência específica da disciplina, acabam por estar interligadas a algumas das conclusões apresentadas em estudos anteriores como Silva et al. (2022), reforçando as perceções recolhidas. Ou seja, na perspetiva dos jovens, o papel da Escola é ambíguo, sendo visto, por um lado, como um ponto de partida para práticas de participação social, mas, por outro lado, alvo de críticas por não as promover de forma contínua e sistemática ao longo dos percursos escolares. Esta visão está em conformidade com Biesta (2011), que faz a distinção entre uma educação para a cidadania completa e uma que apenas socializa ou disciplina de forma superficial.

Outra das conclusões remete para a necessidade de se investir numa maior formação contínua dos professores remetente ao ensino da cidadania nas escolas, destacando-se de forma é que os profissionais devem conseguir abordar os temas segundo os currículos e as vivências os jovens. Igualmente associada a esta conclusão, destaca-se a aparente desvalorização da disciplina de cidadania apesar de existir um currículo previsto para a mesma, uma vez que esse tempo é, muitas vezes, utilizado para outros assuntos como tarefas burocráticas com os diretores de turma e atividades para outras disciplinas, sendo esta uma das caracterizações mais comuns dos jovens acerca da educação para a cidadania na formação social. Contudo, é de referir que a ideia não é, nem pode ser, apenas organizar e valorizar a disciplina em si, mas sim promover a participação social e a cidadania no seu todo no ambiente escolar mais amplo através da relação com a comunidade e a missão de cada escola.

Todas estas ideias reforçam a necessidade urgente de repensar, não só as práticas pedagógicas nas escolas e a disciplina de cidadania, mas também a forma como a instituição deve envolver e ouvir as perceções dos jovens. É fundamental que a escola vá além do seu papel transmissivo tradicional e que se assuma como um espaço de fomento de diálogo e de expressão onde os jovens não são apenas recetores de informação, mas sim agentes ativos envolvidos nos processos educativos e sociais nas escolas. Isto é importante, pois, segundo Pantoja (2010), a realidade escolar tende a silenciar e criticar essas vozes através de respostas de maior controlo ou oposição quando as opiniões vão contra o discurso das escolas, em vez de fomentar uma vivência mais democrática.

Assim, torna-se essencial refletir sobre o debate acerca do papel da Escola na promoção da cidadania e participação social à luz das vozes dos jovens, uma vez que esta investigação demonstra que, embora os jovens reconheçam a importância da instituição na construção do futuro, muitos não se sentem devidamente representados ou atraídos pelas iniciativas que consideram ser distantes e burocráticas.

Mais do que ensinar o que é cidadania e as quais as práticas de participação social, importa que os jovens se identifiquem com elas e, para isso, torna-se necessário repensar sobre a maneira como a cidadania tem sido frequentemente utilizada como tópico de disputa política em Portugal que acaba por instrumentalizar os jovens para lançar determinadas agendas. Isto porque, tal como T. H. Marshall (1950) defende, existe uma distinção entre cidadania formal e a efetivação da mesma, pelo que não basta estar formalmente prevista.

O verdadeiro debate deve-se focar menos na discussão da agenda política e mais no seu potencial e abordagem educativa, pois a verdadeira transformação da Escola enquanto promotora da participação social não irá acontecer enquanto os jovens continuarem a ser apenas destinatários passivos. Estas ideias são apresentadas por Biesta (2021), que critica a tendência de a educação ser vista como um processo para formar cidadãos “certos” através de uma certa cidadania desejada para o sistema político e, em contraste, enfatiza a necessidade de se repensar a educação enquanto instrumento para se promover a cidadania de forma crítica que não sirva apenas para alcançar o “certo” de forma a não provocar mais implicações para o próprio conceito de cidadania na sociedade contemporânea.

Assim, a existência da disciplina é valorizada apesar de ainda existirem aspetos a melhorar como o maior investimento e maior ensino prático. Mas, perante este facto, torna-se necessário que a cidadania e participação social não se tornem confinadas, devendo ser expandida a outras áreas do saber e práticas escolares com o intuito de promover competências que comecem na escola, como a empatia, o respeito e o trabalho de equipa.

Contributos e limitações

A investigação apresenta contributos que decorrem da metodologia utilizada nos campos da participação juvenil e do papel social da Escola, ao abordar uma amostra de jovens com diferentes percursos (estudantes, trabalhadores-estudantes, trabalhadores) e com diferentes hábitos de envolvimento em associações, que permitem captar uma diversidade de experiências e perspetivas, dando continuidade aos estudos já realizados nesta área de investigação, com algumas conclusões semelhantes, que foram apresentadas no enquadramento teórico. A escolha

de jovens já fora do sistema educativo permite ainda obter uma perspetiva mais afastada e comparada com realidades do mundo adulto, que encontram à saída da escolaridade obrigatória, para explorar o desalinhamento entre o discurso institucional e as vivências dos próprios.

Outro contributo é o facto de a investigação não se limitar apenas à participação cívica e política, comum noutros estudos, procurando compreender também as formas de envolvimento sociais mais informais para além da política como clubes e ações de voluntariado que são abrangidas pela participação social. Pretende também contribuir para a literatura sociológica portuguesa no âmbito dos estudos da juventude.

Adicionalmente, a investigação identifica uma aparente necessidade de se desmitificar a educação para a cidadania nas escolas devido à falta de organização e desvalorização das aulas dessa disciplina nas escolas, algo que não é diretamente abordado noutros estudos. Neste contexto, Osler e Starkey (2006) salientam que essa educação é frequentemente utilizada como uma componente complementar e incompleta nas escolas, o que resulta em práticas inconsistentes.

Por fim, um último aspeto prende-se com a breve identificação de outros espaços alternativos além da Escola, que servem de ponto de partida à participação social dos jovens, os quais ainda não são muito explorados na literatura. Esses espaços são a Igreja, através da catequese nas escolas, e as redes sociais, não apenas como meios de interação e comunicação entre os jovens, mas como espaços que promovem o início de práticas diversificadas de participação social.

Assim, esta pesquisa trouxe contributos, mas também permitiu identificar um conjunto de limitações, que oferecem pistas para futuras investigações nesta área. Em conformidade, futuras investigações nesta área poderiam prever maior representatividade socioeconómica dos participantes, uma vez que pode relevar mais barreiras e limitações específicas, assim como uma maior exploração mais profunda de outros fatores como a Igreja e as redes sociais e de outros agentes escolares como os professores. Por fim, outra das pistas deixada para futuras investigações é a exploração do fator da naturalidade que, apesar de existente, não é central nesta dissertação, pelo que pode ser um aspeto importante a abordar em estudos futuros, uma vez que o sistema educativo em Portugal apresenta, cada vez mais, uma maior e positiva diversidade.

Referências Bibliográficas

- Appadurai, A. (2013). *The Future as Cultural Fact: Essays on the global condition*. Verso.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Almedina Brasil.
- Bauml, M., Smith, D. V., & Blevins, B. (2022). “Who Cares?”: Young Adolescents’ Perceived Barriers to Civic Action. *RMLE Online*, 45(3), 1–20.
- Benedicto, J., & Morán, M. L. (2002). *La construcción de una ciudadanía activa entre los jóvenes*. Instituto de la Juventud.
- Bennett, W. L. (2003). *Civic Learning in Changing Democracies: Challenges for Citizenship and Civic Education*. Center for Communication and Civic Engagement.
- Berger, P., & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Editora Vozes.
- Berinsky, A. J., & Lenz, G. S. (2010). Education and Political Participation: Exploring the Causal Link. *Polit Behav*, 33 (3), 357-373.
- Biesta, G. J. J. (2011). *Learning Democracy in School and Society: Education, Lifelong Learning, and the Politics of Citizenship*. Sense Publishers.
- Biesta, G. J. J. (2021). *World-Centred Education: A View for the Present*. Routledge.
- Blaikie, N. (2007). *Approaches to social equity: Advancing knowledge* (2th ed.). Polity Press.
- Bryman, A. (2012). *Social research methods* (4th ed.). Oxford University Press.
- Capucha, L., Nunes, N., Pereira, J., Calado, A. & Evaristo, T. (2021). *Jovens do Concelho de Sintra - Condições de Vida, Atitudes e Práticas*.^[1]_{SEP} Câmara Municipal de Sintra.
- Coleman, J. S. (1988). Social Capital in the Creation of Human Capital. *The American Journal of Sociology*, 94, 95-120.

- Dalton, R. J. (2008). *The Good Citizen: How a younger generation is reshaping American politics*. CQ Press.
- Direção-Geral da Educação. (2013). *Educação para a cidadania – linhas orientadoras*. Ministério da Educação e Ciência, Portugal.
- Dubet, F., Duru-Bellat, M., & Veretout, A. (2010). *Les sociétés et leur école: Emprise du diplôme et cohésion sociale*. Éditions du Seuil.
- Emmel, N. (2013). *Sampling and choosing cases in qualitative research: A realist approach*. Sage Publications.
- Flick, U. (1998). *An introduction to qualitative research*. Sage Publications Ltd.
- Fraser, N. (2002). A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 7-20.
- Freire, I. (2011). Cidadania da criança: escola e sociedade como palcos de participação. *EDUSER: Revista de Educação*, 3(2), 17–26.
- Janoski, T., & Compion, S. (2001). Citizenship, Sociological Aspects of. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 3, 655-661.
- Kiilakoski, T. (2020). *Perspectives on youth participation: Analytical paper*. European Union, Council of Europe Youth Partnership.
- Malafaia, C., Ferreira, P., & Menezes, I. (2018). *Understanding the role of school education in promoting active citizenship*. [Research report from the CATCH – Constructing Active Citizenship with European Youth project]. Universidade do Porto, CIIE.
- Marshall, T. H. (1950). *Citizenship and social class*. Cambridge University Press.
- Martins, G. O., Gomes, C. A. S., Brocardo, J. M. L., Pedroso, J. V., Carrillo, J. L. A., Silva, L. M. U., Encarnação, M. M. G. A., Horta, M. J. V. C., Calçada, M.T.C. S., Nery, R. F. V. & Rodrigues, S. M. C. V. R. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação.

- Menezes, I., Malafaia, C., & Ferreira, P. D. (Orgs). (2022). *Reinventar a cidadania europeia de jovens: as escolas como espaços de educação política*. CIIE/FPCEUP.
- Ministério da Educação. (2017). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. Direção-Geral da Educação, Portugal.
- Mogarro, M. J., & Martins, M. J. D. A educação para a cidadania no século XXI. *Revista Iberoamericana de Educación*, (53), 185-202.
- Neto-Mendes, A., Costa, J. A., Gonçalves, M. & Fonseca, D. (2018). Rede escolar: (re)configurações, tensões e desafios. *Atas do VIII Simpósio de Organização e Gestão Escolar*.
- Osler, A., & Starkey, H. (2006). Education for Democratic Citizenship: a review of research, policy and practice 1995-2005. *Research Papers in Education*, 21(4), 433-466.
- Pacheco, J. (2000). A Educação para a Cidadania: O espaço curricularmente adiado. *Teias*, 2, 99-133.
- Pantoja, R. S. (2010). La escuela como espacio de ciudadanía. *Estudios Pedagógicos*, 36 (2), 213-239.
- Parsons. T. (1937). The structure of social action. *McGraw-Hill*.
- Persson, M. (2012) Does Type of Education Affect Political Participation? Results from a Panel Survey of Swedish Adolescents. *Scandinavian Political Studies*, 35, 198-221.
- Pinto, M., Pereira, S., Navio, C., & Fillol, J. (2023). A polémica sobre a disciplina ‘Cidadania e Desenvolvimento’: o dito e o não dito nos media. *Media & Jornalismo*, 23(43), 9-36.
- Piškur, B., Daniëls, R., Jongmans, M. J., Ketelaar, M., Smeets, R. J, E. M., Norton, M. & Beurskens, A. J. J. M. (2013). Participation and social participation: are they distinct concepts? *Clinical Rehabilitation*, 28 (3), 211-220.

- Putnam, R. D. (1995). Bowling Alone: America's Declining Social Capital. *Journal of Democracy*, 6 (1), 65-78.
- Putnam, R. D. (2015). *Our kids: The american dream in crisis*. Simon & Schuster.
- Salado, V., Moreno-Maldonado, C., Luna, R., & Rivera, F. (2024). Does family material affluence affect the future socio-political participation of adolescents and their concerns about social issues? *SAGE Open*, 14 (2).
- Santos, B. S. (2002). *Democracia e participação: O caso do orçamento participativo de Porto Alegre*. Edições Afrontamento.
- Santos, M. E. V. M. (2005). Cidadania, conhecimento, ciência e educação CTS. Rumo a “novas” dimensões epistemológicas. *Revista CTS*, 2 (6), 137-157.
- Silva, M., Jesus, F. M., Loff, M., Nata, G., & Menezes, I. (2022). *A Participação Política da Juventude em Portugal. A participação política de jovens vista por dentro: perspectivas de ativistas sobre as formas, as causas, os motivos e o futuro*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Silverman, D. (2015). *Interpreting qualitative data* (5th ed.). Sage Publications.
- Stahl, K. A. (2020). *Local citizenship in a global age*. Cambridge University Press.
- Ragin, C. C., & Amoroso, L. M. (2019). *Constructing social research: The unity and diversity of method*. SAGE Publications Ltd.
- Reis, João. (2000). *Cidadania na Escola: Desafio e Compromisso*. Inforgeo.
- Ribeiro, A. B., & Menezes, I. (2015). Educação e democracia: potencialidades e riscos da parceria entre escolas e ONG. *Revista Interações*, 11(36).
- Rodrigues, L., & Sousa, J. M. (Orgs.). (2023). *Educação e Desenvolvimento Comunitário*. Imprensa Académica.
- Turner, B. S. (1993). *Citizenship and Social Theory*. Londres: Sage Publications.

União Europeia. (2012). Tratado da União Europeia.

Vieiras, M. M. (2015). Modernidade, cidadania e educação - Das dinâmicas aos desafios. *Revista Interações*, 11 (36), 20-33.

White, E. S. (2021). Parent values, civic participation, and children's volunteering. *Children and Youth Services Review*, 127.

Zlobina, A., Dávila, M. C., & Zapater, M. B. (2024). Are Today's Young People Active Citizens? A Study of Their Sensitivity to Socio-Political Issues and Their Social Participation. *Journal of Social and Political Psychology*, 12 (1), 5-22.

Zukin, C., Keeter, S., Andolina, M., Jenkins, K., & Carpini, M. X. D. (2006). *Political Participation, Civic Life, and the Changing American Citizen*. Oxford University Press.

Anexos

Anexo A – Definição de perfis para amostra de jovens entrevistados

Definição de perfis para amostra de jovens entrevistados

Identificação do Público-Alvo Geral

- **Faixa etária:** Indivíduos que se encontrem na faixa etária geral de jovens, com idades entre os 18 e os 26 anos;
- **Localização geográfica:** Indivíduos que tenham estudado na área metropolitana de Lisboa;
- **Características específicas:** Ex-alunos que já se encontram fora da escolaridade obrigatória que, idealmente, termina ao fim do 12º ano de escolaridade; Ex-alunos que tenham frequentado o sistema de ensino obrigatório em Portugal.

Definição de Perfis/Segmentos de Amostra

- **Perfil A** – Jovens entre os 18 e 26 anos que tenham terminado o ensino obrigatório e que estejam a frequentar o Ensino Superior em qualquer área de estudo. Somente estudantes;
- **Perfil B** – Jovens trabalhadores-estudantes entre os 18 e 26 anos que estejam a frequentar o Ensino Superior, ou seja, ex-alunos inseridos no mercado de trabalho;
- **Perfil C** – Jovens entre os 18 e 26 anos que atualmente se encontrem apenas a trabalhar, inseridos no mercado de trabalho.

Nota: Os perfis definidos englobam jovens da região de Lisboa com idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos com base a sua condição perante o trabalho (estudante; trabalhador-estudante e trabalhador), pelo que se trata de uma amostra não representativa que pretende explorar diferentes perspetivas dos jovens neste estudo. Para cada um dos perfis, assegura-se a diversidade dos participantes a partir de outras características que são englobadas em cada um, sendo estas: (i) género; (ii) envolvimento ou não em associações; e (iii) naturalidade.

Anexo B – Guião de Entrevista Exploratória

Guião de Entrevista Exploratória

Tema

A perspetiva dos jovens acerca do papel da Escola na promoção da participação social

Introdução

Olá. O meu nome é Mafalda Carneiro e eu estou a frequentar o 2º ano do Mestrado de Sociologia no ISCTE. Esta entrevista é realizada no âmbito da dissertação de mestrado, tendo como intuito explorar diversas vertentes associadas à temática da perspetiva dos jovens acerca do papel da Escola na promoção da participação social. Como tal, os blocos abordados ao longo desta entrevista passam por: apresentação do entrevistado; Estado da arte sobre o tema; participação social; papel da Escola na participação social dos jovens; metodologia; e sugestões finais e agradecimentos.

Neste sentido, é de referir que nenhuma das informações recolhidas ao longo desta entrevista serão divulgadas fora deste âmbito académico, pelo que se garante o anonimato do entrevistado e se solicita a autorização para gravar a entrevista.

Apresentação

- Qual é o seu nome?
- Qual é o tema da sua tese?
- Quais as investigações em que esteve envolvida sobre jovens, associativismo e participação cívica?

Literatura Recomendada

- Quais alguns dos autores que considera fundamentais para o estudo da temática da participação social e da cidadania dos jovens?
- Que outros estudos conhece em Portugal acerca deste tema? Ou internacionalmente?

Participação social dos jovens

- Qual a pertinência de um estudo sobre a relação existente entre os jovens, a sua participação social e o papel da Escola?
- Como define participação social?
- Qual a sua opinião sobre a participação social dos jovens?
- Em comparação ao passado, considera que a participação social dos jovens em Portugal é muita ou pouca?
- Quais as formas mais comuns de participação social dos jovens?
- A tendência de participação social dos jovens é crescente ou decrescente?

Papel da Escola na participação social dos jovens

- A partir das suas investigações, como é que vê o papel das Escolas na formação e no fomento à participação social dos jovens?
- Do que conhece, nota alguma diversidade entre Escolas nesta temática? O que as distingue?
- Do que vê, que formas é que a instituição da Escola desenvolve e promove a participação social dos jovens em Portugal?
- A partir de que anos de escolaridade é que os jovens se envolvem mais em conhecimentos e atividades relacionadas com a participação social?
- Que críticas aponta à Escola em relação a este papel?
- Vê algum aspeto negativo em ser a Escola a formar jovens envolvidos na participação social?
- Quais os principais obstáculos a esta promoção da participação social?
- Além da Escola, que outras instituições podem ter um papel relevante na promoção da participação social?

Metodologia

- No âmbito desta temática, considera concretizável entrevistar ex-alunos e professores de forma a compreender as suas respetivas perspetivas?
- Da sua experiência e entrevistar jovens, que sugestões me dá?
- Qual a melhor forma de abordar jovens envolvidos em associações?

Sugestões finais e agradecimentos

- Dada como terminada a entrevista, gostaria de lhe perguntar se quer acrescentar alguma coisa ou partilhar algumas sugestões finais?
- Agradecimentos finais.

Anexo C – Guião de Entrevista

Guião de Entrevista

Tema

A perspetiva dos jovens acerca do papel da Escola na promoção da participação social

Introdução

Olá. O meu nome é Mafalda Carneiro e eu estou a frequentar o 2º ano do Mestrado de Sociologia no ISCTE. Esta entrevista é realizada no âmbito da dissertação de mestrado, tendo como intuito explorar diversas vertentes associadas à temática da perspetiva dos jovens acerca do papel da Escola na promoção da participação social. Como tal, os blocos abordados ao longo desta entrevista passam por: apresentação da entrevista; perfil da participação social do jovem; influência da Escola na participação social; educação para a cidadania no contexto escolar; e papel da Escola no futuro.

Bloco elementar – Legitimação da entrevista

- Permissão de gravação de áudio
- Garantia de anonimato
- Apresentação do(a) entrevistado(a):
 - Qual é o teu nome?
 - Que idade tens?
 - Estás a frequentar o Ensino Superior? Que curso frequentas ou frequentaste?
 - Estás a trabalhar atualmente? Há quanto tempo trabalhas? Onde trabalhas?

Bloco 1 - Representações

1. O que é para ti “Cidadania”?
2. O que é para ti “participação social” e que vertentes estão envolvidas?
3. No geral, quais as temáticas que te despertam mais interesse a nível social?

Bloco 2 – Participação Social do Jovem

1. Já estiveste envolvido em associações?
2. Já estiveste envolvido com partidos de alguma forma?
3. Já estiveste envolvido em algum clube?
4. Participas ou segues alguma associação de estudantes?
5. Já estiveste envolvido em formas de associativismo online?
6. Já participaste em eventos mais pontuais (manifestações, protestos, conferências)?
7. Ao longo dos anos, alguma vez te envolveste em ações de voluntariado?

8. Porque é que paraste de participar em algumas dessas atividades? Caso nunca te tenhas envolvido nelas, quais algumas das razões por trás?
9. Em que atividades gostarias de estar envolvido no futuro?
10. O que te impede de participar mais ativamente em atividades sociais ou cívicas?

Bloco 3 – Influência da Escola na Participação Social

1. Como é que a Escola deve ajudar os jovens a perceber a importância de participar socialmente?
2. Na tua experiência pessoal e escolar, sentiste que a Escola teve esse papel?
3. Tens memória de algum momento ou atividade específica na Escola que te fez entender a importância de participares socialmente?
4. Sentes que a Escola te ajudou e incentivou a estar mais informado?
5. Achas que a Escola te incentivou a estar presente e consciente dos debates contemporâneos?
6. Achas que a Escola incentiva os jovens a participarem em atividades extracurriculares ou grupos relacionados com a participação social?
7. Como é que as associações de estudantes são promovidas na Escola?
8. Qual é o papel dos professores na promoção da participação social dos jovens?

Bloco 4 – Educação para a Cidadania no Contexto Escolar

1. Que temas é que lembras de abordar nas aulas de cidadania e quais os mais memoráveis?
2. Achas que as aulas de cidadania estão em conformidade com as necessidades sociais atuais? Se não, que mudanças devem acontecer?
3. Consideras que os temas abordados foram abordados com a profundidade necessária?
4. Que outras disciplinas te pareceram relevantes para a tua formação cívica e participação social? E através de que temas?

Bloco 5 – Balanço e Perspetivas de Futuro

1. Quais são as competências sociais que pensas que vão ser importantes no futuro? O que é que é esperado dos jovens de hoje?
2. De que forma é que a Escola deve fomentar estas competências atuais? Como é que a Escola pode melhorar nesse aspeto?
3. Quais consideras serem os atuais obstáculos à cidadania e participação dos jovens?
4. Qual é que é o papel que, na tua opinião, os jovens devem ter na promoção de mudanças sociais na sociedade?

Anexo D – Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo surge no âmbito de um projeto de investigação a decorrer no **ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa**. O estudo tem por objetivo entender como é que os jovens percecionam o papel da Escola na promoção da participação social.

O estudo é realizado por Mafalda Alves Carneiro, (macos2@iscte-iul.pt) que poderá contactar caso pretenda esclarecer uma dúvida ou partilhar algum comentário.

A sua participação no estudo, que será muito valorizada pois irá contribuir para o avanço do conhecimento neste domínio da ciência, consiste em uma entrevista com duração prevista entre 30 e 60 minutos. Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no estudo.

A participação no estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher livremente participar ou não participar. Se tiver escolhido participar, pode interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também **anónima** e **confidencial**. Os dados obtidos destinam-se apenas a tratamento estatístico e nenhuma resposta será analisada ou reportada individualmente. Em nenhum momento do estudo precisa de se identificar.

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pelo/a investigador/a, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora, pelo que **aceito** nele participar.

Nome: _____

Assinatura: _____

Anexo E – Grelha de Perfis de Entrevistas

Grelha de Perfis de Entrevistas

Nome Fictício	Nº (E)	Idade	Sexo	Condição no Trabalho	Envolvimento em Associações	Naturalidade	Perfil
Rui	E1	22	Masculino	Estuda	Não	Portuguesa	A
Marta	E2	23	Feminino	Trabalha	Não	Portuguesa	C
Margarida	E3	22	Feminino	Trabalha	Sim	Portuguesa	C
Carla	E4	23	Feminino	Trabalha	Sim	Cabo Verdiana	C
Luís	E5	19	Masculino	Estuda	Não	Portuguesa	A
Ana	E6	25	Feminino	Estuda e Trabalha	Não	Portuguesa	B
Matilde	E7	22	Feminino	Trabalha	Não	Angolana	C
Daniela	E8	24	Feminino	Trabalha	Não	Portuguesa	C
Alice	E9	19	Feminino	Estuda	Sim	Portuguesa	A
João	E10	25	Masculino	Estuda e Trabalha	Sim	Portuguesa	B
Andreia	E11	22	Feminino	Estuda e Trabalha	Sim	Portuguesa	B
Nuno	E12	24	Masculino	Estuda e Trabalha	Sim	Guineense	B
Duarte	E13	23	Masculino	Estuda	Não	Portuguesa	A
Rita	E14	23	Feminino	Estuda	Sim	Portuguesa	A
Joana	E15	22	Feminino	Estuda	Não	Portuguesa	A
Sofia	E16	23	Feminino	Estuda	Sim	Portuguesa	A
Carolina	E17	26	Feminino	Trabalha	Não	Angolana	C

Diário Metodológico

Este diário metodológico é parte integrante de uma dissertação de Mestrado de Sociologia que tem como intuito explorar a temática escolhida. Este documento pretende registar as etapas metodológicas ao longo da investigação.

• Entrevista Exploratória - Jéssica Sofia Pereira

Data de realização: 13 de Setembro de 2024, 10:30

Duração: 1 hora e 20 minutos

Regime: Presencial. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa

Notas a destacar: esta entrevista exploratória foi realizada com o intuito de enriquecer e direccionar a construção da dissertação com recurso a um guião de entrevista. Algumas das ideias recolhidas que eu considereei mais pertinentes:

- Todos os jovens são diferentes, logo é importante ter isso conta ao longo da investigação, pelo que também a Escola deve considerar esta diferença;
- Cada vez mais, existe a necessidade de se estabelecer uma relação entre a Escola e Comunidade no que diz respeito à promoção da participação social dos jovens, uma vez que os momentos promotores desta participação não devem ser apenas periódicos e isolados, mas sim integradores de um processo contínuo e significativo para os jovens;
- Jovens tendem a participar em vertentes próximas deles, mas não só;
- Na atualidade, existe uma ideia falsa de que os jovens não têm interesse nem participam, pelo que isto está relacionado com a limitação do conceito de “participação social” apenas à vertente política como o voto e o sindicalismo;
- A investigadora acredita que a participação dos jovens tende a crescer a partir do 7º ano de escolaridade, tendo um impacto mais significativo no ensino secundário;
- Entrevistar ex-alunos que já estejam fora do sistema educativo obrigatório permite a partilha de experiências em retrospectiva de forma mais profunda e madura, pelo que, em contraste, se eu entrevistar jovens alunos (ainda não terminaram o 12º ano) existe a possível limitação de estes alunos se basearem apenas nas suas vivências mais próximas do dia a dia que podem não estar necessariamente relacionados com a temática.

• Entrevista Exploratória – Adriana Albuquerque

Data de realização: 13 de Setembro de 2024, 14:30

Duração: 41 minutos

Regime: Presencial. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa

Notas a destacar: esta entrevista exploratória foi realizada com o intuito de enriquecer e direcionar a construção da dissertação com recurso a um guião de entrevista. Algumas das ideias recolhidas que eu considereei mais pertinentes:

- Muitas vezes, são colocadas demasiadas exigências à instituição da Escola que surgem de diversos lados. Ou seja, demasiados desafios, obrigações e deveres que também deveriam ser da responsabilidade de outras instituições da sociedade;
- Diversas políticas educativas e pressões para a obtenção de resultados podem estar por trás de fragilidades no papel da Escola, sendo que pode também existir uma desatualização da Escola que ainda é a Escola do século XVIII a nível estrutural;
- A Escola, quer queira quer não, é uma instituição basilar da sociedade, um local onde os cidadãos passam grande parte das suas vidas. Raras são as vezes em que passamos as nossas vidas durante tanto tempo numa só instituição como passamos na Escola;
- A investigadora questiona o atual funcionamento da disciplina de cidadania (anteriormente formação cívica) nas escolas, pelo que a entrevistada menciona que, da sua experiência, o tempo proporcionado por essa disciplina era frequentemente utilizado pelos diretores de turma apenas para resultar questões burocráticas;
- Uma ideia/sugestão de instrumento caso exista confusão nas primeiras entrevistas por parte dos entrevistados a localizar as suas vivências escolares nos respetivos anos.

• **Entrevista – Marta**

Data de realização: 6 de Outubro de 2024, 19:00

Duração: 33 minutos. Regime: Online. Zoom *software*

• **Entrevista – Margarida**

Data de realização: 12 de Outubro de 2024, 11:00

Duração: 42 minutos. Regime: Online. Zoom *software*

• **Entrevista – Rita**

Data de realização: 13 de Outubro de 2024, 15:30

Duração: 60 minutos. Regime: Online. Zoom *software*

- **Entrevista – Ana**

Data de realização: 19 de Outubro de 2024, 11:00

Duração: 65 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Sofia**

Data de realização: 23 de Outubro de 2024, 21:45

Duração: 40 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Joana**

Data de realização: 24 de Outubro de 2024, 16:00

Duração: 49 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Andreia**

Data de realização: 25 de Outubro de 2024, 13:08

Duração: 51 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Daniela**

Data de realização: 29 de Outubro de 2024, 13:00

Duração: 40 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Alice**

Data de realização: 6 de Novembro de 2024, 11:00

Duração: 34 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Luís**

Data de realização: 6 de Novembro de 2024, 16:05

Duração: 38 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – João**

Data de realização: 6 de Novembro de 2024, 18:30

Duração: 50 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Duarte**

Data de realização: 8 de Novembro de 2024, 10:05

Duração: 47 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Matilde**

Data de realização: 27 de Novembro de 2024, 20:15

Duração: 35 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Rui**

Data de realização: 28 de Novembro de 2024, 19:50

Duração: 44 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Nuno**

Data de realização: 4 de Dezembro de 2024, 11:40

Duração: 40 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Carla**

Data de realização: 10 de Dezembro de 2024, 14:35

Duração: 40 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

- **Entrevista – Carolina**

Data de realização: 15 de Dezembro de 2024, 16:00

Duração: 30 minutos. Regime: Online. *Zoom software*

Nota: As principais impressões retiradas de cada entrevista foram armazenadas num documento à parte, tendo sido escritas no momento imediato a cada entrevista, uma vez que os pensamentos espontâneos tendem a ser esquecidos ao longo da investigação.

Anexo G – Representação dos três grupos de Educação para a Cidadania (retirado da ENEC)

1.º Grupo:

Direitos Humanos (civis e políticos, económicos, sociais e culturais e de solidariedade);

Igualdade de Género;

Interculturalidade (diversidade cultural e religiosa);

Desenvolvimento Sustentável;

Educação Ambiental;

Saúde (promoção da saúde, saúde pública, alimentação, exercício físico).

2.º Grupo:

Sexualidade (diversidade, direitos, saúde sexual e reprodutiva);

Media;

Instituições e participação democrática.

Literacia financeira e educação para o consumo;

Segurança rodoviária;

Risco.

3.º Grupo:

Empreendedorismo (na suas vertentes económica e social);

Mundo do Trabalho;

Segurança, Defesa e Paz;

Bem-estar animal;

Voluntariado.

Outras (de acordo com as necessidades de educação para a cidadania diagnosticadas pela escola e que se enquadre no conceito de EC proposto pelo Grupo).

Anexo H – Tabela-modelo de análise de entrevistas (Participação Social - Parte I)

Conceitos	Dimensões	Perguntas	E1 (Rui)	E2 (Marta)	E3 (Margarida)	E4 (Carla)	E5 (Luís)	E6 (Ana)	E7 (Matilde)	E8 (Daniela)
Participação Social	Definição	P2	Ligação do conceito com o ato de votar. Para além disso, relaciona-se a participação social com ações que variam na simplicidade. O conceito está relacionado com a colaboração entre pessoas para contribuir para algo.	A participação social engloba o conjunto de ações que os cidadãos têm no meio envolvente para melhorar ou contribuir para algumas vertentes sociais. Essas vertentes podem passar pela saúde, educação, entre outras.	A entrevistada relaciona o conceito de participação social com cidadania, pelo que o estar numa sociedade já é por si só participar. Um exemplo de forma de participar é a integração em associações.	Conjunto de ações que podemos ter, seja por intermédio de voluntariado, integração em associações ou outras formas em defesa de alguma coisa. Essas causas podem ser sociais, ambientais, políticas. Ou seja, vê-se a participação social como sendo o desenvolvimento próprio naquilo que nos rodeia e nos interessa.	Ligação imediata ao ato de votar e à participação eleitoral que resulta de se atingir a idade necessária em que já temos capacidades de pensar pelas nossas cabeças. Perante a limitação do conceito à vertente política, a entrevistadora alargou brevemente o conceito.	Associa de imediato a ações entre pessoas com objetivos comuns. Porém, existe um destaque ao ato de votar, seguido depois de outras vertentes como greves, manifestações e voluntariado.	Participação social enquanto exercício da cidadania de forma ativa. Ou seja, é a participação que nos temos enquanto cidadãos em ações de variam nas suas características. Uma característica em comum a essas atividades é o objetivo de contribuir para a sociedade de alguma forma.	O conceito de participação social foi associado ao trabalho, ao envolvimento em eventos sociais, ao voluntariado e a atividades em contexto não-laboral.
		P3	Existe interesse na questão das memórias e histórias de vida, ou seja, entender a história do contexto de pessoas em dificuldade de forma a implementar novas coisas que fomentem a qualidade de vida. Também existe interesse em voluntariado.	Temáticas da educação, muito devido à relação com o curso de estudo da entrevistada.	Temáticas da educação, mais especificamente, projetos de ação social e cultural.	As temáticas que despertam mais interesse são direitos raciais, os direitos da mulher e direitos sexuais e reprodutivos.	As temáticas que despertam mais interesse estão principalmente relacionadas com os Direitos Humanos. Para tal, procura manter-se informado sobre os conflitos no mundo, com destaque ao conflito do Médio Oriente e também a situação de refugiados no Líbano, Turquia e Síria.	A temática de maior interesse é a habitação, pelo que acaba por seguir as preocupações nacionais atuais no aumento da discussão sobre esse tema. Outra temática é a desigualdade social.	Interesse na temática geral dos direitos humanos, em vertentes como a desigualdade social, questões raciais, igualdade de género. Para além disso, também é destacado o direito das crianças.	Expressou interesse por questões relacionadas com a saúde, devido ao seu contexto laboral, e questões de igualdade de géneros e de igualdade de oportunidades.
	Práticas	P4	Não participa em associações, pelo que apresenta uma participação limitada a atividades mais pontuais em centros sociais e associações de caráter educativo, mas de forma não regular. Mesmo assim, vê estas pequenas atividades como significativas.	Nunca envolvida, pelo que as razões para tal passam pela falta de interesse e, para além disso, pelo facto de não ter ninguém com quem ir. Este facto parece poder facilitar que mais pessoas participem. Para além disso, também existe um desconhecimento geral de que associações existem.	Esteve e está bastante envolvida em associações, como é o caso da associação "Ninho", que é uma associação a nível internacional em que engloba famílias que sejam de países de várias línguas. Para além disso, também está atualmente envolvida com a associação Erasmus Students Network da Finlândia apesar de não ser estudante lá, onde é Social Inclusion Manager.	Já esteve envolvida no Núcleo de estudantes e estudos africanos também já fez parte do programa de mentoria de estudantes recém-chegados. Para além disso, todos os anos durante os seus anos enquanto escuteira, a entrevistada esteve envolvida com o Banco Alimentar de forma anual. Esteve formalmente envolvida com o Banco Alimentar.	Já esteve envolvido com uma associação portuguesa de inclusão num festival de música, mas de forma muito esporádica, pelo que não se envolveu de forma formal.	Nunca esteve envolvida em associações, apesar de já ter realizado atividades como voluntariado, organizadas por associações.	Nunca esteve envolvida em associações, apesar de acompanhar novidades em algumas associações consoante os temas de interesse.	A entrevistada nunca esteve formalmente envolvida em associações, apesar de já ter feito voluntariado numa associação direcionada para crianças e idosos.
		P5	No geral, o entrevistado não está envolvido em questões políticas, como partidos. Isto aparenta estar relacionado com o seu ponto de vista político que é visto como sendo moderado.	Não, não está associada a nenhum partido político, pelo que apenas participou numa manifestação, muito devido à ida de outras pessoas.	Já trabalhou na criação de algumas atividades com crianças com associações envolvidas com partidos. Mas a entrevistada não está ligada a nenhum partido diretamente nem a nível individual.	Não está afiliada a nenhum partido. Demonstra que já teve mais interesse nesta vertente, mas já não tanto.	Nunca se ligou a um partido. Ou seja, pensa que não deve estar ligado à diplomacia e ação social e a partidos ao mesmo tempo. A única participação política em que esteve envolvido foi na contagem de votos.	Participação na juventude partidária na organização de atividades direcionadas para os reformados do local onde vive. Influência da família que já tinha um papel político no concelho, tendo iniciado com idas a comícios.	Não, não está envolvida com nenhum partido, pelo que não é uma área que tende a pesquisar muito.	A entrevistada não referiu estar envolvida com partidos de alguma forma.
		P6	Afeto a um clube de futebol, Sporting. Porém, parece que o entrevistado não sente o impacto da sua participação nesta vertente devido à quantidade de muitos envolvidos.	Não, não está associada a nenhum clube.	Faz parte da claque de um clube de futebol e já participou em eventos dessa mesma organização.	Não, não está associada a nenhum clube.	Não, não está associado a nenhum clube.	Não, não está associada a nenhum clube.	Não, não está associada a nenhum clube.	A entrevistada não referiu estar envolvida com clubes de alguma forma.
		P7	O entrevistado não participa ativamente em associações nem em associações de estudantes, apesar de saber como funcionam normalmente.	Nunca esteve envolvida, sendo que quando questionada sobre as razões para não participar, foram dadas as mesmas relacionadas com o envolvimento em associações. Os mesmos fatores.	Desde a sua entrada no secundário, a entrevistada participa, pelo que continuou esse percurso na universidade durante a licenciatura. Quando saiu da universidade, continuou, neste caso na ESN da Eslováquia durante o Erasmus e, mais tarde, na Finlândia.	Já conhecia associações de estudantes e núcleos na faculdade desde 2019, porém só mais tarde é que lhe despertou interesse e esteve envolvida no Núcleo de estudantes e estudos africanos até ao fim da sua licenciatura. Este novo interesse surgiu pelo facto de o núcleo não ter existido num ano devido à falta de membro. Também participou na associação de estudantes na Escola.	Fez parte da associação de estudantes na sua escola durante o ensino secundário na Linha de Sintra durante os três anos. Durante estes anos, participou em vários tipos de ações de inclusão à área da Linha de Sintra. Este envolvimento partiu de um convite para fazer parte da Associação e pelo conhecimento de pessoas que já tinham participado.	Fez parte da associação de estudantes na sua escola durante o ensino secundário, porém esta participação não aparenta ser uma experiência que não foi totalmente eficaz.	Nunca participou numa associação de estudantes.	A entrevistada nunca participou em nenhuma associação de estudantes, justificando que não reconhece a sua relevância ao longo do processo escolar e da sua experiência.
		P8	Não existe nenhuma forma de associativismo online referida, pelo que o entrevistado tende a estar mais relacionado com atividades e participações mais pontuais e irregulares.	Não está envolvida. Um aspeto a destacar é que a entrevistada não percebeu logo o que era "associativismo online", pelo que a abordagem a essa questão foi alterada nas entrevistas seguintes a esta.	Segue várias associações como, por exemplo, ONU, UNICEF, Caixa Amarela e muitas outras.	Segue a associação Corações com Coroa, da Catarina Furtado. Para além disso, continua a acompanhar os trabalhos pelo o Núcleo onde já participou no passado. E, por fim, segue a Associação de Assistência Médica Internacional.	Segue e acompanha o Thrust Project em Portugal que insere sobre o acesso à água potável nas aldeias mais distantes, pelo que se recolhe fundos para tal. Outras associações que segue estão relacionadas com o direito internacional.	Não segue associações em termos de newsletters, mas sim a nível de redes sociais, nomeadamente no que diz respeito à divulgação de manifestações que vão acontecer e na interação com vídeos de sensibilização como expor problemas de habitação ou racismo.	Tende a seguir algumas associações apesar de não participar nas mesmas. Porém, não especifica uma delas, pelo que esse acompanhamento tende a depender mais dos temas e não propriamente de uma associação específica.	A entrevistada não referiu qualquer participação em associativismo online, pelo que aparenta participar em ações pontuais e de curta intervenção.
		P9	Conhecimento de várias manifestações e protestos que vão acontecendo, mas não demonstra interesse. A justificação parece estar relacionada com os extremos por vezes associados a esses eventos, uma vez que muitas vezes respeita mas não compreende algumas dessas manifestações.	Já foi a uma manifestação pelo Ambiente durante o 12º ano em conjunto com colegas que iam, pelo que o interesse próprio surgiu dessas colegas. Assim, surge mais uma vez a questão de ter alguém com quem ir como sendo significativa na participação social.	Participa ocasionalmente em manifestações que tenham estejam direcionadas para o bem-estar da criança e na conservação dos seus direitos. Porém, não é uma vertente que tende a participar muito.	A única manifestação em que já participou aconteceu na Avenida da Liberdade no fim de Outubro, resultante da situação pelo Odeir.	Pelo facto de não estar ligado a nenhum partido político, não sente a necessidade de participar ativamente em protestos e manifestações. Porém, na celebração dos 50 anos do 25 de abril, o entrevistado e uns amigos de faculdade marcaram presença na Avenida da Liberdade depois das eleições legislativas.	Aparenta participar com regularidade em manifestações e protestos, tendo referido a manifestação do dia 25 de abril, dia 1 de maio e uma manifestação pela habitação. A escolha das manifestações aparentam ir ao encontro das temáticas de interesse da entrevistada.	Não participa nem manifestações nem protestos de forma física, no local. Porém, a entrevistada refere de, por vezes, acompanhar a ocorrência desses eventos e o que esses defendem ou criticam de forma virtual.	A entrevistada nunca participou em manifestações nem protestos.
		P10	Envolvimento em ações de voluntariado através da catequese em colaboração com campanhas de forma esporádica. Para além disso, uma grande parcela de voluntariado aconteceu em projetos de turma na Escola em colaboração com associações e instituições, nomeadamente a Comunidade de Vida e Paz. Participação em âmbito escolar.	Não esteve envolvida, quer de forma autónoma, quer com a Escola.	Já fez voluntariado com o Banco Alimentar, de forma pontual.	Já fez voluntariado pelos escuteiros no Banco Alimentar durante vários anos na recolha de alimentos e nos armazéns. Apesar de ter sido por meio dos escuteiros, a entrevistada foi ganhando o interesse próprio.	Já fez voluntariado nos acessos a festivais de música, como o Festival Melcalomara, para pessoas com mobilidade reduzida em Portugal. O contacto com esta vertente aconteceu através do ISCTE em colaboração com uma associação portuguesa da inclusão, pelo que o ISCTE divulgou esse voluntariado. Esta participação aparenta ir ao encontro das interesses gerais em questões de inclusão.	Já fez voluntariado com a ReFood e com a AIESEC que se trata de uma organização de serviços lucrativos de voluntários. Durante o ano em que realizou esses voluntários, algumas das atividades passavam pela reabilitação de edifícios comunitários. E, recentemente, começou a integrar uma associação pertencente da ONU, em voluntariado.	Voluntariado é a vertente de participação social que a entrevistada faz. Já participou no Banco Alimentar, Contra a Fome e já fez voluntariado no Instituto Português de Desportos e para a Juventude (IPDJ) durante a pandemia. O início destes envolvimento aconteceu em âmbito escolar nas parcerias com a câmara municipal e na catequese.	A entrevistada já fez voluntariado numa associação relacionada com ações junto de crianças e idosos. E já participou em ações pontuais de voluntariado.

Anexo I – Tabela-modelo de análise de entrevistas (Participação Social - Parte II)

E9 (Alice)	E10 (João)	E11 (Andreia)	E12 (Nuno)	E13 (Duarte)	E14 (Rita)	E15 (Joana)	E16 (Sofia)	E17 (Carolina)
Participação social enquanto forma de colocar em prática os direitos e deveres que formam a cidadania e de saber quais os comportamentos errados e adequados. Esta prática pode ser feita a partir de participação em associações, voluntariado, entre outras atividades de participação social.	Um conjunto de pessoas se reúne para se manifestar em prol de determinada causa que pode abranger diversas áreas como causas feministas, violência, clima ambiental, sexualidade, entre outras. Colocar em prática a sua cidadania.	O conceito não se limita apenas ao envolvimento em grupos que apoiem algo, pelo que as ações de participação social podem ter diferentes formas. Essas formas podem ser simples ou mais complexas (contribuição para a segurança social, envolvimento em movimentos, associações, entre outros).	O conceito abrange vertentes como voluntariado, associações que se focam em ajudar os mais desfavorecidos, investigação, entre outros. Estas formas de participação podem ter uma abrangência total, local ou individual, podendo funcionar em várias dimensões.	O conceito abrange ações como fazer doações para instituições, envolvimento em associações e voluntariado. Ou seja, a práticas de contacto direto com grupos.	O conceito abrange um leque abrangente de ações e atividades que podem variar no seu nível de organização. Ou seja, de alguma forma, todos participam socialmente na questão da cidadania.	A participação social é a vertente prática da cidadania, pelo que algumas das vertentes são: voluntariados, fundações como a Fundação Crescer e a Fundação HK. O intuito é ajudar em alguma área, por exemplo, ajudar as pessoas na sua integração.	Participação social está ligada à ação social, por exemplo, através de voluntariado e associativismo. Ou seja, são ações pelas quais é possível ajudar os outros e melhorar algo na sociedade.	Participação social é a forma como os indivíduos conseguem contribuir na sociedade e colocar em prática a sua cidadania através de ações em várias vertentes como a saúde, educação e voluntariado.
Não existe uma temática de interesse específica, sendo brevemente referida uma experiência na criação de cabases alimentares para famílias carenciadas, pelo que pode estar associada à temática do combate à pobreza.	As temáticas que despertam mais interesse estão principalmente relacionadas com a questão do género na igualdade de género, discriminações e na luta contra a opressão. Estas áreas de interesse devem-se ao facto de o entrevistado se identificar como feminista.	Todas as temáticas despertam interesse, porém existe um maior destaque ao tema do desenvolvimento das crianças, por exemplo, no aproveitamento escolar. A entrevistada afirma já ter tido participado a partir de ajudas à UNICEF a nível internacional. Para além disso, outros temas de interesse são: direitos humanos e das mulheres; saúde; racismo.	As temáticas que despertam mais interesse estão principalmente relacionadas com questões etno-raciais, melhoria das condições de vida das pessoas migrantes e afrodescendentes e desigualdades da habitação.	As temáticas de interesse do entrevistado estão relacionadas com a ajuda e proteção de crianças e adolescentes em comunidades mais pobres. Mais especificamente, na prevenção de que esses indivíduos vão por caminhos e decisões mais erradas, pelo que essa prevenção passa por ocupar o tempo desses jovens e ajudar na sua inclusão.	Uma das temáticas de interesse está associada aos direitos das mulheres, pelo que se considera feminista no seu dia a dia, apesar de nunca se ter envolvida com associações deste tipo. Outra das temáticas a inclusão social, mais especificamente, deficiências e nas formas de melhorar a acessibilidade.	As temáticas que despertam mais interesse são o trabalho com crianças em contexto complicados, os direitos das mulheres e questões de racismo. A entrevistada menciona já ter estado num projeto de voluntariado no âmbito da primeira temática.	As temáticas que despertam mais interesse estão relacionadas com a pobreza, ou seja, na discrepância entre as pessoas a nível de saúde e qualidade de vida. É esta a temática que desperta mais interesse à entrevistada, em conjunto com a temática dos direitos das mulheres.	As temáticas que despertam mais interesse são a discriminação social e a educação.
Está envolvida com uma associação fundada em 2021 denominada de "Mais" desde 2022 de forma contínua e regular na criação e distribuição de cabases alimentares para famílias carenciadas e noutras tarefas ao longo de momentos do ano como angariação de fundos em feiras.	Está envolvida e faz parte de uma associação da FEDECSEC. Nesse sentido, o entrevistado diz que ainda se envolve de outras formas nesse âmbito. Este envolvimento teve origem no interesse próprio do entrevistado e nos canais de comunicação pelo qual conheceu a entidade no Facebook.	Está envolvida com a Associação Portuguesa de Doenças Reumáticas na vertente da comunicação durante o seu percurso académico em conjunto com um grupo de estudantes que desenvolveram um projeto para melhorar a transmissão da mensagem que a associação pretendia passar. Numa vertente menos formal, a entrevistada também se envolve com ações na igreja.	Está envolvida com a associação Casa do Brasil de Lisboa. Este envolvimento começou a partir de convites feitos a responsáveis da associação para participarem numa conferência sobre a discriminação racial realizada no Núcleo de Estudantes de Relações Internacionais. Estes convites originam convites a participar na associação.	O entrevistado nunca esteve envolvido com associações de forma formal, apesar de já ter realizado ações de voluntariado mais pontuais organizados por algumas dessas entidades.	Esteve sempre envolvida em associações e movimentos associativos, pelo que é referido um envolvimento contínuo no coro e na catequese numa igreja. Para além disso, a entrevistada faz parte de uma associação local de uma amiga sua e já esteve envolvida com a Inspiring Future. Parte destes envolvimento começaram na igreja.	A entrevistada nunca se envolveu com associações, uma vez que a sua participação social tende a ser mais pontual através de diversas ações de voluntariado.	A entrevistada está atualmente envolvida com a associação <i>Just a Change</i> que trabalha na reabilitação de casas de pessoas mais necessitadas. Este envolvimento deveu-se ao caráter católico da associação que era do interesse da entrevistada que se envolve na mesma ao longo de pelo menos 5 anos.	A entrevistada nunca esteve envolvida com associações de forma formal, apesar de já ter realizado ações de voluntariado mais pontuais organizados por algumas dessas entidades.
Não é uma vertente que desperta interesse à entrevistada.	O entrevistado é militante do Bloco de Esquerda, apesar de não se considerar militante mais ativo. No âmbito do seu envolvimento com o partido em questão, o entrevistado diz já ter participado em vários eventos como o Fórum LGBT.	A entrevistada não é coligada com nenhum partido, pelo que a vertente mais política referida é a ida recorrente a eleições e a candidatura de apoio às mesas de eleições. Ou seja, não existe envolvimento em partidos diretamente.	Não está muito envolvido com partidos políticos, muito pela falta de tempo e pelo foco que tem em associações. Contudo, já foi a algumas sessões de alguns partidos de esquerda.	Não é uma vertente que desperta interesse ao entrevistado.	A política é uma vertente que a entrevistada gosta, mas não gosta de se envolver em nenhum partido por desconfinça e, para além disso, sente que se for afiliada a um partido, precisa de concordar com tudo o que esse faz e acredita.	Nunca esteve afiliada com partidos políticos apesar de ter o seu partido. A razão está ligada ao facto de o panorama político estar assustador e de a entrevistada sentir que ela não iria fazer a diferença.	A entrevistada não referiu estar envolvida com partidos de alguma forma.	Não está afiliada a nenhum partido apesar de participar em manifestações e protestos. Isto deveu-se ao facto de a entrevistada guiar-se pelos temas das manifestações e não necessariamente as entidades.
Não, não está associada a nenhum clube.	O entrevistado não refere qualquer envolvimento em clubes.	A entrevistada é sócia de um clube. Para além disso, ajuda uma academia de desporto chamada Academia Pinhal Vidal na divulgação de projetos sem custos.	O entrevistado não refere qualquer envolvimento em clubes.	O entrevistado não refere qualquer envolvimento em clubes.	A entrevistada não refere qualquer envolvimento em clubes.	A entrevistada não refere qualquer envolvimento em clubes.	A entrevistada não refere qualquer envolvimento em clubes.	A entrevistada não refere qualquer envolvimento em clubes.
Não, não está envolvida em associações de estudantes, sendo que considera ser uma vertente na qual é discreta.	Não, não está envolvido em associações de estudantes, apesar de saber da sua existência e funcionamento. O aumento do reconhecimento da importância das associações de estudantes aconteceu posteriormente no ingresso na faculdade.	A entrevistada esteve muito envolvida com associações de estudantes desde o seu sétimo ano até ao final da sua licenciatura, mais especificamente, na vertente de apoio a estudantes e de alunos de Erasmus e dos PALOP. Essas ajudas pretendiam auxiliar na sua integração e no apoio na universidade em formas de ensino com que possam não estar à vontade, por exemplo, apresentações orais.	O entrevistado faz parte do Núcleo de Estudantes de Relações Internacionais (NERI) e já fez parte da AIESEC no seu primeiro ano de faculdade. No NERI, o entrevistado começou como colaborador que ajudava em várias ações como campanhas de recolha de alimentos e banco de livros.	O entrevistado nunca esteve envolvido em associações de estudantes nem em eventos organizados pelas mesmas (jantares, festas), quer durante o ensino obrigatório quer no ensino superior, uma vez que não tinha interesse ou necessidade de se envolver.	A entrevistada esteve um ano na associação de estudantes na faculdade, mas não gostou e não voltou a participar. Foi coordenadora de um departamento da associação em que sentia que não sabia o que estava a fazer ou que era suposto fazer, existindo, portanto, uma desorganização.	Não se envolveu em associações de estudantes, uma vez que admite não ter paciência para as mesmas nem para os núcleos de estudantes. Este desinteresse aparenta estar ligado à perceção de que essas associações eram "só para as festas".	Faz parte da associação de estudantes, na integração de estudantes mais desfavorecidos. Este envolvimento começou através de amigos que já participavam e pelo interesse próprio ao perceber a importância da associação na comunidade académica.	A entrevistada participou no Núcleo de Estudantes da sua universidade. O objetivo desse Núcleo era estar presente e criar espaço confortável para os alunos africanos que enfrentassem dificuldades.
Tende a seguir de perto oportunidades de voluntariado inclusive oferecidas pela faculdade onde estuda, mesmo que acabe por não participar nas mesmas. Algumas dessas ofertas são da Liga Portuguesa Contra o Cancro e nas suas variantes.	O entrevistado segue a associação portuguesa Virgula Portuguesa, uma associação relativa aos direitos LGBT, pelo que conhece bem o seu trabalho.	A entrevistada segue de perto a UNICEF, tanto a nível nacional como internacional, nas redes sociais e divulgação de campanhas e doações que possam interessar.	O entrevistado segue diversas associações nas redes sociais e em newsletters, sendo essas: Vida Justa, na vertente da habitação; SOS Racismo, na vertente racial; ILGA, na vertente das questões LGBTQIA+.	O entrevistado segue a Amnistia Internacional nas redes sociais e assina algumas petições que vão sendo divulgadas para a obtenção de assinaturas. Para além disso, segue também a Associação Espaço Mundo que existe no Lumiar.	A entrevistada segue nas redes sociais com mais pormenor a associação Não Partilhes. Para além disso, segue a Inspiring Future em que esteve ligada durante vários anos e segue algumas IPSS, escuteiros e a Jornada Mundial da Juventude.	A entrevistada segue a Fundação Crescer e a Fundação HK, pelo que conhece e segue de perto projetos realizados por ambas apesar de não se envolver nas mesmas.	Segue a associação de estudantes que promove iniciativas, uma delas consiste em arranjar alunos que tenham interesse em ir a caso de pessoas idosas e ajudar com os seus medicamentos. Para além disso, segue o Hospital da Bonecada.	Segue a Associação de Defesa dos Direitos Humanos. Para além disso, segue também um projeto que criou no ensino secundário com outros alunos é que um projeto de angariação de fundos para pessoas desfavorecidas.
Nunca participou nestas vertentes da participação social, uma vez que o seu maior interesse é o envolvimento em voluntariado e associações.	O entrevistado já participou em inúmeras manifestações e protestos, tais como: as manifestações anuais do 25 de abril, manifestações e marchas LGBT em várias cidades do país. Aparenta ser uma vertente ainda atual.	A entrevistada já participou em algumas manifestações, sendo as duas mais recentes relativamente à habitação. Adicionalmente, participou numa terceira manifestação em âmbito escolar de apoio a estudantes em 2000 para retirar partículas que provocavam cancro dos estabelecimentos escolares.	O entrevistado já participou em várias manifestações direcionadas para diferentes causas, entre elas, os direitos das mulheres, a habitação e a luta contra a violência policial.	O entrevistado nunca foi a nenhuma manifestação, pelo que nunca teve muito contacto com a vertente mais política da participação social.	A entrevistada não se identifica com ações como manifestações e protestos, tendo apenas ido uma vez com o seu pai a uma manifestação. A falta de identificação está relacionada com as ideias por vezes radicais que estão por parte desses eventos.	Existe um desejo de ir a mais manifestações e protestos, pelo que não envolve com frequência por falta de tempo nos horários definidos. Porém, tende a acompanhar a situação do país e a realização de manifestações através de conversas.	A entrevistada nunca participou em manifestações nem protestos. Contudo, já participou noutras ações mais pontuais como conferências sobre ações de voluntariado que existiam e quais as associações organizadoras.	Por vezes, a entrevistada participa em manifestações e protestos conforme as temáticas defendidas ou protestadas nesses eventos. Para além disso, vai a algumas manifestações se for próxima de quem está a organizar.
A entrevistada está bastante envolvida em ações de voluntariado a partir da associação em que está envolvida, "Mais". Aparenta ser um envolvimento regular que está relacionado com a criação e distribuição de cabases alimentares para famílias carenciadas.	O entrevistado já esteve e ainda está envolvido em várias ações de voluntariado dentro e fora de Portugal. Estas ações passam pela contribuição num site de notícias e cultura LGBT e por um voluntariado internacional pelo Corpo de Atuação de Solidariedade. Para além disso, também já participou temporariamente em festivais de música.	A entrevistada já fez voluntariado com o Banco Alimentar e com a Liga contra o cancro em âmbito escolar e académico. Adicionalmente, quando questionada, acabou por ser referido outro tipo de participação social que aparenta ser bastante comum para a entrevistada, doações. Este interesse por doações começou no ensino secundário em que teve contacto com vários embaixadores da UNICEF em Portugal a falar sobre a entidade.	O entrevistado fez and faz voluntariado na AIESEC, tendo começado através de uma organização local associada no ISEG enquanto acompanhava candidaturas de voluntários em Lisboa no site da organização em causa. Mais tarde, chegou a acompanhar o processo de aceitação ou não aceitação dessas candidaturas e do processo das pessoas envolvidas.	O entrevistado faz parte de um projeto de voluntariado "Amigo Grande, Amigo Pequeno" em que já esteve envolvido durante vários anos letivos durante o seu percurso académico. O entrevistado soube da existência deste projeto de voluntariado nas redes sociais da sua universidade e depois num grupo de Whatsapp de aluno.	A entrevistada esteve envolvida em projetos de voluntariado de mentorado na sua faculdade ao longo de vários anos no apoio a alunos do primeiro ano na sua integração social.	Envolve-se em voluntariado do Banco Alimentar. Adicionalmente, já fez voluntariado no Festival Imilente, no Festival Claro e na Web Summit. Durante o ensino secundário, fez voluntariado com a escola. Por fim, fez voluntariado num bairro através da Fundação Cidade de Lisboa em que dava tutoria.	A entrevistada tem participado em várias ações de voluntariado como a Missão País em que a entrevistada foi durante uma semana para uma região do país menos para dar apoio e companhia a pessoas mais idosas. Adicionalmente, fez voluntariado com o Banco Alimentar durante 5 a 6 anos através da escola que apresentava iniciativas.	A entrevistada já participou no programa de voluntariado de mentorado da universidade no combate ao abandono escolar de alunos recém-chegados, durante dois anos. No ano seguinte, foi guia de mentores na coordenação das atividades.

Anexo J – Tabela-modelo de análise de entrevistas (Escola - Parte I)

Conceitos	Dimensões	Perguntas	E1 (Raí)	E2 (Marta)	E3 (Margarida)	E4 (Carla)	E5 (Luís)	E6 (Ana)	E7 (Matilde)	E8 (Daniela)
Escola	Expetativas	P14	A Escola poderia ter um papel mais ativo através da explicação acerca das vivências enquanto sociedade, podendo começar por uma melhor educação acerca das listas, pois, muitas vezes, os jovens votam em listas com base mais no lado lúdico.	O papel da Escola é imediatamente associado aos professores e ao modo como estes abordam situações do dia a dia dos alunos, por exemplo, para entender que ações têm consequências. Isto deve acontecer desde cedo no 1º ciclo e continuar mais tarde.	A importância de ouvir, porque os jovens têm muitas vezes muita vontade de falar e fazer a diferença, porque as escolas são feitas para os jovens. Ou seja, ao dar a voz aos jovens, a escola pode ajudar os mesmos a perceber que fazem a diferença e que participarem socialmente vale a pena.	A Escola é o centro e fundamental, pois é onde nós passamos mais tempo, onde nós recebemos a nossa educação e onde nós interagimos com outras pessoas. Esta é apresentada como a principal razão pelo qual a Escola deve fomentar várias coisas.	O papel da Escola é fundamental na formação dos jovens, porém depende sempre dos planos curriculares das escolas e as abordagens de cada uma.	A Escola ainda não encara o seu papel, podendo estar associado à dificuldade de se ser imparcial na exposição de informação. Como tal, a Escola deve reconhecer o facto de que nem todos os alunos partem do mesmo contexto. Porém, destaca-se o facto de a Escola não dever ser, o único meio de educar.	A Escola deve ter um papel crucial, pelo facto de as pessoas passarem muito tempo das suas vidas na mesma. Como tal, a Escola deve fomentar a participação social dos jovens, para que eles se tornem pessoas mais justas.	O papel da Escola é reconhecido, assim como a necessidade de esse papel ser mais ativo através, por exemplo, de uma interligação consistente entre a escola e a comunidade. A Escola pode dar algumas luzes e fomentar o interesse dos alunos na cidadania.
		P21	Os professores têm um papel inevitável de responsabilidade e questioná-los e pô-los a pensar.	É destacada a progressividade que deve existir na ação promotora do professor a partir do dia a dia. São os professores que fomentam a consciência do impacto que cada um pode ter na sociedade.	Os professores são o principal meio de fomento da participação dos jovens, por exemplo, em grupos. Isto porque, a sugestão ou partilha de um professor pode fazer com que o jovem vai de mente aberta ao que não conhece, por exemplo.	Os professores e a própria instituição escolar são igualmente importantes, pois os docentes são o veículo pelo que os jovens recebem informações, pelo que a receção dessas informações varia consoante o docente. É um trabalho conjunto, que são igualmente importantes.	A importância dos professores está muito relacionada com o muito tempo que existe de interações entre os profissionais e os jovens. A diretora de turma mencionada parece ser um exemplo da importância dos professores.	Professores são vistos como cruciais para a construção da conscientização dos jovens dentro no espaço escolar. Este papel é reforçado quando existe falta de inputs no contexto familiar que serviam de ponto de partida.	Os professores têm um papel de grande influência nos jovens e respetivas formações, muito devido ao elevado tempo que estão com eles. Os professores devem conscientizar os jovens de que as vezes são uma mais-valia.	Os professores são importantes, pois são eles quem dinamiza tudo e que conseguem mobilizar e incentivar os jovens na escola através de um sentido de responsabilidade apesar de obstáculos formais que encontram.
		P15	O papel ideal da instituição não foi sentido. Isto aparenta estar relacionado com a falta de espaço para debate e a utilização das aulas destinadas à cidadania e à formação humana/cívica para aspetos burocráticos de turma com o responsável de turma que dava essas aulas.	Apesar do reconhecimento do papel ideal da Escola, a entrevistada não sente que teve essa experiência escolar.	Apesar do reconhecimento do papel ideal da Escola, a entrevistada não sente que nem sempre teve essa experiência escolar. Mas apesar de tudo, a experiência foi importante em alguns aspetos, uma vez que a primeira entrada na associação de estudantes surgiu de um pedido de professores.	Entre o ensino básico e secundário, esse papel não foi sentido, pelo que o único incentivo que teve foi através da associação de estudantes no qual chegou a participar.	É referido que teve boas disciplinas que fomentavam a Cidadania, por exemplo, Introdução à Cidadania no secundário. Logo, na sua experiência escolar, sente que a escola cumpriu a parte da Cidadania, muito devido ao contacto com todos os tipos de pessoas e classes sociais que a Linha de Sintra tem.	Sim, sente que a Escola teve esse papel, uma vez que, muitas vezes, passou-se a ideia de responsabilidade e de sensibilização em relação a alguns tópicos e, por exemplo, o impacto ambiental. Porém, esta experiência foi sentida na escola primária apenas.	Inicialmente, a entrevistada diz que não sentiu esse papel devido à falta de atividades concretas. Porém, parece existir um papel indireto com a disciplina de Cidadania e com parcerias externas na propostas de projetos e nos incentivos a debater.	A entrevistada não sentiu que, na sua experiência escolar, a Escola não teve o papel ideal explicado. Esta lacuna é associada à falta de tempo e à pressão de resultados finais em testes, sendo que a entrevistada sentiu que esses eram o foco da escola.
	Experiência a Escolar	P16	O entrevistado refere que, para ele, não houve um momento que se recorde. Porém, refere-se brevemente que houve uma tentativa na escola de pôr listas, mas não correu bem com a direção.	Lembra-se que teve formação cívica no 5º ano, mas que não abordavam de todo assuntos da disciplina. Tratavam de outros assuntos como trabalhos de casa e estudo para um teste próximo.	A entrevistada e outros colegas fizeram diversas manifestações e protestos para que o mesmo acontecesse. Vai ao encontro da ideologia de que a Escola deve ouvir os alunos.	Os momentos recordados estão relacionados com a participação na associação de estudantes no ensino secundário.	Várias ações bastante patrocinadas pela Associação de Estudantes com contacto entre os estudantes e as pessoas no meio, sendo que existia uma grande comunicação entre os alunos de todos os anos.	Recorda-se de um programa criado na escola primária com o criar hortas em que os alunos tinham a responsabilidade de cuidar das mesmas. Essa atividade recordada levou a temas como a importância dos alimentos e o impacto ambiental.	Recorda-se de um projeto em Cidadania de limpeza de praias, mas quando questionada sobre mais momentos, não são referidos mais. Parece que esses momentos não se prendem à instituição, mas sim à disciplina em concreto.	Recorda-se de ter ido a uma reunião opcional e a uma mini palestra com amigos com a instituição ReFood na escola, uma vez que estavam à procura de voluntários.
		P17	A Escola deu algumas luzes, mas a quantidade e qualidade aparenta não ser suficiente, uma vez que grande parte desse estar mais informado provém de iniciativa própria e de outras fontes.	A Escola não incentivou neste âmbito. Quando questionada do porque, o ato de “desligar” dos professores é abordado, pelo que esta relacionado com o currículo e com as suas exigências e metas.	O impacto das políticas educativas de quem está à frente da escola e da forma como se relaciona com os interesses dos alunos. Por exemplo, a relação do presidente com a associação de estudantes.	Durante a escola secundária básica, não. O estar informado foi mais sentido com a entrada na faculdade.	O entrevistado sente que sim, pois existe uma grande ligação entre a escola, a comunidade e outras associações e instituições que oferecem, por exemplo, palestras e ações de voluntariado.	Esta vertente só começou a ser sentida no ensino secundário com dois professores na sensibilização política. Isto porque alguns professores deixavam os alunos refletirem e debater.	A entrevistada diz que não, uma vez que essa vertente foi conseguida por outros meios como a frequência posterior na universidade.	A entrevistada diz que não, uma vez que esse vertente foi conseguida pelo interesse próprio da própria mais tarde.
		P18	A consciência dos debates contemporâneos aparenta resultar maioritariamente de outros agentes externos à Escola, como amigos e família através de discussão de notícias.	Ênfase na importância dos professores, uma vez que depende dos docentes, sendo que uns tentavam contribuir para esse fator. É dado o exemplo do Brexit e da União Europeia por parte de uma professora.	A escola pode ou não contribuir para isto, sendo que pode oferecer serviços que realmente queiram ouvir os jovens. Porém, também pode ser uma escola que não seja aberta a manifestações e a espaços de debates.	Durante a escola secundária básica, não. Esta consciência dos debates contemporâneos foi mais sentido com a entrada na faculdade.	Sim, o entrevistado sente que sim. A sua turma, pela influência da diretora de turma, participou na ação da Assembleia da República chamada Parlamento Jovem.	Nas disciplinas de História e Sociologia, falava-se abertamente dos debates e questões da atualidade. Para além disso, o contexto familiar da entrevistada fomentou esta vertente.	Apesar de ter existido uma menção anterior sobre o incentivo de debates na disciplina de Cidadania, a resposta é negativa. Isto aparenta estar relacionado com o alto foco nos currículos na Escola.	A entrevistada diz que não, sendo que a consciência e acompanhamento dos debates contemporâneos da sociedade só aconteceu mais tarde.
		P19	A escola apresentava algumas atividades na vertente desportiva, artística e linguística. Existia oferta, apesar de nunca ter participado e de ser paga.	Na experiência da entrevistada, a resposta é não. Porém, na experiência profissional no colégio em que dá aulas, já apresenta uma opinião diferente, uma vez que se promovem muitas atividades.	Na universidade, existiam vários grupos de teatro, cinema entre outros mas a sua divulgação nem sempre era feita de melhor forma. Esta falta de divulgação abrangia também a Escola, apesar de ter sido melhor feita do que Ensino Superior.	A promoção de atividades extracurriculares assentava unicamente no desporto com diversos clubes de basquetebol, vôlei, entre outros. Em relação a teatro, existia um curso, mas quem não fazia parte do curso não tinha acesso a atividades extracurriculares ligadas a artes.	Atualmente, a escola onde andou tem um clube de teatro, mas não sua altura não tinha. Apenas existia o clube de leitura mas que não era muito utilizado na escola e muitos alunos não queriam ir lá.	A entrevistada não se sente informada nesse tópico, mas de forma geral pensa que sim, devido à existência de escolas com programas de inclusão que envolvem essas atividades. Uma boa prática referida são as visitas de estudo.	Esse incentivo não foi sentido, apesar de ser referida uma aparente melhoria e maior oferta no ensino atual.	A sua escola não tinha ofertas de clubes, pelo que apenas se recorda de atividades de desporto escolar.
		P20	Esta promoção não parece totalmente eficaz, no sentido em que a popularidade dos alunos dentro das listas e as atividades lúdicas são os fatores que normalmente determinam a vitória. Não necessariamente as medidas para melhorar a escola.	Existe uma ideia vaga de como é que essas associações funcionavam na experiência própria da entrevistada (e.g. data de eleição). Parece que as associações interagiam apenas nos dias das listas.	A organização da associação de estudantes na Escola era semelhante às que encontrou no Ensino Superior. Porém, a divulgação das mesmas passavam muito mais por apenas as listas. No Ensino Superior leva-se mais a sério.	Tendo participado na associação de estudantes no secundário, a mesma foi vista como superficial. Parece que a Associação de Estudantes não é encarada como uma associação que vai ajudar os alunos nas suas dificuldades, mas sim como um grupo de pessoas que ganham as listas e fazem festas, sem chegar à raiz do que é a associação.	Durante a participação na associação de estudantes no secundário, não eram diretamente recebidos apoios financeiros por parte da direção da escola. A promoção da associação resultava principalmente da comunicação entre a associação, a direção e os outros alunos através das redes sociais e grupos de WhatsApp.	Durante a sua frequência no ensino, sentia que as associações de estudantes muitas vezes não se focavam nos seus programas, mas sim nas listas. Ou seja, aparenta que eram muito focalizadas nos momentos de festa e não propriamente em atividades com a comunidade.	Uma aparente limitação das associações de estudantes até ao secundário aos dias de eleições e festas, pelo que a presença das associações era escassa fora desses momentos. Isto porque, existiam propostas, mas essas eram direcionadas apenas para os alunos de Ciência que mais direcionavam a associação.	As associações de estudantes até ao ensino secundário aconteciam muito à volta das listas na semana da propaganda para obter votos sem, muitas vezes, saber no que se está a votar. Os momentos em que mais ouvia falar dessas associações eram relativos à viagem de finalistas.
	Educação para Cidadania	P22	O entrevistado não teve aulas específicas de cidadania, apenas algumas aulas de ciências para educação sexual, pelo que parece que os temas de cidadania eram abordados noutras disciplinas, sendo que nessas aulas existia um desinteresse geral das pessoas.	O tema das aulas de cidadania mais memorável para a entrevistada foi a reciclagem.	Os temas referidos foram a sexualidade no 8º ano e a criação do IRS no secundário. Além desses, outros temas que são vistos como sendo importantes para o futuro são: procura de emprego futuro, funcionamento da sociedade.	Na altura, a disciplina de cidadania denominava-se de “Formação cívica”, pelo que o programa era o mesmo e uma outra especial de Assembleia de turma. Não se recorda do que deram nessas aulas, o que se lembra dessa disciplina é a abertura de os alunos fazerem o que queriam, não o debate de temas.	Os temas que se lembra de abordar nas aulas de cidadania foram a inclusão e a luta a racismos, xenofobias e homofobias. Para além disso, no décimo ano lembra-se de serem abordados temas da desinformação e dos refugiados. Os temas menos relevantes apresentavam assim ir de encontro aos interesses atuais do entrevistado.	A disciplina denominava-se de educação cívica, pelo que o seu funcionamento passava muito pela resolução de algumas questões de turma por resolver com o diretor de turma. Adicionalmente, lembra-se de duas aulas sobre educação sexual, pelo que aparenta ter sido algo muito pontual e sem sequência.	Os temas abordados centravam-se muito na questão ambiental, entre eles, a limpeza das praias e o desenvolvimento mais sustentável num projeto. Porém, parecer ter existido uma aparente falta de organização da disciplina.	Os temas abordados centravam-se muito na questão da biodiversidade e na extinção dos animais durante o quinto ano de escolaridade, pelo que foram realizados vídeos e um projeto nesse âmbito, pelos alunos. Porém, a disciplina era maioritariamente usada pelo diretor de turma para tratar de outros assuntos.
		P23	Resultante das discussões atuais sobre cidadania, o entrevistado acredita que essas aulas ainda não estão muito bem devidas a uma falta de organização, por exemplo, na organização dos temas por ciclos.	A resposta é não. A principal mudança está relacionada com a própria profissão de professor, pelo que é necessário uma maior consciência dos professores e de um docente específico para a cidadania. Ou seja, mais formação na cidadania.	As aulas são úteis, pelo que existe um descontentamento em saber que algumas dessas aulas estão a ser não existentes. Apesar disto, a formação de professores que consigam dar essas aulas e a sua motivação são vistas como um problema. Aulas que não fossem para fazer os trabalhos escolares, pelo que parece que isto acontece.	Não. Porque apesar de, em assembleia turma, se houvesse algum problema em turma, falar-se disso, a entrevistada diz que as aulas eram usadas para outras coisas.	Na opinião do entrevistado, sim está. Esta resposta tem como base a própria experiência e impacto que sente e a importância que os temas abordados têm na sociedade atual. Outros temas que podiam ser abordados estão associados à educação sexual, como as gravidezes na adolescência.	não. A entrevistada acredita que a disciplina deve estar mais direcionada para questões da atualidade. Para tal, podem-se utilizar vídeos e documentários num projeto de partidas a esses temas e dar espaço para discussão com os alunos.	Existe um desejo de outros temas serem aprofundados, pelo que aparenta mostrar espaço para melhorias a acontecer na disciplina de Cidadania.	A entrevistada não acha que as aulas de cidadania estejam em conformidade com as necessidades atuais, tanto da sua experiência como daquilo que ouve dos miúdos nos dias de hoje.
		P24	Tendo em conta a ausência da disciplina, os temas que seria importantes de abordar são: género, sexualidade, desinformação, educação política.	A reciclagem não foi abordada com a profundidade necessária. Isto parece estar associado à falta de longevidade na abordagem. A entrevistada referiu o aquecimento global e voluntariado como potenciais temas importantes de abordar.	No caso do IRS, recorda-se de ter tido bons professores que abordaram o tema de forma adequada e aberta. No caso do IRS não acha que foi abordado da melhor forma, apesar de ser um bom tema.	Não se recorda do que deram nessas aulas. Porém, alguns dos temas vistos como importantes no futuro foram: direitos individuais; género; ambiente; questões raciais; direitos das mulheres.	De facto, a abordagem aparenta ter sido profunda, uma vez que o entrevistado até hoje acredita que a discussão desses temas impactou bastante os seus interesses académicos.	A profundidade dos temas aparenta ser insuficiente, pelo que parecem ter sido abordados de forma muito pontual e não sequencial. Parecem ter sido momentos esporádicos sem muito contexto.	A entrevistada refere que houve profundidade necessária. Existe um desejo de ter aprofundado mais temas, tais como: desigualdade social; igualdade de género; direitos das crianças; questões raciais; política.	A entrevistada refere que não sabe se a profundidade foi a necessária. Na altura estava bastante investida nos temas que eram adequados à idade, porém agora mais velha, não sabe se realmente foi.
		P25	A primeira disciplina que se destaca é História através do estudo do passado como forma de compreender o presente. Para além disso, também são referidas Físico-Química, Geografia e Ciências.	História. No estudo do passado como forma de não voltar a repetir os erros e aprender para o presente e futuro.	Estudo do meio e, mais tarde, Geografia e História no estudo dos direitos e dos outros países e respetivos recursos e fenómenos existentes. Por exemplo, fome em África, aquecimento global.	Português, História e Educação Física, pelo que mesmo esses currículos podem ainda ser melhorados ou adaptados.	História, com o ensino e aprendizagem com o nosso “background”. A escolha desta disciplina aparenta também ser influenciada pelo facto de ter sido a disciplina lecionada pela diretora de turma que tem vindo a ser mencionada ao longo da entrevista em várias ocasiões.	As duas disciplinas destacadas são História e Sociologia e, no 12º ano, Português muito devido à professora nesta última referida.	Grande ênfase na disciplina de Cidadania, apesar de acabar por referir a disciplina de História na vertente política.	As disciplinas mais relevantes são: História e Geografia, com o estudos dos direitos das mulheres, o racismo, entre outros; Matemática com temas como o IRS, os impostos; e Português através de inúmeros temas.

Anexo K – Tabela-modelo de análise de entrevistas (Escola - Parte II)

E9 (Alice)	E10 (João)	E11 (Andréia)	E12 (Nuno)	E13 (Duarte)	E14 (Rita)	E15 (Joana)	E16 (Sofia)	E17 (Carolina)
É sentido que as escolas não ensinam muito o elemento da cidadania e participação social. Relação com o caráter demasiado teórico das disciplinas e ao distanciamento da prática nas mesmas.	O papel da Escola é reconhecido e associado de imediato à disciplina de cidadania e a uma disciplina de projeto que teve até ao ensino secundário que permitia que os alunos desenvolvessem trabalhos e projetos.	O papel da Escola é reconhecido como sendo importante ao longo da vida dos jovens, desde o início no primeiro ciclo até ao fim da escolaridade obrigatória, com diversas ofertas. É a Escola que promove a nossa educação e molda quem somos através das nossas experiências.	A Escola tem um papel importante na promoção da participação social, pois é o sítio mais democrático apesar de todos os desafios que se encontram nela e as lutas que temos contra a racismo e as desigualdades.	A Escola deve estar envolvida no processo de promoção da participação social, uma vez que instituições da sociedade como a Família podem não estar muito interessadas nessa vertente da cidadania.	O papel da Escola é misto, por um lado, deve estar presente em muita coisa, mas por outro lado não se pode exigir e sobrecarregar a escola com todas as funções, uma vez que isso leva a que não se chega a lado nenhum devido à pressão e exigências.	É um dos espaços onde os jovens passam mais tempo e, como tal, tem um papel muito grande. A Escola deve ensinar a diferença entre o certo e o errado e a importância de ajudar os outros. A família e a comunidade também são vistas como importantes.	A Escola tem um grande peso na vida dos estudantes, uma vez que grande parte do seu dia é passado dentro da escola. A Escola deve ensinar as bases da cidadania e da participação social, apesar de, por vezes, não existir essa noção.	O papel da Escola é visto como estando mais atualizado nos dias de hoje, no sentido em que a cidadania e participação social têm se tornado assuntos mais discutidos. Porém, em qualquer caso, a Escola é o local onde as pessoas passam grande parte da vida durante a sua formação.
Os professores e funcionários são vistos como figuras essenciais na transmissão de conhecimentos e experiência e na promoção de espaços de discussão sobre problemas atuais. Porém, a entrevistada diz que isto nem sempre acontece, uma vez que muitos professores ainda têm uma visão "tradicional".	Os professores têm um papel bastante importante, pois são uma figura exemplar para os jovens. Porém, por vezes não é fácil para os professores saber conciliar a questão ética dentro da sala de aula e a vida pessoal.	Os professores têm um papel importante na promoção da participação social, porém a entrevistada sente que muitos professores não o conseguem fazer ou não têm interesse em fazê-lo. Ou seja, é uma realidade mista.	O papel dos professores é evidenciado nas experiências explicitadas pelo entrevistado que associa o papel que a escola teve com professoras de Português, Geografia e História. Este papel é destacado no ensino secundário, a partir do 10º ano.	Estes são os adultos com que os jovens têm mais contacto na idade escolar. Como tal, é importante que sejam modelos para os jovens. Porém, a falta de tempo e a carga dos currículos escolares são algumas das razões por trás de este papel por vezes não existir.	Os professores são as pessoas na escola com que os alunos passam mais tempo, sendo, portanto, importantes na promoção de participação social. Esse fomento pode ser feito através da conjugação desses temas com as matérias dadas.	Os professores têm papel para o bem e para o mal, uma vez que é importante que exista um equilíbrio entre cumprir os programas e falar um pouco sobre a realidade e os seus problemas. Porém, depende muito do professor.	Apesar das escolas criarem os seus projetos educativos e medidas a utilizar, são os professores quem transmitem os conhecimentos aos seus alunos. É mais do que transmitir informações, os professores têm de cativar as pessoas pois são os porta-voz da instituição em si.	Os professores são vistos pelos jovens como sendo guias e ídolos que os podem inspirar e passar mensagens importantes. Ou seja, os professores têm um papel de promover e incentivar os jovens a participar socialmente na sociedade.
A entrevistada não sente que, na sua experiência pessoal e escolar, a Escola tenha tido um papel importante na vertente da cidadania e participação social.	O entrevistado sente que a escola teve esse papel, apesar de não ter sido exatamente como desejava. Isto porque, em anos em que existiam exames nacionais, algumas aulas eram usadas para um reforço de estudo dessas disciplinas e não para desenvolver projetos.	A entrevistada sente que a Escola teve esse papel, uma vez que aparenta ter sido uma das principais influências para a grande quantidade de participação social e para a pessoa que a entrevistada é hoje. A Escola teve mais influência do que a família, neste âmbito.	O entrevistado sente a Escola teve esse papel a partir do ensino secundário através das suas professoras que incentivavam a turma a pensar na atualidade com recurso a apresentações, visualização de jornais, leituras, abordagem a ideologias políticas de forma vaga entre outras dinâmicas.	O papel da sua escola neste âmbito nem sempre foi evidente, uma vez que se recorda de existirem algumas iniciativas de voluntariado promovidas como era o caso do Banco Alimentar. Contudo, o entrevistado não participava, pois muitos dos seus amigos não o faziam e não existia muita motivação.	Na experiência da entrevistada, a Escola teve esse papel através de professores em particulares durante o ensino secundário que trabalhavam o espírito crítico dos alunos, por exemplo, com temas de Geografia. Porém, no geral, a entrevistada sentiu que a Escola sempre foi focada nos currículos escolares.	A entrevistada diz que a sua educação na cidadania e hábitos de participação social partiram muito mais do seu seio familiar do que a escola, apesar de poder ter um papel importante no geral. Em casa foi incentivada a participar a lutar pelo que acredita.	Na experiência da entrevistada, a escola não teve este papel. Sabia que existiam aulas de cidadania, mas os alunos normalmente não queria ir, à exceção de aulas obrigatórias. A entrevistada sente que a escola não puxou por ela nem por outros alunos.	A entrevistada não sente que, na sua experiência pessoal e escolar, a Escola tenha tido um papel importante na vertente da cidadania e participação social.
Não se recorda de nenhum momento ou atividade marcante neste âmbito.	O entrevistado recorda-se de terem realizado trabalhos sobre a consciencialização para os problemas do tabaco e de montarem uma peça de teatro na escola, o que acabou umir várias turmas. Para além disso, recorda também algumas aulas e projetos de cidadania.	A entrevistada recorda-se de projetos sociais com a escola, a partir do quarto ano, em que os professores levavam os alunos a passar na zona onde era a escola para levar comida aos mendigos, visitar lares.	O entrevistado recorda-se de apresentações realizadas em aula sobre a adoção por casais homossexuais. Para além disso, lembra-se de aulas de História e Geografia.	Recorda-se de existirem iniciativas de promover o voluntariado por parte da escola com outras entidades como o Banco Alimentar. Para além disso, lembra-se também de iniciativas de ajuda a bombeiros durante anos com incêndios.	Não existe um momento específico, apesar do destaque de alguns professores. A entrevistada refere que a sua participação social sempre foi fora de escola através de outros fatores como a Igreja e a Família.	A entrevistada recorda-se de existir um projeto do Eco escolas no âmbito de Ciências com uma professora no incentivo à reciclagem e recolha de tampas que, no fim de ano, dava prémios às pessoas.	Inicialmente não se recorda de nenhum momento ou atividade marcante neste âmbito. Contudo, mais tarde, recorda-se de algumas palestras de cidadania, apesar de não serem muito cativantes para os alunos.	Além do projeto das Mentes Empreendedoras que criou com outros alunos durante o ensino secundário, não se recorda de nenhum momento ou atividade marcante neste âmbito.
Esta vertente foi mais sentida a partir do ensino secundário de forma pontual através de disciplinas específicas como Geografia C. Isto através da observação de documentários atuais, entre outras atividades.	Na experiência escolar do entrevistado, a escola teve este papel muito através de alguns professores e algumas disciplinas e projetos com temas à escolha.	A entrevistada diz que a vertente de estar mais informada foi mais conseguida por associações que vão até às escolas para passar as suas mensagens com palestras.	Esse incentivo foi sentido algumas vezes por parte de professoras que, mais tarde, acabou por fomentar interesse próprio.	Não foi muito abordada durante o seu percurso escolar, porém recorda-se de alguns momentos em que se discutia alguns assuntos que tivessem sido marcantes nessa semana ou mês.	Esta vertente foi sentida às vezes através da História e Geografia através de alguns professores que fomentavam o debate. Porém, de forma geral, não.	A escola não teve grande papel nesta vertente, tendo sido maioritariamente a família através do fomento de espírito crítico.	A entrevista recorda-se de palestras direcionadas aos alunos sobre temas como voluntariado e saúde. Porém, sente que não foi feito de forma cativante para que fosse de facto proveitosa.	Esta vertente não foi sentida na escola, pelo que se tratou de algo que resultou mais da família. Contudo, destaca que a escola deve promover uma formação de jovens informados e conscientes de debates.
Há referência a trabalhos sobre a União Europeia e sobre coisas mais específicas, tais como, a guerra na Ucrânia na disciplina de Geografia C durante o ensino secundário.	Na experiência escolar do entrevistado, a escola teve este papel muito através de alguns professores e algumas disciplinas e projetos com temas à escolha.	Apesar de o papel geral da Escola ser reconhecido, a entrevistada diz que esta vertente foi mais conseguida por fatores e entidades externos à Escola que utilizavam a instituição com meio de transmissão.	Esse incentivo foi sentido em algumas vezes a partir de professores e também de outros alunos que eram muito conhecedores da realidade política e nacional. Ou seja, partiu muito das conexões com colegas.	O entrevistado sente que essa vertente não foi muito abordada durante o seu percurso escolar, porém recorda-se de alguns momentos em que se discutia brevemente alguns assuntos que tivessem sido marcantes nessa semana ou mês.	Esta vertente foi sentida às vezes no ensino secundário através de alguns professores que fomentavam o debate. Porém, de forma geral, não. Por exemplo, o ensino do Pacto Agrícola do Mundo, quando Portugal entrou na União Europeia.	A escola não teve grande papel nesta vertente, tendo sido maioritariamente a família através do fomento de espírito crítico ao ver notícias e discutir o que se passava. A escola não deve esse papel, pelo menos não de forma óbvia.	A entrevista recorda-se de iniciativas como palestras de cidadania direcionadas aos alunos sobre temas como voluntariado e saúde. Porém, sente que não foi feito de forma cativante para que fosse de facto proveitosa.	Esta vertente não foi sentida na escola, pelo que se tratou de algo que resultou mais da família e dos pais. Contudo, a entrevistada destaca a necessidade de a escola começar a promover uma formação de jovens informados e conscientes de debates.
Na experiência escolar da entrevistada, a sua escola tinha atividades extracurriculares como clubes de dança, pintura e robótica. Porém, destaca o facto do valor ser muito elevado. Isto pode levar a que algumas pessoas não se envolvam nessas atividades.	Até ao ensino secundário recorda-se de existirem vários clubes dentro da escola que eram muito promovidos. Porém, a partir do ensino secundário, a quantidade e promoção de clubes e atividades era menor.	A entrevistada sente que a escola promovia e incentivava esses clubes e atividades em várias áreas como o inglês, a dança. Mais tarde, existiam clubes de leitura, teatro e clubes de desporto que pediam aos professores de educação física para avisarem os alunos.	O entrevistado diz que, pelo facto de a sua escola se localizar na periferia de Lisboa, as atividades extracurriculares eram muito poucas. Contudo, existem alguns grupos como grupo de teatro e algumas atividades desportivas.	O entrevistado não se recorda de estas atividades e clubes serem promovidos de todo nem da sua existência. Para além disso, é referida uma falta de motivação para procurar e participar nessas atividades.	Atividades e clubes eram pouco divulgados, apesar da existência de clubes de desporto que aí sim era promovidos pelos professores de educação física. No terceiro ciclo e no secundário, essa divulgação começava a diminuir.	A divulgação de atividades extracurriculares era muito focalizada no desporto, pelo que não existiam clubes de leitura, teatro, etc. Ou seja, à exceção da vertente desportiva, a entrevistada sente que não houve um grande incentivo.	Os clubes promovidos eram principalmente focados no desporto. Muitas escolas tendem a não pôr muito peso nas vertentes da música, linguas, entre outras. A diferença é depois sentida na universidade.	A escola não promove grupos, clubes nem atividades de forma geral. Esta falta de promoção pode estar relacionada também com o crescimento das redes sociais que atrapalham e distraem os jovens.
Nunca se envolveu com uma associação de estudantes durante o seu percurso escolar e, de acordo com o seu conhecimento sobre as mesmas, essas associações eram muito ligadas às listas e propagandas para as eleições. A entrevistada sente que não se conheciam bem as associações nem os seus programas de forma eficaz.	A perspetiva sobre as associações de estudantes é de que se tratavam de uma questão de protagonismo. Isto aparenta estar relacionado com as suas formas de promoção com listas que são vistas como formas de obter algo e não necessariamente para ajudar os alunos.	Durante o ensino secundário, o funcionamento das associações de estudantes passava muito pela criação e votação de listas que recebiam apoio e valor da Escola. Este processo resultava da comunicação com delegados para passar mensagens aos restantes alunos e da criação de caixas de perguntas.	O entrevistado não participou nas associações de estudantes até mais tarde quando entrou na faculdade. Este afirma que sabia da sua existência, mas que só começou a ter consciência das mais valias de participar nessas associações mais tarde.	A presença destas associações com os outros alunos parecia acontecer unicamente nos dias antes das eleições das listas através da exposição de folhetos com informações incompletas e, depois, essa presença diminuía muito.	A entrevistada esteve um ano na associação de estudantes, mas não gostou e não voltou a participar. Durante esse ano, foi coordenadora de um departamento da associação em que sentia que não sabia o que estava a fazer ou que era suposto fazer, existindo, portanto, uma desorganização.	As associações de estudantes na escola era associados aos dias das listas e das eleições das mesmas, sendo que a entrevistada sempre votou nestes momentos. Ou seja, eram muito limitadas a esses momentos e não propriamente com o levantamento de preocupações e medidas.	A entrevistada diz que fez parte da associação de estudantes durante o ensino secundário, mas que o seu funcionamento e propostas eram poucas e não eficazes.	Até ao fim do ensino secundário, a associação de estudantes era mais focada em investir no entretenimento dos alunos. A principal ação que se recorda dessa associação era a organização de eventos para se divertirem.
Os temas recordados centravam-se na União Europeia e em alguns assuntos mais atuais como a Guerra da Ucrânia através de trabalhos de grupo. Os temas mais teóricos recordados foram, por exemplo, o ataque às torres gêmeas, a China, entre outros assuntos menos recentes.	Os temas mais memoráveis durante a disciplina de cidadania foram: educação rodoviária, direitos humanos e a União Europeia. Contudo, o entrevistado recorda-se a disciplina ser muitas vezes utilizada para outras disciplinas.	A entrevistada lembra-se de abordar temas como a igualdade de género, o racismo e a educação sexual. Contudo, muitas vezes, as aulas eram usadas para outras coisas que não se relacionavam com a disciplina comover filmes e fazer trabalhos de outras disciplinas.	As aulas de cidadania eram utilizadas para tratar de outros assuntos com a diretora de turma. Ou seja, estas aulas aparentam não ter seguido o plano definido em documentos orientadores.	A disciplina de cidadania é vista como uma ótima forma de ter tempo para abordar temas de cidadania e participação social sem colocar em causa os currículos das outras disciplinas. Contudo, na experiência do entrevistado, essas aulas eram maioritariamente utilizadas para assuntos de turma.	As aulas de cidadania eram utilizadas para refletir sobre o destino, as decisões que se tomam para melhorar a escola com a recolhe de lixo por exemplo. Mas de resto, não se lembra dessas aulas, uma vez que muitas vezes era apenas "estar presente".	As memórias em relação à disciplina são de se utilizada para outros assuntos, sendo que não se recorda de qualquer tema. Faziam trabalhos de casa de outras disciplinas e apenas estavam presentes.	Os temas recordados das aulas de cidadania estão relacionados com o racismo e com o bullying. Porém, muitas das aulas eram utilizadas para fazer os trabalhos de casa, sendo que é importante que o Ministério da Educação reconheça e entenda a importância da disciplina de cidadania.	Os temas recordados das aulas de cidadania estão relacionados com a violência doméstica e o bullying. Estes temas eram abordados através de trabalhos de grupos e apresentações entre alunos.
Uma das mudanças para a disciplina de cidadania passa pela avaliação, pelo que a entrevistada dá um exemplo de um comentário positivo feita a ela na avaliação que não era compreensível pela mesma.	O entrevistado acredita que os conteúdos atuais da disciplina já estejam mais rigorosos nos critérios e nas habilidades dos professores de abordar os temas. Porém, também acredita que alguns professores tenham alguma falta de conhecimento de determinadas matérias e uma falta de comprometimento político.	A disciplina de cidadania muito importante e pode vir a ajudar muitas pessoas na questão da participação social. Os temas deviam ser atualizados, por exemplo, a luta pelos direitos das mulheres atualmente. Para além disso, existem outras temas atuais como: guerras; aborto através de debates.	Tendo em conta o funcionamento alternativo da disciplina, esta aparece não estar de acordo com as necessidades atuais da sociedade.	Tendo em conta o funcionamento alternativo da disciplina, esta aparece não estar de acordo com as necessidades atuais da sociedade.	As aulas de cidadania não estão em conformidade com as necessidades atuais, uma vez que passa por "estar presente". Do que se lembra, as notas era avaliadas pelo bom comportamento em aula. A solução passa por ter uma disciplina de cidadania que seja levada a sério.	As aulas devem ser utilizadas para aspetos mais práticos. Neste sentido, a entrevistada reconhece a importância das atuais discussões sobre a disciplina de cidadania e diz que deve ser feito um programa que de facto seja seguido e cumprido.	As aulas podem abordar os seus temas de forma diferente e abordar outros tópicos como a sexualidade, a literacia financeira, a saúde e o desporto. Isto pode ser feito através de várias formas como jogos, sendo que não se deve limitar os temas a "branco e preto".	Na atualidade, a disciplina de cidadania tem sofrido alterações que a colocam em maior conformidade com as necessidades atuais. Contudo, as aulas ainda podem e devem ser melhoradas para um caráter mais prático para que se consiga aplicar os conhecimentos na vida real.
Os temas referidos foram abordados com uma profundidade suficiente.	Apesar de as aulas de cidadania terem sido por vezes usadas para outras disciplinas, os temas dados foram dados com profundidade. Porém, o entrevistado diz que ainda é aprofundar mais esses temas e inserir outros como a literacia financeira.	Apesar de se recordar de temas abordados na disciplina de cidadania, a entrevistada sente que não foram abordados com a profundidade necessária. O único dos temas em que sentiu que foi suficiente foi a educação sexual.	As aulas de cidadania não foram utilizadas para abordar temas, pelo que quando questionado quais os temas que se devem abordar atualmente, esses variaram desde as desigualdades sociais a outros tópicos mais recentes.	As aulas de cidadania não foram utilizadas para abordar temas. Os temas que se devem abordar variaram desde alterações climáticas e o seu impacto, o racismo e a xenofobia e questões LGBT.	Os temas referidos pela entrevistada não foram abordados de forma profunda.	Não existe referência a temas abordados nas aulas de cidadania. Os temas sugeridos são: desigualdade de género; racismo; literacia financeira; e educação sexual.	A abordagem dos temas foi superficial, mas tendo em conta a idade, talvez não fosse possível abordar de forma muito mais aprofundada sem que os alunos não percebam os tópicos.	A abordagem dos temas foi suficientemente profunda tendo em conta os materiais e os dados estatísticos a que se tinham acesso. Esta profundidade faz com que a entrevistada ainda se recorde dessas aulas e valorize as mesmas.
A disciplina mais relevante é Geografia através de temas como as guerras anteriores, os conflitos atuais, entre outros.	Por exemplo, o entrevistado aborda a necessidade de fazer alterações na disciplina de Educação Física, uma vez que muitos jovens vivem o desporto como algo de lazer e apenas uma disciplina que pode somar mais nos pontos no final na média.	As duas disciplinas destacadas neste âmbito são: Ciências no ensino básico; Educação Física; Geografia; e História no estudo do passado que pode estar associado a lacunas na cidadania. A principal disciplina destacada é a Sociologia.	As três disciplinas destacadas neste âmbito são: História; Geografia e Português.	As disciplinas destacadas são: História, Português, Ciências, Filosofia. No caso da História, a sua importância esteve muito associada à professora que lecionava apesar de existirem temáticas importantes.	As disciplinas destacadas são: História; Geografia e Português. Nestas disciplinas, pode-se ter uma experiência interdisciplinar e arranjar tempo para temas de cidadania e participação social.	As disciplinas destacadas são: História; Português e Biologia. No caso de Português, é dada a sugestão de rever o Plano Nacional de Leitura e colocar obras mais atuais sobre temas atuais.	As disciplinas destacadas são: Educação Física em que era possível abordar a parte da saúde; Matemática; Geografia e História.	A disciplina destacada é História através de temas como os direitos humanos ao longo das décadas, a questão da escravatura e o colonialismo.

Anexo L – Tabela-modelo de análise de entrevistas (Cidadania - Parte I)

Conceitos	Dimensões	Perguntas	E1 (Raí)	E2 (Marta)	E3 (Margarida)	E4 (Carla)	E5 (Luís)	E6 (Ana)	E7 (Matilde)	E8 (Daniela)
Cidadania	Definição	P1	Noção de que vivemos numa sociedade onde exercemos deveres e direitos. Em termos práticos "estamos em Portugal, sou português, em uma cidadania portuguesa e pronto, tenho direitos e deveres".	Cidadania está associada a um conjunto de pessoas que trabalham para algo do bem comum por base os seus direitos e deveres comuns a todos. Criação de boas vivências.	Cidadania está associada a um grupo de pessoas que interagem e colaboram entre si para algo na sociedade.	Cidadania está associada aos direitos que regem as nossas vidas, comportamentos e normas sociais. Parece associar aos nossos deveres e direitos em cidadãos.	Os pilares da Cidadania estão ligados ao saber viver em comunidade, sendo que a Cidadania é um elemento fulcra nas sociedades. A Escola tem um papel importante nisto.	Cidadania enquanto o conjunto de comportamentos e práticas que nós temos favor da comunidade. Surge relacionado com a interação entre pessoas para o mesmo objetivo.	Cidadania enquanto vinculação de um indivíduo a um Estado. Esta ligação estabelece e assegura um conjunto de direitos e deveres para com o Estado e sociedade em que o indivíduo está inserido.	O conceito de cidadania é associado ao valor de cada indivíduo na sociedade e a sua contribuição para a mesma. Está também associado com a forma como os indivíduos se relacionam e com o que consomem.
	Oportunidades	P12	Não existe algo concreto, porém gostaria de estar envolvido em algum voluntariado relacionado com os interesses já referidos das histórias de vida (passar tempo com pessoas, ouvi-las).	Desejo de participar numa associação de animais já conhecida pela entrevistada, sendo que as ações passam pelo passeio de cães e alimentação. Para além disso, também é referido o Banco Alimentar.	Perante o pouco foco e participação em ações relacionadas com política, a entrevistada diz que gostaria de se envolver mais nessa vertente no futuro, mais especificamente, política educativa.	Segundo a estrutura que existe no Banco Alimentar com a recolha de bens alimentares, a entrevistada gostaria de participar em algo semelhante mas com produtos de higiene para as mulheres e a distribuição dos mesmos.	Tem interesse em fazer voluntariado internacional em países marcados por conflitos e crise de refugiados	Apesar de não participar em associações, existe um desejo de o fazer no futuro que se siga os interesses da entrevistada na temática da habitação.	Tem interesse de continuar a fazer voluntariado no futuro. Existe também um interesse futuro de participar mais na vertente política como manifestações e em associações.	Revelou ter interesse em participar em projetos de promoção de atividade física na população idosa através de Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia.
		P26	Responsabilidade e empatia e, ao mesmo tempo, consciencialização da importância de adquirir essas competências para o futuro dos jovens. E, por fim, o respeito, mesmo que seja respeitar algo com que não concordem.	As competências referidas passam pelo respeito, empatia, pensamento crítico e argumentação. E, para além disso, abertura de espírito de ouvir outras ideias e, por fim, trabalho em equipa.	Refere imediatamente a empatia, num mundo escasso em que o ser humano quer viver com recursos ilimitados. Esta competência permite pensar no outro e na vida social.	Respeito e empatia como essenciais para lidarmos com o próximo. No geral, competências associadas às relações interpessoais.	Trabalho de grupo e empatia são encarados como super valores. A necessidade de fomentar esses dois valores aparenta estar relacionado com o avanço das tecnologias que distanciam o lado humanizador das pessoas apesar de as mesmas terem sido essenciais durante a pandemia.	Destaque imediato da empatia que fortalece o elo comunitário com a capacidade de nos posicionarmos no lugar do outro. Para além disso, o espírito crítico também é destacado.	As competências referidas são: o respeito; o trabalho em equipa; competências de liderança; e oratória.	As competências referidas são: ética de trabalho; sentido de compromisso; adaptabilidade; trabalho de equipa; comunicação e raciocínio.
		P29	Os jovens de hoje são os adultos de amanhã que estão cheios de energia e de ideias para mudar o mundo. O espírito de mudar e de querer fazer diferente e de procurar melhorar.	A integração e participação social dos jovens permite-lhes desenvolver competências para ver o mundo e ter ideias novas. E essa capacidade de descentralização de eles mesmo é muito importante, principalmente nos jovens.	Os jovens devem ter um papel de vontade de mudar porque os jovens são o futuro de amanhã. E o papel da Escola é de ser base e guia para mudar a mentalidade e motivar os jovens a participar e mudar.	Porque os jovens são o futuro e em gerações mais avançadas, algumas pessoas já têm a sua cabeça formatada e já não há tanta abertura para a debater coisas. E outras gerações, estruturas e instituições devem acompanhar isto, se não, não vale a pena.	Necessidade de a próxima geração ser caracterizada por formações, valores e princípios. Existe uma relação entre esta necessidade e o papel da Cidadania para que se aprenda a viver em sociedade.	Nos próximos anos, vão ser os jovens que vão estar nas organizações do espaço político, ou seja, vão ser eles a tomar as decisões. E por essa razão, é importante que os jovens vão ganhar interesse.	É importante porque os jovens são o futuro do amanhã. Para tal, os jovens devem começar a ter uma voz ativa para alcançar uma sociedade mais democrática quando forem adultos.	Os jovens devem começar a ser proativos para mudarem o mundo, uma vez que são o futuro. Porém, a entrevistada tem uma visão negativa disto.
	Limitações/Barreiras	P11	O termino das atividades que o entrevistado já não realiza aparenta estar relacionado com o fim do 12º ano, uma vez que muitas dessas pequenas participações aconteceram em âmbito escolar.	Existem vários fatores que são identificados ao longo da entrevista, sendo estes: falta de tempo, desconhecimento, necessidade de alguém com quem ir, desinteresse.	O envolvimento já elevado em associações e associações de estudantes faz com que não exista muito tempo para mais.	Com o início do mestrado no passado, a entrevistada desligou-se do Núcleo devido à pressão do tempo e das atividades nesse âmbito. De momento, já não faz parte de nada disso.	Após terminar o ensino secundário, não se envolveu em nenhuma associação no seu primeiro ano de licenciatura na faculdade, sendo que apenas este ano é que entrou no Núcleo. A transição para o ensino superior pode ter sido uma das causas para ter interrompido.	Conformismo é apontado para a razão para a entrevistada nunca ter participado formalmente, por exemplo, em associações, uma vez que aparenta fazer interesse. Para além disso, o desconhecimento de como associações e movimentos sociais funcionam.	Existe uma perceção de distanciamento de algumas entidades como associações para com as pessoas que não conhecem essas associações.	Apesar de ter feito voluntariado de forma pontual, a entrevistadora identificou a falta de tempo e a falta de iniciativa própria como as razões por não ter participado mais.
		P13	Existe um desconhecimento de instituições e associações que façam o que segue o interesse do entrevistado, em relação às histórias de vida. E, em termos políticos, existe alguma hesitação no que diz respeito às manifestações e as suas consequências.	A falta de tempo, de não saber onde encaixar essas atividades.	É referido que o envolvimento já abundante em várias associações faz com que a entrevistada não consiga participar em outras vertentes sem ser de forma mais pontual, como eventos organizados, entre outros.	Falta de tempo, associado ao estatuto contínuo de trabalhador-estudante no passado, sendo apenas trabalhadora atualmente. Foi um desafio conciliar tudo desde do início do envolvimento passado no Núcleo.	A atual frequência da licenciatura é referida como sendo a principal razão devido ao tempo consumido que poderia servir para ir para fora e estar envolvido internacionalmente. Para além disso, a quantidade de avaliações é apontada como outra razão.	A atual combinação de estudo e trabalho e o conformismo aparentam ser os principais impedimentos a uma participação social mais ativa.	Aparenta participar no que pretende atualmente, pelo que no futuro pretende continuar esse rumo.	A entrevistadora identificou a falta de tempo como o principal obstáculo, por se encontrar a trabalhar.
		P27	A Escola deve ajudar os jovens a entender as competências pretendidas e importância das mesmas no seu futuro e na sua socialização com os outros ao seu redor. Também deve suportar os jovens quando os seus seios familiares não são favoráveis.	Uma maior relação entre o professor e os alunos de forma a entender o próprio ambiente dos mesmos para saber como abordar os temas de forma progressiva. E a Escola deve afastar um pouco da fixação em currículos.	Meio fundamental de formação e base para que as pessoas cresçam empáticas em sociedade. O facto de se passar tanto tempo na escola é apresentado como sendo um dos motivos pelo qual isso é importante.	A Escola é o centro e fundamental, pelo que deve fomentar a participação dos jovens e o desenvolvimento das competências.	A Escola deve fazer frente à tendências de desinformação e afastamento social das pessoas. Isto volta a estar associado a uma necessidade de trabalhar e fomentar a vertente da inclusão que tem vindo a ser bastante mencionada pelo entrevistado.	Envolver os jovens na organização de atividades para perceber os seus interesses, para não ser a instituição a impor e, ao mesmo tempo, criar espaços de conexão com a comunidade através de atividades, por exemplo, ir observar um refeitório que faça refeições que têm carência económicas.	A Escola deve promover atividades mais práticas em vez de se prender apenas aos currículos escolares. Isto é conseguido com a promoção de debates e partilha de opiniões. Para além disso, a Escola deve atualizar alguns dos seus conteúdos a abordar temas mais atuais.	A Escola deve retirar o foco excessivo no conteúdo e na quantidade de conteúdo, devendo focar-se no aprender a aprender e aprender a pensar com base as necessidades atuais dos alunos e da sociedade.
		P28	O principal obstáculo identificado é a falta de educação no seio familiar que por vezes molda os jovens que depois refletem o que veem em casa na rua. É necessário que a Escola e os professores façam a diferença aqui.	Falta de figura da família que tome as atitudes e ações de participação social. Para além disso, as pressões académicas, sociais com colegas e pressões de terem boas notas também são apresentadas como possíveis obstáculos.	Os obstáculos relacionados com a Escola foram a falta de espaço e abertura para debates e clubes e as condições financeiras. O obstáculo genérico foi a falta de motivação dos jovens que se acostumam pois acreditam que pior não pode ficar. Essa desmotivação pode resultar de falta de conhecimento, de não saber como ajudar ou das diferentes formas de se expressar.	Os currículos podem ser obstáculos, uma vez que muitos professores se sentem pressionados. Contudo, já vê uma diferença com o seu irmão de 10 anos em que vê um maior investimento e maior participação dos professores. Outros obstáculos são: excesso de informação online; pressões e preocupações sociais.	A existência de ideologias alimentadas por fontes de ódio e desinformação que desumanizam as pessoas. As principais fontes disso aparentam ser as redes sociais.	O distanciamento da política por parte dos jovens, muito pelo facto de muitos pensarem que não podem participar politicamente sem ser através do voto. Já não existe muito a ideia de se juntar, por exemplo, a grupos ou ser ativista.	A falta de consciência da importância da participação social dos jovens é vista como um obstáculo, tanto deles próprios como da sociedade. Ou seja, aparenta existir uma certa desmotivação de saber mais sobre como participar, sendo que talvez testemunhos de outros jovens possam ser um bom ponto de partida.	A falta de tempo em família é apontado como um obstáculo, uma vez que esse tempo é suposto ser a ligação ao mundo adulto. A entrevistada sente que isto se está a perder nos dias de hoje.

Anexo M – Tabela-modelo de análise de entrevistas (Cidadania - Parte II)

Tópicos								
E9 (Alice)	E10 (João)	E11 (Andreia)	E12 (Nuno)	E13 (Duarte)	E14 (Rita)	E15 (Joana)	E16 (Sofia)	E17 (Carolina)
Cidadania enquanto conjunto de comportamentos e ações que visam assegurar os direitos e deveres das pessoas e, ao mesmo tempo, que contribuam para a boa vivência em sociedade.	A discussão em torno da cidadania tem crescido na sociedade. Este conceito define o conjunto de direitos e deveres que as pessoas têm enquanto participantes numa sociedade democrática.	O conceito de cidadania está associado ao ato de ajudar os outros e de estar presente. Ou seja, o conceito está associado à vivência em sociedade com os outros, idealmente sem desigualdades entre as pessoas.	O conceito está associado à participação ativa na sociedade conseguida através da compreensão do seu funcionamento, necessidades e através do emprego. A cidadania está também associada a vários direitos como o acesso à cultura.	O conceito de cidadania está associado ao valor que todas as pessoas que vivem numa sociedade devem respeitar e aceitar. Esta aceitação permite que se viva de forma civilizada em conjunto com outros.	Cidadania é saber estar em sociedade com respeito entre outros de forma civilizada.	Cidadania está ligada à participação social. O conceito descreve a forma como uma pessoa se sente uma cidadã ativa e útil para a sociedade através de comportamentos para ajudar os outros sem querer algo em troca.	Cidadania está ligada à preocupação com os outros cidadãos e com o impacto que cada um pode ter na sociedade. Essas ações podem ter influência a nível nacional e também internacional.	Cidadania está ligada aos direitos das pessoas que pertencem a um Estado. Esta pertença permite que as pessoas tenham os seus direitos e deveres que são comuns a todos os cidadãos.
As atividades em que a entrevistada gostaria de estar envolvida no futuro passam pela continuidade na vertente de voluntariado, mais especificamente, com crianças. Porém, não tem conhecimento de que associações existem.	O entrevistado tem interesse em participar numa associação portuguesa que acompanha frequentemente nas redes sociais e que conhece relativamente bem.	A entrevistada tem interesse em participar numa associação perto de onde vive. Este interesse no futuro é um objetivo pessoal, pelo que sabe que muitas associações, mas não abrangem esse apoio.	O entrevistado gostava de se envolver em mais associações e instituições no futuro, sendo essas: Vida Justa; Diásporas Sem Fronteiras; SOS Racismo; ILGA em que já participou numa manifestação.	No futuro, o entrevistado gostaria de se envolver em vertentes mais locais ao contrário da Aministia Internacional, uma vez que considera os objetivos de entidades internacionais muito ambiciosos.	A entrevistada gostaria de se envolver em vertentes mais lúdicas e pessoais, mas não existem planos atuais para se envolver em mais alguma associação no futuro.	Não existem planos para mais participações em voluntariados. Porém, a entrevistada diz ter um desejo de trabalhar numa associação para ajudar as pessoas mais desfavorecidas.	A entrevistada gostaria de fazer voluntariado em países de África, uma vez que tem vários amigos que já o fizeram. Esta experiência seria algo em que se iria mudar a vida de crianças e adultos.	A entrevistada gostaria de abrir uma organização não-governamental com o intuito de prestar apoio a maior mundo da participação social.
As competências referidas são: a responsabilidade; o respeito, a empatia; e a compreensão.	A competência social destacada é o trabalho de grupo conseguido com o sentido de comunidade num mundo em que as pessoas estão cada vez mais isoladas. Este isolamento está ligado às redes sociais e às tecnologias.	As competências sociais destacadas são: respeito; trabalho em grupo; e respeito pela opinião dos outros.	As competências sociais destacadas são: competências digitais com o software Office; argumentação e comunicação; interpretação de informação; e trabalho em grupo.	As competências sociais destacadas são: aceitação do outro; trabalho de grupo; empatia; e ética profissional/profissionalismo.	As competências sociais destacadas são: autonomia; criatividade; trabalho em equipa; proatividade; planeamento e organização; comunicação; tolerância; empatia. Portanto, há muita coisa que a escola poderia trabalhar.	As competências sociais destacadas são: empatia; tolerância; e respeito.	As competências sociais destacadas são: empatia; saber trabalhar em grupo; respeito e sentimento de responsabilidade. Estas competências podem surgir das ações mais pequenas como apresentações e trabalhos, entre outras.	As competências sociais destacadas são: empatia; consciência política; e consciência racial.
Os jovens são as pessoas mais proativas que existem no mundo atual, logo a mudança deve partir deles.	Os jovens são o futuro, pois vão contribuir para a transformação do seu país nos próximos anos, no reforço da democracia e igualdade.	São os jovens que vão fazer a diferença e que têm que lutar pela estabilidade que querem para o futuro nas suas vidas.	É importante que os jovens tenham um papel nas mudanças sociais porque são eles que vão levar com as consequências dessas ações caso se percam a capacidade de empatia e se mantenham num ciclo vicioso.	Os jovens são o futuro de uma sociedade, pelo que faz sentido que eles ponham em prática as suas ideias de mudanças e participar, uma vez que os adultos estão mais centrados em viver o que já construíram.	Os jovens são importantes porque ainda têm muito anos para a preservação social que para fazerem mudanças e, para além disso, tende a ter uma maior sentimento de esperança. Para além disso, têm um sentimento de confiança e mais energia.	Os jovens são o futuro, sendo que devem reconhecer o que está errado e não ficar indiferente. São os jovens que devem estar interessados em construir um futuro melhor para si mesmos desde cedo.	Os jovens são bombardeados com informação e informações falsas e cabe a eles pesquisar e procurar saber o que realmente lhes faz sentido. Para além disso, os jovens são a voz do futuro.	Os jovens são os responsáveis por criar uma sociedade mais igualitária e justa no futuro. Para tal, devem levar consigo uma consciência social de ideais, deveres e direitos para caminhar para a sociedade desejada no futuro.
O desconhecimento de outras associações e dos seus respectivos funcionamentos aparentam ser algumas das razões por trás de não participar em mais ações nessa vertente participativa. Para além disso, a quantidade atual de atividades em que já está envolvida é vista como sendo elevada.	O entrevistado aparenta ainda ser bastante ativo, pelo que não existem impedimentos atuais.	As vertentes em que a entrevistada menos se envolve são de facto eventos políticos mais pontuais como manifestações e protestos. As razões apresentadas por trás disto estão relacionadas com a confusão associada a estes eventos.	A falta de tempo provocada pela interligação do trabalho e dos estudos é uma das razões pelas quais o entrevistado parou de participar muito em algumas vertentes e não chegou a participar noutras desejadas.	O entrevistado mantém-se bastante ativo nas ações e projetos de voluntariado, sendo que o único impedimento identificado a uma maior participação é a falta de interesse noutras vertentes como partidos e manifestações.	Apesar das temáticas de interesse, não se sente tão participativa nessa vertente, porque não conhece assim tão bem. Para além disso, a entrevistada refere que tinha desconfiança sobre o funcionamento de associações.	A falta de tempo é apresentada como sendo a principal razão para a entrevistada não se envolver em algumas vertentes. A falta de tempo faz com que a dedicação e coração que deveria ser utilizado para essas vertentes não seja conseguido.	A entrevistada diz que não é mais ativa apesar dos seus interesses, uma vez que gostaria de estar mais informada e de ter mais tempo. Os estudos e o envolvimento em associações não permite muito tempo livre.	A falta de tempo e a simultaneidade de atividades realizadas são mencionadas como sendo as razões pelas quais nunca se envolveu em determinadas vertentes e parou outras. Isto porque participar socialmente de forma impactante exige ir de todo o coração.
A falta de tempo é apontada como um obstáculo a novos envolvimentos em participação social, pelo que também está relacionado com a tendência de participar em ações mais pontuais.	O entrevistado aparenta ainda ser bastante ativo, pelo que não existem impedimentos atuais.	A falta de tempo é apontada como um obstáculo a envolvimentos pretendidos, uma vez que existem muitas associações com que a entrevistada se pretende envolver em Portugal e a nível internacional. A falta de tempo tornou-se mais acentuada com o começo do mestrado.	A falta de tempo é apontada como um obstáculo a uma maior participação social, sendo essa falta de tempo provocada pela interligação do trabalho e dos estudos.	O entrevistado considera-se bastante ativo nas ações e projetos de voluntariado, sendo que o único impedimento identificado a uma maior participação é a falta de interesse noutras vertentes como partidos e manifestações.	A entrevistada considera-se uma pessoa que não gosta de formalidades nem protocolos, apesar de reconhecer o seu sentido em determinadas formas de participação social. Ou seja, prefere que exista uma informalidade entre as pessoas.	A entrevistada continua a ser ativa em ações mais pontuais, uma vez que é algo que dá para gerir, apesar de ser menos ativa do que antes, pois é mais flexível.	A entrevistada continua a participar nas atividades e vertentes, à exceção de algumas ações. Isto deveu-se à falta de tempo e pela necessidade de se dedicar mais a outras atividades.	A falta de tempo e a simultaneidade de atividades realizadas são mencionadas como sendo as principais razões pelas quais a entrevistada não participa de forma mais ativa.
Através de momentos em que se estabeleça a prática dessas competências através da escuta ativa e resolução de problemas entre e com pessoas para ensinar a aprender.	A Escola deve criar um contexto interdisciplinar propício ao desenvolvimento crítico sobre a realidade e o mundo.	A Escola deve promover parcerias com outras entidades como associações e instituições com a criação de projetos, assim como os seus próprios projetos internos por si só, sem entidades externas.	A escola deve manter uma relação entre escola e comunidade através de projetos e atividades para fazer frente a desafios.	A escola deve motivar os alunos a participar e a entender a importância de participar e, para além disso, deve dar a oportunidade de os alunos o fazerem. Isto pode ser feito através de iniciativas e promoções de voluntariados, parcerias com a comunidade, entre outros.	A escola deve explicar os conceitos entre os alunos e implementar e dar espaço a debates e partilha de opiniões. Isto deve acontecer dentro da escola e na disciplina de cidadania que deve ser levada a sério com o cumprimento sério dos programas para a mesma.	Os trabalhos de grupo são uma excelente maneira de fomentar as competências mencionadas pela entrevistada através do fomento do respeito conseguido em ações e comportamentos escolares.	A entrevistada dá o exemplo de uma atividade de Ciências com algóbio e sementes como uma ideia de como se pode trabalhar o sentimento de responsabilidade com os jovens.	A falta de tempo e a simultaneidade de atividades realizadas são mencionadas como sendo as razões pelas quais a entrevistada não participa de forma mais ativa. A Escola deve promover competências sociais desde cedo com crianças mesmo que de forma mais leve.
O foco em si próprio de forma excessiva é visto como um obstáculo à empatia e cidadania. Para além disso, a ideia de Escola e os seus métodos pode ser alterados de forma gradual para menos rígidos em termos, por exemplo, de resultados unicamente.	O foco exagerado nas redes sociais e tecnologias é apontado como sendo um obstáculo que pode afetar negativamente o espírito de comunidade. Isto quando nós vivemos demasiado em redor disso.	O medo de dar uma opinião que pode ser diferente dos outros é apontado como sendo um obstáculo, uma vez que as pessoas têm medo de ser julgado e gozado publicamente ou nas redes sociais. Muitos jovens têm medo disto.	Os obstáculos identificados pelo entrevistado são: desigualdades económicas em Portugal, falta de meios nas escolas, dimensão elevada de turmas de 30 alunos, empregos precários, falta de possibilidade habitação própria e baixos salários.	O desenvolvimento da internet e das redes sociais acabam por criar pessoas mais ativistas e possibilitar o acesso a diferentes ideias online. O entrevistado não identifica obstáculos, pelo que acha que as pessoas da sua faixa etária estão muito interessadas e envolvidas na problemática da participação social e cidadania.	As redes sociais e o estar online ajudam os jovens, mas por outro lado contribui para a polarização causada pelos algoritmos que apresenta conteúdos "preferidos", podendo torná-los mais extremos no que acreditam. Para além disso, as questões económicas e a participação passiva dos jovens são apontadas como outros obstáculos.	As redes sociais e a sua influência nas crianças e jovens pode ser perigoso, uma vez que o grande acesso à informação torna difícil, por vezes, distinguir o certo do errado de forma crítica. Isto pode consistir um obstáculo à cidadania e participação dos jovens.	As tecnologias são apontadas como um possível obstáculo à participação dos jovens, uma vez que afasta os jovens da realidade que os rodeia. Para além disso, o distanciamento e desconhecimento da política também é apontado, no sentido em que muitos jovens não sabem muitas das questões políticas como partidos.	As redes sociais e a internet no geral são apontadas como sendo os maiores obstáculos à cidadania e participação social dos jovens. Isto porque as redes sociais conseguem propagar ideias e conceitos que não correspondem à verdade nem à realidade.